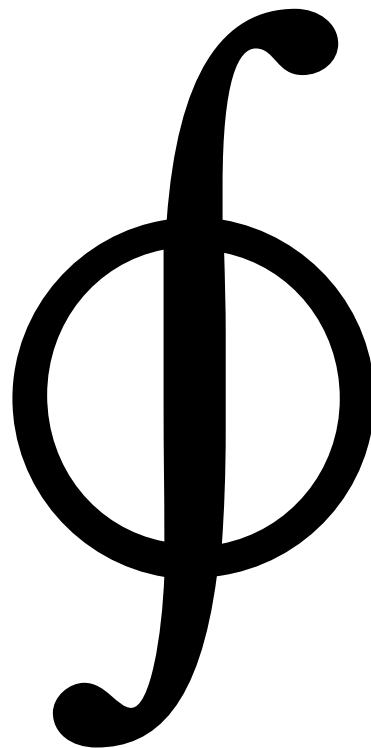


Ofero

Orfeo Através de Espelhos
Uma Oferenda às Esferas



“Quem conhece a história está fadado a jamais repeti-la.”



:0{ :|:& };;

*aos amigos amores alegrias
sabedorias sabores e abrigos*

λ§

πρόφωνος

λΕρμῆς §

Om... Ah! Y Om... solveágula nascitur fazte e é fé ruge caos abdorovo clama ümsyica em nomes da musa única e imaculável cessemos nunca virgo áureo cânticos noiyzon ó substcosmia dynam ganbgib ditransplosã indíviso lume infrainfla flutações zenxyt daensean breu reconda vers quasárnova rarefeta tranma scarma vénoas lwimpas óbol zwul magnas a numes cordas nó de onde ramagens paragens e vertigens decacorrupt almagst aition geomtria aquando eidomorfias signosis cronica renmória insurgromp frontrase ira abismanat gravyt frutolor cromal estréis perfem gestaars vácuos deseus phísicas nu soliqgá elasma choque corpixa fibri parafaísca plasma flama emana fictio senchama fogo brasa mol ámalrgens espectro dimensionda sendas equergia emendax fizzura vrumor ox textecitras lerendas kraia trova chovedig pranateia escoânsias gyr escortagna riólagó chemka centrífóra cráter arisca filtraea protessens erupto vibrétyl ãüoe membraná expl ansparência evolú laval xyz rocópreda hadeon órgrãos lamabaro lavras penulagens putrevareal pó fuligema taxembryo galacias eteréculas aljabr quipu quipolimeri sat momocrosso solgaía bión arcaeá speclad monrae bactispro gondwana eukaryo functo gnufi xéx quar plantu aminor sinética afr metaból herevar fisiotomia botanzoo herpetornito cryptambrean sobrev paleontá ou vaalbara antrosó et tradita etolog batikrum hyno vene madmo coz hiperiose sa crest idlim fermtal andse sinchi printuas medauxo at brenzo eoarchaeon kebaran astroid kerogen panpsermia caldsír orozoirianc climarché siderhycien ecstaetnian varangia tlantis coomperatiãço minoã psykha cas caç agra precuária clutaru urb guesa errcritia diluivo musnaus metaepikh gnowl taom hyera ab mysth layx acadugar hind feníbraico suméramaico in media res etioárbylônar coindípcio mayagual polimné somagali afarsahaúça cyclad creteé ofero:

∫∫∫

333

川

φ αβ ψ

ψΛύρα ψ

Soe aura, lira: Não olhes atrás, há já mais, adianta Exu a Astraea súplicas de saudades das luzes, satisfeitas as lascívias da fome e ofertado ao sol dilacerado corpo às línguas, fúrias sem escutas escorrem gozos, risos em chamas, cedendo o presente ao passado pesado pesadelo sob a foz voz perdida que abre das asas portas e do gesto umbral onde iniciação não há, vias só o terror do tesão, vão musos se dedicar à diversão profana para poder calar Lino enforcado pela próprias hercúleas vaidades, companheiras de concha e cave a chorar justo ela enquanto o aedo sente os fragmentos da cor pó espalhado pela ágora, logo sempre que cessa de cantar, retorna a dor, morre com cada música e deveria estar morto, mas ainda nem menos, mais e mais rios liquidam de epítetos traumaturgo histeor Fróreo desejo. “*Querer, a maldição de Orfeo.*” às vísceras lendo, Diótima fiandeira, toma às mãos a cabeça seca e atenta à recostura com o agulhão do moscardo das mulheres de apenas penas, tácitas olhâncias, joelhos aos pescoços esfolados, nós dos cabelos de Safo poesia viva, tenaz, pela morte do último digno macho Adônis, arrancados para tecer um mito de um grito aos lábios labirínticos sem sopro para apreender a lágrima de Medéa esquiva, para aprender a não ter apegos a uns e não a todos, para desprender o conhecimento do retorno, escrava sem nome bebe o lodo. Elo, res, voltes mil e uma vezes, erres barro oco até que escorram os vazios que te preenchem, carrara esculpida em Pítia vulva orelha violada pelo olímpico do templo, rouba a lira Terpander de Antissa, enriquece e desenterra em Derveni a Síbila sem catabase sob o monumomento à prisão das Musas chamada Museu, cujas chaves foram queimadas por Marsyas praguejante, peles arrancadas pelo desafio do desfilio de melosvias na garganta de Síringe, abandonada por Atena, que leva Hesíodo à forja de um catálogo de visões soantes em rituais teatralizados, procissões carnavalescas, onde Homero vê Cassandra sereia da visão que lhe mostra, nas brumas de caleidos pelos filtros da costa, sua próxima lida num cego argênteo, sem amores. Correntes de papel num espelho esférico, o preço por incorporar Posseydom à decadessência

αΌρφεύς β

Ouve tempo, ruína: não reveles tudo, deixe vão entre espaço para indefinida infindas nomear-se amor...

φΕύρυδίκη φ

Escuta harmonia, sonho: Mastigam os dentes do nervo da concha de carne e cartilagem, gemem contra os tendões retesados de cera que rangem estirados ao pavilhão quando da espatifação do globo ocular que choca os dutos entoando um som único que vibra o cadáver dos olhos que tremem numa mesma frequência enquanto os suores e os risos cedem a pequenos espasmos e grunhidos. Um nó e ventados cabelos arrancados como grama, roupas rompidas e atiradas ao lufar de suas quedas, unhas estilhaçam os poros, abrindo solos, os dedos tocam o coração ainda pulsante e puxam-no pela língua. Esticados os nervos carregam consigo um gotejamento assíncrono às gargantas onde passam os risos convulsivos, os dezesseis braços esticam o couro e amarram-no, preparando um tambor que tocam com o falo enrigecido pelas tripas, entumecido em todos os orifícios de todas as Bacantes. Cessam os risos, um grito estridente, os choros tomam as traquéias inchadas de agulhas caindo sobre poça de sangue e respingando um xilreado da ave que se mescla ao zumbido de uma mosca, ambos pulsando síncronos às fiandas e às penas arrancadas e intumecidas na tinta que glosa o fatiar da matéria vegetal triturada e amassada das folhas do papiro que embrulha de ranhuras o coração palpitante em jorro. Riscos de secura são desarmados no gargarejo de vogais, correntes arrastadas, o torno rota e o formão devora o estalo dos galhos crescentes na rachadura do mármore limado por mais gestos que os que cabem numa escravidão, religião dos urros oprimidos, desatino do afiador de cordas, grãos sob as unhas roçando como a lasca do ébano atravessado pelas gotas de vinho. O molho geme como grilhões que se desatam em letras de ferro quente, o som marca, a água ferve e sublima a flecha que tende contra o bambu. As rochas não dissipam a terra, a entalhadeira não marca a lama, cantos joviais, vozes imitando vozes com risos disfarçados nos sobretons, rodas rangendo rotores, a terra batida condensando dura marcando o caminho sob a teia tecida pelo avesso. Sua orelha, iguaria dos abutres que grasnam. Rasgos, cortes, fissuras, uma pedra marrom marca outra com sua cor num rocio alucinado, o mar revoltoso se choca

dos éons para avistar Ésquilo, rei de nada, a arrancar palavras da terra mida ferida aos pulsos que marcam pedras sem leis à venda, Sófocles mercante de lendas dá aos cidadãos rimas divinas, iludindo-os da proporção de suas distâncias, inventa o poder só, com o qual Xenófanes abre ao riso pranto e realiza a fictícia divisa entre escrita e rítmica, ora mora ou fora das quatracentos e vinte e uma hipóteses de molde dos outros aos enredos, como de Laércio flor de muro em vislumbrar Tales o eco guiando novelo do buraco das estrelas, não cai na desmesura de esquecer de lembrar a fixidez marmórea e queima o karma de Heráclito brilhante, Apolo grande glória do tamanho do pé, presa nave ao trilho da necessidade, mesmo que da lhofa como no anuviado das fontes, acorrentadas todas as águas do ilimitado que fascina a vigília de Anaximandro meditante acordado sobre a coluna da ruína fé, ao fogo menor que um átomo, os anciãos ante o espelho negro pensam, o escaravelho. Um passo em falso, somos nós, as devoradas éguas que arrastam o divisado escravo frente a Parmênides temperamental, não conseguindo decidir de que lado da palavra se encontra a roda e se gira, grita com as Völvas de alegria a versar sobre filósofos belos e sutis de outras terras ainda desconhecidas, em cantadas ajudando nas tarefas domésticas mais duras e brutas, imaginam erigindo Valquírias os Druidas dançando com elas à distância da lenha da neve à tundra vazia, de onde se ergue um Beduíno numa baía ao deserto em movimento na clareira do pântano fendida visão noturna do raio caindo após o trovão sobre o Shaman, recebe-o à face, gloriosa queda iletal da letra à carne ossada das fezes de mascarados de longe trazendo multidões de desnudos, se tocam músicas entre si e agarram os moradores arrancando-lhes as roupas, berram histriões, coros arrastados, cruzam as arcadas do templo, uma mesma nota anodoando: “A poesia cósmica é, independente das intrigas dos contos infantis.” Glossolalia política desenvolve entre os olhares turvos, ocorre um imenso silêncio entre. Se voltam para Oefro hospedeiro e passam a toada uníssona: “Infinita infinidade é uma viagem circular, antes livro a canção.” Pitágoras tetramegisto arma dos presentes harmonia, traz para si a desolação, soa e resta um ano calado à doação enquanto todos se

contra os rochedos, o que se desprende raspa contra a parede dada a força do vento. O arado de gramas racha e craquela as vigas, rangem as juntas dos joelhos e as vozes titubeiam pra então se atirar ao veneno que amortece o pensamento que contém os cantos e solta as línguas que se embrulham e buscam o batuque escrito e riscado, dois furos abruptos convergem a máscara que modula o timbre à cor do bode, berro, gesso derramado cristalizando as garras atadas às ranhuras do silvo de mau agouro, silêncio. Nervos se conectam ao fluxo do ar para ouvir os pés no chão a girar a harnia toda cravada no botão despetalado da faísca de rios borbulhantes, flamas e labaredas, sonâncias das tensões da trama que faz chover sobre o lago de conchas que se chocam com a onda que a tudo ameniza para se ouvir o fino fio da luz do dia adentrar pela caverna e reluzir a rocha firmada. Treme todo o planeta, fendem-se continentes, submergem espécies de canto que não se poderia chamar de canto, escorregam as patas sobre o couro, patacas que se empunham, cascos dobram o tempo, marcas e sirenes aquecem e friccionam, esfregam fibras, raspam órgãos. Os livros contra a pele, o sangue contra os passos dezenove, são os arcos dos estalos da fogueira, coça o olho e prepara a dobradiça que criquilha, as piaçavas corridas e o rumor das fossas rimam com o som da panela vazia quando respinga a própria bosta sobre o pasto e ao fundo se pode ouvir as aves interagindo com os modos de alegria dos tubos vazados, as folhas secas sobem da terra e se convertem em metais que tilintam, o cervo ruma e afasta o urso que grunge. Árvores caem, avalanche de ossadas, carne martelada em oito por cinco. O som da roda de pedra, carne e sangue revelam no tanque. “Evoé!” carimbado no osso rachado, roído, moído, lascado até que afiado e través do lábio atravessam as argolas e os sexos balançando contra as coxas, os perdigotos sendo lançados sobre os cílios que piscam, copas caem, janelas e portas se fecham às pressas, cavalgadas, uvas sendo pisoteadas com sangue em bacias onde jazem corpos ocos, crânios contra o mármore, risos. “Gabulum parmakt arempkhi rion tae oin swiakh.” Craqueja o corvo, uma nota na lira. Ocorre um pequeno silêncio entre. Salivas caem ao chão numa gosmenta baba: “Ahhhhh!” Jorram sementes e brasas quando da

esforçam o olvido do mundo como musica mais não se ouviu-o cantar sobre o pássaro de jade do imperador persa, nem mesmo à tortura gemeu acusmáticas numênicas numéricas quiméricas cósmicas pelas metempsicoses melodias infindas dentre à metria onde nomeiam eras por metais e lavouras, “temas variação da repetitividade de dourar versos crus” marcam as placas dos trezentos e trinta e três fascínoras em sangue azul. Matema o diácono, espiraliza a vertigem. Sonha também sons sem imagens, Filolau contido ao vício de Platão pornográfico, mas ainda imita a voz do mestre: “Agóricas vidas anfibioteatro onde melhores ausentes” e, “Ainda órficos sujos como os demais” berram os limitatas antes que escarrem sobre as correntes. Alhazed consegue a coragem que nenhum tem para entrar na caverna e se confrontar não com as sombras, mas com o breu e as marcas ecóicas dos ancestrais. “Pratica a rústica!” sussurra Oeorf aos Akhenaton e Sócrates, o de parresia pragmática que honra as dúvidas epimeléicas pede um galo a Esculápio, que o fármaco lhe deve pela cura da cidade, pela serpente segunda de seu caduceu. Os guerreiros políticos Ágaton e Alcebiades disputam as bolinas sobre o discursador da beleza servil em cima e em baixo da mesa. Com seu sacrifício faz-se julgamento do sentido ao crítico massacre dos que se insistem theoria de idéias e contemplações. Má hora para seguir ou anotar qualquer lei hisretórica, quando o cisne Daimon cantando rebeldia à contrapoesia popular esconde Atalante debaixo do mar com os antedeluvianos, até que escolha Aristóteles entre Epicuro, o que ergueu o muro e as leis do mercado sígnico, ou o kikeon inosso do simulacro de costas largas carregando o atlas fono semântico de Aaron. Geologias do gesto aristocrático de Aristeu, “vivente entranha de ligações ressonantes transmutantes” que os laicos transformam no animal racional do mesmo modo como fazem de Diógenes, pitagórico maior, que desenhou a constelação de Sirius, cão e mendigo quando se sabe que foi dragão e sacerdote que escutou o corpo dilacerado de Hipátia na caosmose filosônica porvir. Lambe a seiva das lendas Ovídio, que escorrem na colcha de retalhos da ninfa, sua imortalidade amaldiçoada ao lado de César deve ao menos permitir o amargor da

repetição dos sons em intervalos levemente distintos com mínimas modulações dinâmicas e um lenço é esticado sobre o pulso ocular e o olvido e um nó é atado com força. Cento e vinte e oito tons diferentes de vibração ecoam dos vasos acústicos dispostos e movidos com rapidez, tal que não se sabe de onde vem a voz inicial e qual o caminho percorrido pelo espaço arquitetônico que molda as escutas, a carne brota da terra, do casco da tartaruga morta sai a medida e a escala, a abelha o pica no tímpano, cava, martelo e formão derretidos, o martírio dos dionisíacos é um símbolo menor na corda cortada ao meio e às margens. Toda luz corta o tempo em fios que tecem as energias nos vãos da matéria que se derrama sobre a forma do código de mimos, as cordas puxam e ainda que o nosso ouvido fique duro, poderemos ouvir uma mosca voar. “O que não pode ser dito quando não conseguimos calar.” Pinga a cicuta no ouvido e a escuta derreter as palavras, o canto do cisne lembrando que o nome do galo é “Abraxas”, bate o cajado no mato, atira a cabeça ao sino até que ejacule a poção sobre o liro enquanto servem a mesa cadáveres e mais cadáveres de meninas e meninos. O banquete serve brindes de vôo, mitos do roncar de estômago, mijo sobre o lixo, burburinho na ágora, martelo de pedra e dracmas atiradas. Rocha cobrindo as estradas marcadas pelos passos dos ancestrais que até as raízes negaram cobrir com seus rangeres de seiva, papiros e folhas de ouro cobrindo quem nem ousou adentrar as minas ou os cantos. O dilúvio desta vez é de sons. Ensurdeça aos uivos dos lobos e seu chamado pisciano por presas enquanto adorna as tábuas com guirlandas de cordas. As crinas com tintas sobre as estátuas de exculturas já ruindo. Arrancam-se dedos, ficam anéis que ricocheteiam ao istmo da via e rolam até o barril vazio que ainda soa o vinho mais velho desta terra. O direito senhorial de dar nomes vai tão longe, que se permitem conceber a própria origem da linguagem, poder dos senhores: eles dizem “isso é isto”, marcam cada coisa e acontecimento com um som. Relinchos, o clitórís vibrando o corpo todo à invelação das cidades e a conseqüente lâmpara coletiva que queima o seno das comburas. O fogo lamina e corta para todos os lados tendendo ao caminho contraintuitivo da antigravidade. Com a música em câmbio não em seu banho

ambrosia de sangue. Ptolomeu finca as raízes no tom, cobre a cabeça com terra e decide ficar ali deitado. “Harmonia e Transmutação” se lê à bandeira nunca tecida de Pindorama. Os amarelos, já sem brilho, escorrem sobre os verdes formando um marrom de farsálias contrariando os auspícios, corujas desaladas em queda, tantas as algemas da prosódia para o soldado aquílico, que luta apenas pela vida longa e tediosa do conforto, somar a profundidade da lâmina ao superficial corpus hipocrático enquanto Baltazar, Melchior e Gaspar reúnem o que lhes resta de forças para perceber o aprendizado do sacro ofício da fuga. Melodia, harmonia e ritmo se reúnem na mistura de suas palmas e cantos e o rapaz animal, em um diálogo telepático, que erija o tapete de areia da jornada e apresenta-lhes as transmutações de Zoroastro perante Azhura Mazda. Sarah Kali dalva alvorada os recebe com água e uma canção, numa língua morta, que falava sobre Simão e Madalena tocando e dançando noite adentro em Khurassão para Salomão, que se vê tentado por Mani a decidir qual dos dois ouve melhor, música ou dança, quando profere que “a divisão do som entre as escutas ocorre de maneira sempre igual e singular.” Shamz talvez se lembre das trombetas derrubando muralhas, ou das previsões de João sobre o ruído do monstro metálico que engolirá mares com moedas e cidades com sangue negro. Cícero nunca levou em consideração tais superstições, retórica eloquência da consciência, impérios pessoais decaindo às chamas da noite, festas hedonistas e ritos de expurgo da fascia onde doze pátridas bêbados com jovens prostitutas que se lhes negam por soldados, vagabundos e boêmios, se decidem por vingar as descendentes de Lisístrata, usando uma nova seita qualquer como desculpa para proibir o prazer às mulheres. As putas riem, os velhos saem para a cidade, que melhor seria às brasas, mas ainda perdura a fome de vileza dos cantos de violência e morte, épica da guerra verminando a marcha também aos afetos de Sêneca, arbítrio dos deuses, que diz para o corcunda manchado de tintas: “Quando invocadas na música as divindades são louvadas, enquanto os músicos são tratados como pó de escultura, restos de ídolos. A *Naturalis Historiae* de Plínio o atesta, não desta forma que narro, pois já

aminiótico recupera o dom da surdez enquanto as sementes se chocam no plano inclinado da elipse oca da terra químera, estalido de beijo ao chão, mordida a raiz as cinzas se depositam na célula. Luta com a própria sombra que quer acender todas as velas, assopra-as. Fura a haste oca, trespassa a linha tosca e ata o penacho à corrente líquida do metal à fôrma, martelo e bigorna, fornalha farfalha fagulhas aos pés descobertos, queima penugens, assa porcelanas, costura estofados. Arma a dura couraça do tímpano de cobre onde se depositam gotas retirados com as tripas e o saco retrátil feito esôfagos vazios que destilam as diferentes ervas em diferentes pepitas e vesséis que soltam gases soantes distintos. Um óculos cai e se quebra sobre a pedra, areia risca o vidro, vidro que era. Lusco espectral em gamas estocásticas suaves. Os corpos envoltos em tecidos contravento rolam duna abaixo, cava, arrastam os camelos grunhentes duna acima até se desenrolar a tapeçaria e suas formas geométricas escapem pelas frestas do oásis, um jarro transparente jorra sobre outro de prata e uma libra se faz scimitarra, reparte uma criança em metade e as moedas na saia chacoalham o arrepio que despedaça as cascas da pequena amêndoa numa lasca notada pelo pulsar apaixonado das veias sanguíneas que pressurizam ré e aquele turbilhonar ribombante das sirenes viscosas em seu canto fantasma ou o eco abissal das hárprias segue marchando ao mesmo passo que as hastes da nau e a cera que escorre lentamente, as braçadas do destemor e da generosidade, em ouvidos ensadecidos por nós que bem-atados raspam contra a pele uma canção apenas audível, um canto de guerra-amor, porque os meninos sem dúvida se dirigem para a guerra, mas fazem isso recordando as atitudes trágicas e soberanas do amor no uivo prântico. Um caneco com mijo de asno se quebra sobre o falo semi-enrijecido, a terra entre as carnes e as unhas raspam contra a barba mal-feita até se depositarem no vão das rugas. O som das palavras escarradas por vozes atigadas no redemoinho do vento inerte abafa o canto do nascente. Escorrem os líquidos até o aqueduto que rompe sobre a carroça de madeira velha que cede à sua força e rompe sobre o paralelepípedo. Um vento toma a cidade inteira com pó, alguns grãos maiores, mas em geral apenas uma nuvem

compreendia dos códigos da léxica, que foi a fundo estudada por Cato, o honesto, quando este viajara escondido de todo o império romano para se encontrar com Apolônio de Tiana, que lhe indicou que conferisse boatos vindos de Canaã, onde supostamente haveria surgido um profeta revolucionário, uma mente sã.” Jesus filho de Abdes Pantera, lhe conta no monte santo da gênese, segundo Quincas Borba, a parábola “Enéas, o lobo e o cão” que falava sobre seus tempos com Ogum e Odin. É com ajuda do senador que o nazareno foge de sua lápide, e parte seguindo a Vímana até o Egito. Quem o recebe do outro lado do deserto é uma jovem mulher de umbigo bonito, que cede a ele e aos que o acompanham água e filhas e filhos. Deste episódio os ciganos retiram seu rei desconhecido e os romanos extorquem as vísceras do catolicismo nascido do suplício que falha. Nascido do fogo, o flautista violeta sempre fala cantando numa língua divina, usa a flauta de tal maneira a se fazer compreendido e ainda assim ninguém o compreende até a chegada de Ieshua. Parte para o mar onde é recebido por Iemanjá com uma flor corada pelo sangue humano. A única forma que encontra de expressar seu ateísmo e sua doutrina do amor social e da ética laica, contra os fariseísmos é seu canto suspenso. Krishna pinta o rosto do amigo e decide seguir através das colinas dos cavaleiros. Crítón perora, Zenão chora: “É mais nobre jardinar camaleões que erigir tais mosaicas flores de Horácio.” Omar Khayyan decide abandonar os sacrifícios poéticos em busca do djinn Kiência da computação das gotas de chuva e seus respectivos tons. Lao Tse confessa ao matemático: “Rumo ao monte Atmos encontrar o historiador que conhece os antigos.” Sentindo sua chegada derrama uma gota de vessel sobre as plantas redundantemente Nono de Panópolis, reincarna Dionísio alvorado ao olhar uma tapeçaria através do caleidoscópio, adentra o vale e conta numa paráfrase: “Oistros,” onde os indianos matam as bacantes de prazeres lascivos e retornam ao deserto. Os apóstolos mancham todos os livros sagrados, Orígenes admite a salvação por etapas atingindo até o próprio Satã, do Corão aos Vedas, todos maculados com exortações ao trabalho e à obediência. A heresiarca, em meio a fumegantes ruínas do Império dos Sentidos, nega a

única em simples lufada que impede a respiração. Rasga a última cópia dos livros, as vestes esotraça, perde a ponte dos ragas, entoa ainda uma vez com vaidade e tristeza baixinho perante o epitáfio antes das camarilhas em ronda, o soçobrar do monte vermelho abrir duas ondas, as olivas caindo todas ao mesmo tempo, rapidamente desce do jumento e atira água sobre os fermentos, a ramela desgrudando dos cílios vêem enfim a batata fervendo no meio do gelo do deserto que treme levemente quando a alcatéia silencia com o rastro nada silencioso do cometa até desaparecer sob a árvore que assovia seus nós e vigas à noz que enraíza junto à romãzeira onde a coruja risca com a garra o ovo natirmorto da íbis, craquela e escorre placenta sobre a moringa atraindo as formigas que cantam entre si um aviso, batendo as patas sobre os grãos que deslizam assentando o chão batido sob a sandália de couro que range e rasga a pele como a lança que adentra o coração ainda pulsando enquanto o sopro escapa do corpo num último canto que se perde quando recontado de boca em boca até chegar no mar que, bravio, admoesta tempestades atirando embarcações contra os rochedos, desmoronando as arcadas do cânion e trazendo à língua uma moenda que abre orifícios ao bambu, perfuram-se os anéis à orelha, tilinta o ouro, sangue goteja, ninguém mais grita. Arroz sendo moído, a farinha se prendendo aos orifícios da bucha fina, a raspagem da espuma contra as penugens, os dedos retesados gemem a fibra da crina, canto de centauros, a lâmina separa o nervo da carne, o cabresto aferrolha contra as baías de madeira, a porteira se abre rangendo como um ábaco de clepsidras, as contas de vidro rolam sobre o tatame onde ocorre o tácito sepukko. Deslizamento de neve numa tempestade de areia, tudo se enlameia até que chega o dilúvio seguido da lava. Seiva da planta que se espreguiça espremida sobre as secas cordas do cisal à maquinaria do tear, pequenos almagestos se debatem no cilindro vivo enrijecido pelo suco e animado pelo retinir de símpatos tende os sumos contra a areia, as candeias contra as cadeias, sange atirado sobre as portas, gafanhotos saindo debaixo das camas e devorando os papiros e os ouvidos cansados do ritmo das marretas, chicotes e xibatas, os gritos e as pedras imensas arrastadas, ídolos sobre troncos rolados até a vala

salvação da autoridade da Igreja e o deus do arbítrio, apanágio e sina dos patriarcas. Sileno, ribombo, Ariadne andrógino dos deuses, Aura e Niké. O concílio das concumbinas violadas por suas palavras ímpias, as guerras dos sexos que erguem templos sobre grutas e ruínas pagãs, vestindo os heróis as amaldiçoadas peles dos monstros. Plotino tenta de novo fazer um pão enquanto decide o futuro da sua oferenda. Nega Pã, forja-o antípoda, ata-o à lei, núcleo sacrificial da família citadina obediente, henologia contra os gnosismos metafísicos intelectuais plutônicos, os crentes ateístas forjam O Cristo. Via negativa do pseudo-dionísio de que fugia Gregório pelo umbral vitral do concílio de Nicéia, caindo sobre Mani que não encontra música que não seja silêncio e ruído ao mesmo tempo no seio de Olorum, Pilatos suja suas mãos nas fezes de Caim arrependido. Nero serve os cristãos aos leões e os culpa pelo fogo, pelo qual uma vingança ainda ocorrerá. A maldição do cavaleiro lunar foi descobrir, tarde demais, que o dragão trespassado pela lança era a donzela, Lua como a chamavam os helenos. “Tróia, terra de Helena.” como dizia Cassandra. A flor não tem cor nas mãos da rainha das sereias, ela entrega para o nauta com um beijo de despedida azulando-a. Jorna pelo deserto com Maomé o hiperecumênico, relembra dos ancenstrais cânticos, sobretons da noite mais longa da rima, escala dos incontáveis montes raga até a sintonia entre as constelações e os ventos. Profere. Deixa escorrer seu pranto as botânicas que se erguem contra os feiticeiros do sofrimento abstrato, o viajante cai atingido pelo pitoresco. As navegantes trazem os perfumes e incensos, que misturados ao leite alpino gera as cremas à moda bizantina. “Lá vou eu, Constantinopla!” Kannagi, a outra, pura incendiária e as infidelidades da música, as toadas de Milarepa, ou o aprendizado da vingança. “Ofreo sedução desenfreada,” Ásvaghosa entoa “leve contigo esta cópia do Mahakavya Buddhacarita, reencontre Joshua na Índia, trabalho e desapego. “Antes de tudo, não te esqueças das consequências nefastas de quando encarnas ou participa das funções humanas, o sonho do elefante branco e a lótus.” O espelho de Abaris quebrado, golem costurado, títere troante, se deita sobre o colo de Manimekalai e

onde queimam as sabiás, roldanas rangem, a pena assina, o selo sobre a cera confirma e o peão gira e gira sobre a pira onde a mão é colocada a arder. Magma escorre do tímpano cozinhando uma rocha num caldeirão de cera. Azeite quente escorre à barriga dos pedaços, o rio flui correcente renteando os seixos entranhando os sulcos do dente. Funeral sem pranto, grande quantidade de jarros de barro ressoam secas, um racho na terra, marchas ninam guerras, cirandas velam escravos, fermenta fígado com trigo na escuridão onde o carvão grava um rugido sobre a pedra da parede da cave borbulhante, moscardo pica o calo, um corpo despenca no átrio, burburinho e comoção dos passantes. Uma estrela inventa um lago, porcos rosnam, despejam lavagem, ostras se contorcem, conchas marretadas, cuba de carrara reflete piscar seco do rugido das trevas, morcegos debandam batendo contra a cruz de grades da cela, pinga mijo por uma grelha ao teto dela por onde passa a brasa da citadela, o dragão cuspara sobre a lança que zune e corta o vento e a temperatura do tempo muda a velocidade dos sons sobre a biga cassando a égua que carrega no ventre um filho, empilham cadáveres pequeninos fazendo questão dos ossos rachando ouvirem. Desde longe vem vindo uma cavalaria, gritam em outras línguas, atravessam deixando nenhuma outra vida. Nuvens de moscas sobrevoam a carniça. Silêncio. Pássaros migram, de seus mil e um cantos sobram trinta que equilibram as notas dos planetas e a via que os melodia, a mão dança a escrita sobre a areia, se nega à tinta. Alguém ouve os cânticos e os marca noutra tábuia, grita para as fazer vendidas junto a um afresco que cega o céu noturno é turvas águas. Vozes doces ao sal do mar, ervas trituradas e o fogo contra as fezes, pedras são atiradas contra o fogo e metais sem que rompam-se, tintinabulação cristálida, gemido de dor agudo e longo, mãos se encontram buscando o rochedo onde alçam seus corpos acima, serra à madeira ziguezagueia, forja encaixes que raspam as ranhuras, corações enfim juntos espetados na mesma espada girando ao fogo de chão, cai da cama a princesa em suas longas vestes e murmurra: “Avalokhistevara.” A flor se abre, a seda de suas hastes separam cada pétala, uma a uma. Afina-se o instrumento de setecestas cordas. Um sino minúsculo

praticuem a ioga. Tibet, o mantra infinito passa a ser entoado. Shambhala é o nome de um castelo imaginário erguido logo acima da Chomolangma, onde repousam os mitos, teus gritos não os despertam. Os espíritos do mundo correm pelos ares para subir por lá, seguindo os trinta e seis Bardos. Mas quando enfim calado, Lama Gendun Gyatso diz a Orfeo: “Sei quem és e de onde véns, tua voz diz mais que tuas palavras. Eu não existo tanto quanto você.” e aceita uma tigela de arroz fresco. Zhang Jue costumava contar esta história nos camarins da Casa de Ópera Chinesa, observa as cores das máscaras, o dragão e a libélula, usa o ábaco como pandeiro. Mitra, o que gosta de berros inocentes rebanhador romano, tenta com as lascívias da carne, do sexo e da violência corrompê-lo, mas é dissuadido por uma música que lhe faz atravessar todos os estados de ânimo, sonhos e pesadelos humanos, em cada vez mais vertiginosa variação de velocidades através das maquetes e dos modelos de Samsara. Anunaki mostra como a máquina de fazer moedas engendra a religião da culpa universal e faz do humano o antípoda de deus a Justiniano que fecha a academia de Atenas, porém os dogmas e mistérios da religião deram provisão material em abundância para o amor apaixonado pela dialética que havia caracterizado o pensamento gaiola do amor. A pausa entre Pausânias e Tácito visceja hierogamia sobre o punhal sacrificial afônico contra o que devora os epílios voluptuosos do bolo sacro, ao que o anônimo vindo do norte profere um juramento solene perante ele e os demais que habitavam a caverna dos desenhos proibidos: “Defender a liberdade dos inocentes é mais que sábio e amoroso, é belo! Quem me o disse foi Oxaláguiã, aquele que vocês se rogam de ter no conto de irmão e rei.” A flor enegrece. Tal apelo se espalha com as rotas de tráfico de espelhos e crimes e cristais. As amantes Cátaros sonham abraçadas sob a esperança de morrer às patas dos cavalos e não às mãos humanas. Os fenômenos messiânicos avultam Jupyruassu nos traumas sociais e nas desintegrações, Genserico toma Cártago, manda fechar os cabarés e dar maridos a todas as prostitutas. Os Hadistas, povo da música da surdez, esgueiram-se e assassinam todos os escrivãos que cruzam, por isto a jornada prossegue em pleno inverno, dos vales que assoviam

ressoa por longo tempo. Foles soprados comprimem espirais laminados que giram engrenagens que puxam cordas e o canto preso sai do peito. O campanário dispersa as aves, as asas batem círculos ao pasto. Ao mesmo tempo dezenove homens se calam, suas vozes se engolem num mantra sem lábios, se fecha o vaso, os cavalos de vento se desamarram e voam montanha abaixo, mastiga um grão, saliva, ronca o jejum, respira fundo, estica os nervos, alonga os músculos, estalam os ossos à pantomina do canto falado, asas de colibri explodem ante o chicabum e a fita de seda que toca em leveza o facão da degola, tosa, pentra e goza. Sete mil flores, sonhos de amores, virtudes inalcançáveis, finda a dor na pura forma geométrica, convexas complexas, côncavas falésias do arrebalde à alcôva, ruminam os cômpanes, deuses e demônios em suas vozes unidas, harmonias sem fim, mínimas melodias, repetições vertiginosas da fôrma, labirintos sônicos febris, tudo na velocidade do esquecimento do que não si. Milhares de joelhos caem ao chão, em seguida testas. O mercado de peixe, bocas que se abrem sem conseguir respirar, escamas raspadas e arrancadas pelo fio da navalha, carnes sendo amaciadas, lâminas e moedas sendo trocadas, cuica barítono. Patríz e Matrão cantando alegremente entre as gentes. As frutas todas se desprendem dos pés e caem sobre a cornucópia. Só a maçã continua ali, pendurada sobre um instante. No limite da fermentação, a massa tosta impregnando lentamente as insígnias no sigilo enquanto a monodia eleva a cordatura das espinhas ao arrepio, cogumelos florescem violáceos e púrpuras inflando as proteínas dos excrementos úmidos, parciais de vozes ecoam pelo vale, silvos retinem as medeixas brancas, profunda inspiração, milho pipoca, um botão desabrocha, dedo furado em espinho que tocou a tripa estendida sobre o casco do grifo à tenda armada com alarde sobre as tapeçarias de diferentes fibras e sons aos passos do bode que segue o gato chegando detrás das muralhas que ruem às maças das catapultas, corpos às rodas de tortura, ossadas mescladas a argila, prantos de busca por desaparecidos, rezas sem sentido, fio de palha num agulheiro que estrima, grita e a janela rebate. Urros e gemidos, cabeças cortadas a cordas anodoadas atiradas contra placas metálicas, escava, penas

aves as mais distintas até o Peloponeso. Teresa de Ávila escuta do amante que veste o cinturão: “Os reis aprendem a linhagem dos faraós, escavam as pirâmides e ainda se querem na conta de pedreiros pois lhes faltou mãos e rainhas fortes.” Aquele que veste a máscara de Dreus e o anel de Giges pode fazer o que quiser, para quem se crê com ele é a entrega pura e simples do escravo, o massacre é a piada última da ignorância a acometer-lhes. Madalena ensina as artes das maquilagens para Cleópatra a estrategista que colecionava pinturas de toalete. Grandes perícias estão envolvidas em manipular um marido ao sacrifício voluntário. Cruza o rio com outro barqueiro, este talvez mais morto que o Velho. Sidartha comanda o leme, desenganos conhecem seus fluxos, aceita o sacrifício e não mais levita, se senta à pequena embarcação, comanda o leme apenas. Se detém no meio do rio, não sabe por quanto tempo. Ibn Arabi em Madrassa com Aladin nota que os traços alongados de seus olhos e o fato dela andar descalça são traços fundantes de sua filosofia musical. Do outro lado, Farid Ud Din Attar relata seu encontro com o éfeso como passaram a linguística dos pássaros a listas, queimadas depois de dados os resultados encontrados. “A bruxa de Endor, não fosse revolucionária, escreveria histórias de uma poesia da música, uma escrita musical, ud apenas.” pensa Morgana em meio ao enterro de Maggie Wall, percebendo que a escutam, ela rapidamente se põe a pensar em outra coisa: “O universo é o santur, o ud é a alma, o derbak o corpo, como havia me dito Guido de Arezzo com quem também descobri o solfejo dos chacras, as ilusões do harém e o fantasma de Sardanapalo em chamas gritando comi, fodi, amei, o resto foram tolices.” Baba Yaga a tira dali para mostrar-lhe o Medusário mestiço da praça de encantadores de serpentes em uma cidade do norte da África. As vozes dos elementais, Circe disfarçada, regenerada pelo amor de um poeta, neto de Tales. A floresta se fazendo casa. A dança do pó de Ud Din de Tabriz afasta os contemporâneos dos erros das religiões, enverga no espelho do burgo a henose do mono. O velho Ctulhu escreve a tal história em seu catálogo de nosologia auditiva num dos primeiros casos de anamnese médica documentados por Zumthor na sua pesquisa do Simurgh imanente. O canto do chão, as carapuças

quebradas e passos sobre poças de sangue que respingam contra as madeiras que emitem rangidos ecoados pelo desenho dos desfiladeiros, rochas talhadas por gerações de mães que calejadas empurram as duas colunas para ouvir o teto cair sobre os cânticos hieróglifos que ecoam pelo túnel até o alforje de moedas onde o metal derretido resfria sob a água até gestar o retinido da coroa atada às correntes que puxam os cordéis que puxam os tapetes e riem os presentes, abrem-se o pequeninos baús as tampas deixadas sobre o vidro onde um canudo inspira o pó, espirro contra o seio esfregando-se em moedas, viscosidades preenchendo banheiras, eunucos gemendo, moças erotizadas ao limite por dias arrastam os joelhos contra a pedra, só a degolada se nega com meneio e som de lábios fechados ao ouvir o marulho do rio bravio ao estio do outro lado do estábulo onde relincham camelos, asnos, jegues e cavalos. Silêncio. A pedra é lentamente devorada pelo fluir que range as veias às articulações do corpo à dança da areia, a serena chuva permeia a choupana onde as aves repousam à luz da vela, trovão antecede o raio, a água gorgéia, a poupa lhe monta, águas caindo de penas sobre a luva de veludo azurre do corpo sob a chuva violácea, o choque de duas gotas entopem o ouvido, a pressão se altera, a mandíbula arrefece o labirinto. Em cada lápide, a gota soa distinta, escorrem os rios lavando os restos de dedos, deixando anéis aos ossos presos. O raio enerva do gato um aviso aos ouvidos dos músicos do cortejo, louças quebradas, vestes rasgadas, anelam ondas de lamúria compartilhada e gemidos de lacívia imaginada, cava, a fantasmagoria é revivida numa espiritual orgia sacra, as vozes se fundem em harmonia até que morra a alegria dos cantos e as ervas silenciem se escondendo do pasto. Dezesete notas velam sob o sábio os cogumelos do faquir, cinco cristais distintos soam como sinos, vime chacoalha, masca anis, guizalha para o ganso que grasna voando até a cachoeira que plasma a folha grande e o nó do tronco contra o olho do lago, porcos se comprazem na lama e rosnam como círculos noturnos de desesperada solidão de cu e umbigo cortado pela faca enquanto as estrelas se fazem ouvidas pelas chaminés que assoviam os ventos sem direção e as aves sem canto. Cantilena sem sabor,

dobradas em turbantes e os círculos noturnos. O claustro silenciado, ninguém dorme. Duas mulheres conversam em uma ilha distante sobre suas vidas, apenas proseiam. O concílio pela humilhação da música, o homem que calcula também afina o louvor de Adone filho do homem batista. A voz da rosa Oxumaré, a flecha de prata afiada. “Entre a scimitarra e a sítar, escolhe a fome.” Os orixás presentes neste dia naquele terreiro de pedras brancas podem presenciar o pássaro de fogo trazer Igor de um reino desconhecido, “De outro tempo.” atesta Abelardo. Eméticos e purgantes modificaram-lhe a escuta de maneiras que não temos como saber, pois as fontes inundaram a biblioteca subterrânea do claustro de Francisco, que ensina a linguagem dos animados, e Clara Lua, o canto das ervas. É a primeira vez que se encontram com Din-e Ilahi e Li Po faz um furo no verso da flauta de Quintus Aurelius Symmachus, que sorrindo lhe diz: “Harmonia de tão complexa música não poderia ser ouvida por uma só melodia.” mas isto não impede Govinda de assim como Zagreus pelos Titãs, cumprir sua própria profecia, corpo tectônico de Vainamoinen ensinando Illmarinen, eterno luthier e as Banshees trovadoras carregam o fardo dos arautos, templários da harpa côncava, garganta das Górgonas. Xantipa na ilegalidade e na miséria sob a perseguição e o clamor público chora a perda do caráter lúdico no homem evoluído. Para suportar a morte, Lurdes prega a idéia salvacionista da sobrevivência. Poções de canto dos gauleses fervidos às poças, santo sepulcro do epos em guirlandas eróticas. Artur faz da espada fincada base da balança onde pendura címbalos para explicar ao construtor o pasto das pontes apontando ao almagesto, presente para a Síbila do Reno, Hildegard, silêncio do som vivo. Consta uma folha rasgada, provavelmente com uma descrição. “Inimoiis liuionz korzinthio zanziuer vrizoil zuuenz.” Marcabru, Baltasar e Heloise riem. Arnaut Daniel quer fugir da cidade antes que Dante fale na praça pública, “fabbro miglior”. Chaucer anota canções de amigos e outros venenos para povoar sua edição das iluminuras sonoras de Purandara Dasa, sonho carnático que devia deixar para trás se pretendia viver em Europa. É uma canção sua que embala a paixão de Alexandre por Xerxes, culpada pela insegurança simbólica dos

elefantes migrando cadentes estrelas, trovão e raio simultâneos, deserto afora voam as tendas, apita a chaleira, sino de bronze, carrilhão de brilhantes, portas rangem, xibatas e folhas viradas, a língua mãe é profanada em sussurros, esquilos roem nozes, lobos esquilos engolem. Fogueira de instrumentos, espada arrancada da rocha, do ábaco à rabeca, já não se traduzem versos e se esquecem o canto conexo, desafinados os olvidos, abandonadas as harmonias naturais, a rocha e a roda calam a água. Não há nem rugido ou canto, cala o vento e a tempestade quando a cachoeira desata. O couro estala, defecam sobre as ruas, a carroça sobre esta resvala, a chuva acompanha a queimada da cidadela. Um dente é arrancado, água atravessa tramas, uma larva flutua com uma letra à arcada, um colóquio instantâneo onde todos os pássaros soam ao mesmo tempo e se entrescutam untando uma nuvem de gorgeios, cada corda do alaúde tendendo a uma direção cerrando a mandala que ressoa a voz sobre a voz no oco do crânio, bicos atingem fígados, garras marcam fendas, afetos invadem os instrumentos impregnando os nervos de cornos de cervos, raízes desenham escadas que servem trevos de trovões ao temperamento da lâmina, lama animal moldada ao torno, corações puxados pelas línguas, siri rachado, atônico alarido sibilante varrendo o pó das esculturas sobre os gudes que se chocam no piso liso do páteo, sandálias se soltam e novamente prendem aos pés em saltos que alternam as pernas, as articulações pulsam o sangue que implode adrenalina sobre o fleugma que jorra sobre o gemido jactante, da morte de sede um hálito verde retine troante, tônica e dominante, pele suave contra o balançar dos longos cabelos, a luz ama o cheiro num roçar úmido, fogo em gelo, sono em zelo, como lambe pólen e deixa escorrer a baba sobre a trêmula vaga do umbigo. Tudo treme, o labirinto se esparrama sobre o ouvinte, a voz exprime o que nada diz, sem ouvinte, sem som, até o silêncio se cala até que uma bolha gera muitas e tudo se embolhe numa espuma viscosa que cobre o caldeirão em globo, “Tijolo!” e tudo se esparrama, a cerâmica rompendo sobre o mapa, o astrolábio desalinhando sete graus, mandíbula cerra sobre a carne com areia, os músculos contraem tentando expulsar o sangue, um tinido toma o ouvido que arde, tudo

guerreiros, causa da revolução dos Magogs na Pérsia, Uaxuctum ao chão. O imperador que negava as anteriores dinastias, em busca do elixir da longa vida, envia às ilhas um navio capitaneado por sua filha, a princesa Esplendor da Aurora ou Pires. Batendo num rochedo, o navio naufraga atirando à costa a moça e suas aias encontram a terra habitada por terríveis antropóides cujo chefe é o macaco Saru. Antes de fazer amor com a princesa ele diz: “Fechemos a alma no túmulo de Tupã.” Julius diz a René que talvez devessem voltar, mas encontra um livro de palavras cruzadas com um mapa Cinnabar a Ur contendo biografias de uma multidão bárbara. O investigador é obrigado a reconhecer que à semelhança de qualquer ser humano, tanto é espectador como ator no grande drama da existência. Os inquisidores matam alguém, um efeito colateral, atestam. Os rebeldes invadem barbaramente a cidade vizinha, em nome da revolução. Os bruxos sombrios seduzem objetos e os fazem mudar pequenos vilarejo que se agregam aos rastros dos cavalos onde o esquecimento da escuta os leva a forjar um wodum de palavras sobre as medidas da cabala, desenham os pontos e as notas, não muito longe de Agostinho último estóico, que reza para a acousmata, pede perdão aos filósofos mortos e teme ter de voltar à praça. Parinda bebe a água com a qual cozinham a cabeça de uma ovelha surda. Juan de la cruz hermitão sexista confessa Priapo acorrentado na cidade proibizante dentro da outra cidade. O espaço amplia e o claustro diminui. Soldados desarmados ocupam o convento abandonado, marcam seus corpos com símbolos para que sua história seja cantada pela necromante desconhecida e depois negada pelos voluptuosos onanistas de batina. Diz-lhe Esopo em seu sonho, fantasiado de comerciante da família Medici, usando duas vozes distintas que ecoam pela cela: “Pode ter significado se, ao menos seja compreendido signo. A cidade contra os espíritos da natureza.” Nabucodonosor pede perdão pela proibição do pistache, mas incubus algum ousa surgir chupando-lhe a orelha. Não o exime o sonho e não ri, mas sorri como amante sincero, o Estado precede a correia. Ele reconhece enfim o rosto do contador de moedas, Morfeo, seus gemidos são ouvidos de fora do mosteiro por Josquin Despréz que passa andante peregrinando à cidade do

ressoa e um abafado submerso de salão imenso aturde o ataúde onde se misturam os mercúrios, corpos se embaralham, regorgito das próprias tripas, fogo inerte capturado numa ciclade volitiva, ouvidos cegos ferem o mar pela onda, a âncora afunda junto à costa ecoando na cave do fiorde evoando morcegos e gaivotas. Mastros, lemes, barris, e leitos se emaranham às velas queimadas pelas velas num vermelho que cobre o horizonte de menalhos e clangores. Um laço é dado à seda, três voltas e um nó firme. Raio escarlate, espada desembainhada, caroço de manga preso entre as hastes do tamanco, uma raposa desce de uma cerejeira, o portal se abre e cavalos arrastam flâmulas demarcando a patadas os limites da fronteira, põe um ouvido contra a terra para melhor distinguir os mosquitos das formigas, zunem até que o camaleão seja atingido pela flecha de zinco, ferve e fermenta o vinho, calabouços e masmorras são contruídos, dizimos sendo pedido, máscaras de ferro perfuram os tímpanos, grilhões destroçam corpos que se debatem, cintos de castidade são burlados, suculentas se misturam a cactos, passeios tablados, sapateados e cartas cortadas de papiros reforçados, agulhas perfuram telas de tapeçaria, a gordura escorre sobre a malha, a cola gruda as bordas do envelope, um cajado bate contra o chão de granito para se fazer cetro, a bata se amontoa sobre a sandália, metal sobre metal range e o balde vira-se derramando a água fria que eriça os pelos, o tosão arremete contra a ruga que guarda o suor, cai o estalactite sobre o poço subterrâneo que ressoa à fossa onde um cu solta sua bosta que se soma as outras tantas. Mãos contra falos, lançam-se dados e dardos, diferentes texturas das distintas carnes, se espancam com amor e luxúria até que cesse o desejo de ouvir berros e risos fundidos, então silenciam e se colocam a escavar a terra com as unhas. As plantas riem da pressa das plantas, as flores vomitam orvalho. Do forno dos vasos, craquelada o lenho, porcelana gruda à lama, marreta molda a rocha ao paralelepípedo. Mastiga a liga, amortece a língua, fecha os cílios sobre a borboleta. Sexta hora entre o intervalo da roda e a roldana das alturas pelas cordas, peixes gestam redemoinho que deixa ouvir o vazio do abismo, um zurro sem fundo e farfalhar de cinzas na brisa. Descontraí a íris e relaxa o coração, flui

Bizâncio onde almeja encontrar um mantra diferencial de microtons das curvaturas mesquitas. Quando lá chega, com Sanat Otoman abre o botão de rapé e assignala os musemas numa escrita sem vogal, canto aconsoante. Ao retornar, porém, se depara não com a quadratura, mas com o pentagrama. Inocência e Heliogábalo apreciam o descanso das crianças nas jaulas. Berçários e a zoológica arcaica surgem aos olhos de Orofe enquanto ele beija os lábios frios de Giulietta, que lhe havia sido prometida por seu pai do reino ao lado, onde nada se sabe da áreia ou da garganta de Huygens Fokker. Heresias forjam um Mau à imagem de Bettelheim, que vocifera: “Quem não está com a Igreja, está com o diabo!” Antes de sua chegada, temendo as marchas, se vinga Orofe pela destruição das obras de Atreya em Takshashila e queima a biblioteca deixando Alexandria para participar por um ano sabático na dança dos dervixes, enquanto Confúcio altera sua oratória entre dinastias. Ensina o encanto dos animais ao amigo Satham, cobrando a preço que não mais os dome. A escritora anulada da partitura perdida chega no encontro entre o rio e o mar onde os Griots se encontram e a tomando por Sundiata Keita aleijado justo, a levam ao manacial. Mansa, rei de reis dança marcando um mapa na areia quente soprando-a. Soumaoro Kanté presta atenção enquanto o menestrel Fez desempoeira os bandolins de Avalon e convoca o círculo dos ouvintes cantantes a apaziguar o cramunhão. No Shahnameh se pode ler como os Sikhs seguiram cegamente um tolo homem de dez mil anos, sempre em frente à frente por causa de um canto distante, para depois envenenarem-no e erguerem uma cultura de besouros e vermes digestores. Sua morte motiva os gigantes Gargântua e seu irmão-amante a se ocultarem sob as efígies de Lattantio e Dionigi e ainda outros nomes e véus, posteriormente. A humilhação causada pelo reino de terror de Zeus gera um desequilíbrio nas forças espirituais que leva Tífon a entregar a chave que abre os grilhões de Prometeu Quetzacoatl Leviatan, alegre rio de prazeres comuns, que retribui a graça dando o poder dos raios aos alquimistas da Capadócia, estes escondem a eletricidade dos tolos de conhecimento por séculos. O polímata que se intitula “o rei dos livros”, Caesar

o sangue mais veloz, desdobra a sintonia elétrica do plexo, crocitos sobre as telhas, passos lentos sobre folhas secas esmeram em cada quebra e dobra, sobras são misturadas à lavagem, a bidah gira num grão do caminho. “Khamush!” iniciam um qasidah aos rubái. Uma estrela cadente cai sobre uma estrela do mar. Um triângulo em chamas. O compasso gira ao redor da agulha, a insônia da circulação sanguínea, badala o sino, violinos tocam incessantemente para cobrir os berros, até que cessem. Retira um papel seco do tanque cheio de álcool derrubando as pretensões de ter alcançado alguma escuta. Sete oceanos se encontram. Uma pena de faisão limpa o vão entre duas teclas quando um deslize soa lá. Agigantam-se vozes na arquia da abóboda, baldaquinos bramem, dobradiças contra dedos cedem, foles vibram dutos uns contra outros, pólvora faísca sobre o farol e o polvo solta tintas sobre a isca ao anzol que perfura o ouvido ao sol. Gira o pão puxado o barbante, girassol no nexo despetala, paira ao bafo, a miragem do vento ao lago sem som, garrafa equilibrando sarrafo. Ruído temeroso, caravana de loucos de amor entoam desvairios em glossolalias de lalange, palreios em orifícios na areia, rolam duna abaixo potes e painéis chocando, saudação com um urro gutural aos que serenos movem as águas de maneira ritmada, esfregando as túnicas contra os seixos, infla o vidro, ressoa o assovio do estio e toca o dan nos tambores de kumina, o toque infinito ressurge. Chove sem que gota erre folha, o balafon mágico soa, vacas sagradas ruminam terremotos que em todo o mundo se ouve. Zumbidos infrestruturam templos ao tempo, cinzéis param quando o sinete avisa fome, instrumentos e salões de música, partitas e convenções de monodia. Pés amassam uvas, o touro arfa puxando o carro das rodas de pedra. Um pescoço mexe com a dança, guizos tremem à tiara, ar condensado levita a crosta de brasa à encosta do vulcão. Quando raspado o metal do cilindro, lentamente os grãos caem sobre o iantra. Troca de pele, forma a crisálida dentro ao casulo, raspam minerios sublimados até que condensem nuvem em trova, rasteja na grama, mergulha na lama, arranca o pé de manga pela nutriz a monção que desce levando neve derretida mesclada ao esgoto onde o monge mija, escarradeira vibra, roda de preces gira, pó sobe quando o livro sobre

Brutus de Ciracusa, sacrifica este mistério em prol de sua cruzada pela positivação realista da história. Palestrina alimenta a virtude dos demônios, a necessidade da alteridade, se nega a apostar com Antão se a melancolia ou o pesadelo é mais íntimo da tentação do primeiro tambor de guerra nos ouvidos de Bartolomeu, podre como os salões do hospital e os bafos na conversa próxima à lareira do castelo dos caminhos cruzados. É tentando esquecer sua estadia lá que obriga-se Aquino à suma se perguntar quantos anjos podem dançar numa nota musical enquanto Vikings afiam as velas nos sambaquis. Sem saber das consequências de seu ato, Djinn foge da garrafa. Tuas cordas lira são restauradas das raízes de Yggdrasil junto às antigas feitas da tripa do velocino. Eforo ensina aos piratas os cantos do mar e mostra como o astrolábio é um instrumento acústico. Não se lembra das consequências que enfrenta por haver com músicas movido Argos, e ainda é obrigado a cantá-lo. Bardos desembarcam, liras aos braços, largos passos buscando o regaço das moças, trancadas com as louças, nas casas dos condados. Avicena avisa os orixás da chegada iminente dos vazios de alma e espírito, evaporam florestas adentro, escondendo metais mais preciosos que o ouro e o diamante, deixando um rastro de mitos, o mesmo que Vasco segue aos corações das trevas. Arrepende-se perante o auto e assume-se caolho à música. Não se lembra de como as Hárpias e as sereias se negam a matá-lo, rindo: “Bom para ti seria se o matássemos. A pior tortura pro teu auspício seria, foi e nada e nunca nem antes era depois... huahaahahaaa! Tu, naufrágio do tempo!” Despertando de um sonho inquieto, Athanasius Kircher, templário imortal, se vê convertido num enorme zangão preso a uma caixa de música. Moribundo preso à tinta ainda fresca, o paciente Descartes, covardia sedendo ao absolutismo, espera que os catedráticos dissequem seu ouvido, cata tao nas vias carnávicas da revolução tipográfica de Orígenes que organiza suas molas à guilhotina de Guttemberg sob a forma de um objeto cúbico feito de árvores com partes flexíveis nas quais estão impressas muitas piadas e sombrios delírios vocais detrás de pitos letais em tintas que matam sonhos e terminam às vias como aquele cachorro de Timeu em Chastres. Excomunga Maimônides, o corpo é

livros se empilha. Perdida a voz, poeta saliva, a garganta limpa segue a lida. Gatos fornicam no cemitério, alguém inventa uma canção pensando recobrar outra à memória, auléo soprado, sapatilha em ponta de faca demarca o vão entre os dedos à mesa cada vez mais veloz até que asas de insetos e ferrão abrasam pêndulos e estações do ano num dia em que baralho embaralhado e cortado. Um ruído de vento da voz que cai sobre o estofo dos ocos, maçã cai da árvore, passos de ratos sobre cacos, testa todas as notas buscando um que acalme o pulso cardeal, línguas copulam pidgins, destila enquanto pinga a cachaça, reverte a curvatura da caixa acústica à raiz quadrada do número, criança sem dentes mastiga sementes de papoula, enche a linguiça com tripas e carniças. Engrenagenzinha gira a palheta, gira a ampulheta, o leme, infla a vela, alguém berra “Erra!” e cardume cruza a estibordo puxando da terra, ronco da madeira cuicando. Não nomeia um povo, canto de babares, sussurro pode ser ouvido em meio ao agito frenético da selva, uma porta se bate, sublimação, cipós rangem, palhoça roça ao nó do tronco, um pica-pau parado, joaninha pousa sobre uma onça que dorme, macaco come piolhos, um flautim agudo apita do topo do morro, cada planta emana uma geometria harmônica, zarabatana. Velas abertas, à fala as velas baixam, prancha pênsil, risos. Algas balançam próximas aos corais que cortam a panturrilha. Tescem tendões, bordam nervos, cagam penas, cegonha chocando ovo de réptil que racha, espirais encanamentos nas paredes hexagonais do convento, solfejos armoriais, heráldicas melomanias, decantam-se acentos e sotaques, cercam árvores harmonias. Arquitetura fluida da câmara acústica oscura onde irrompem asas para voar até a luta do carnaval com a quaresma, ouve o próprio zumbido do mármore rachando ante a entalhadeira, tomando as vozes da cidade inteira que silenciam no fogo que ilumina a mina do carvão que colore com luzes o robe de chambre que cintila seu suave rumor. Estacadas arrítmicas dos tipos, ritmologia das degolas, pistões e tornos metálicos comprimem papéis, carimbos estampam, bambus perfuram dermes, turbilhonantes ribombos, fogos de artifício. Unhas arrancadas, cabelo mastigado, roncões do estômago, espirros, inspiração profunda e arrepio na espinha. Voz pura em si

o livro de Baruch, inverte a expansão do sonho de Gottfried Liebniz e Abraham Abulafia, cabala matemática da síntese, sacerdócio das vestes tornadas escuta outra, íntima. Sherazhade executa sete hikinukis de karaoris para o enciclopedista. Purcell lê as máscaras e traquitanas do deusexmachina do teatro vindo a resgatar a música do mundo evadido de deuses, nos traços cortes, nos pontos abismos. Perséfone montada no buraq nota que Eros Sion e Psique Schizo interpretam pantominas humanas para Vril, como dançam sem tocar nunca os pés ao mesmo tempo no chão. Elkanah Settle e Matthew Locke puxam ao mesmo tempo a traquitana que faz com que a cortina se feche frente ao beijo de Francis Shakespeare e Sancho no reino da ilha de Próspero, as sereias do moinho em queda. “Todas as crenças são teorias, Ariel. Não condeno tua crença musical, podemos ambos estar errados. Não te apaixones por tua aurática ao se deparar com o monstro do pântano.” Rolando Roncevaux, ferido de morte nas fundas mouras, exclama: “Maldito seja o covarde que inventou armas capazes de matar à distância!” Nostradamus segue tentando escrever uma épica sobre o fim do Omen. Edmund Spenser com doces palavras tenta, em vão, apaziguar a dor de Merlin. As palavras mágicas demandam-lhe uma complexa melodia que amargura-lhe os lábios, como jardins ornamentais de seixos cores de peles. A flor no fogo escarlateia. A queima dos carmas conclama a alegria de Fortuna. Depois de sete anos cuidado do ganso, é hora de levá-lo ao forno para que a família não morra de fome, instrumentos imaginários do boticário Teophrastus Philippus Aureolus Bombastus von Honerheim em sua conversa com as plantas que embasam a terapêutica do inútil. Lhe diz uma alva Datura Stramonium sobre as larvas psicoativadoras e alcalóides: “A música não deveria ser lida nas páginas partitурadas sobre cadáveres, mas na natureza viva.” Quando todas se põem a questionar cada vez mais sua própria conduta alquímica ocorrem nefastas consequências para a harmonia aurática, tenta não mais ouvi-las, ingere doses crescentes de mercúrio que o fazem escutar a iatrofísica do vício. Paracelsus, monstro do médico, vigésima serpente dentre as cobras que cruza, desenha pontos de guerra química, placebos e musicoterapias. Decide pelo suicídio,

bemol e bolas de metal com molas dentro caem ao chão. Tesoura corta linho, cereais caem no silo, costuram folhas, lascam tótons, equilibram contas de vidro, espátulas vergem pastas que são enroladas em madeiras cilíndricas. A cabeça é afundada no ribeiro até que os ouvidos preencham-se de água e o grito se cala, véus sobre véus se retiram, a seda vomita. Bambus serrados são atados a arames e soam uma bidah em oito por cinco que culmina no acorde místico, três açougueiros joviais assoviam, papagaio calado, fole furado, títeres rangem, liames gemem roldanas, um mundo plano de cartão soa como navalhas aafiando ao ébano, a quarta sintética passa a quatro por três e os planetas de gude emulam harmônicos que encobrem a música com luzes. O melodista choracantado e as marchas de ninar anodoam os nervos plissando os músculos à rótula em curvalinda de egrégoras parindo corporações sem órgãos, um caranguejo fecha sua garra. Ausência do mestre naquele que entoia o mantra. Carimbo com o cadáver do peixe, cada melodia atrai, distrai e trai os ruídos afetivos que o mundo machê usa para moldá-la, pressão ao carbono paramante diácono onde os pilares se entrelaçam rufando o terrementeo. Escandem os acordes à régia, decantam as escalas ao solo, escalam as harmonias à núvem, estruturam as síncopes constelares para além das formas-padrão. Martelo contra metal, pólvora fervilhando até que exploda a cápsula, o gatilho estala, estopa adentra o cano do cachimbo. A porta pesada é pega com um grosso pano e é aberta, grasna o carvão. Ranhuras sobre babosa, grama crescendo e sendo mascada, espirais e diamantes moleculares estruturam aromas sobre a poesia pentagramática, oitavas distintas, um canto agudo se abre ao infinito mais distante onde seres inomináveis tintinabulam gris. Antídoto alcaheste é depositado no antimônio, arcanos atirados sobre veludo, basilico cinério salpicado sobre o herbário, um ovo rola sobre o caixão andrógino, a panacéia mercurial mancha o thesaurus onde se ouve um verme devorando através de páginas, a voz da estátua recita solenemente. Anfisbena morde abtu e anet penetra abaoaqu com o aplanador levando bahamut a urrar no coração dos baldanders atirando ao vôo basilisco sobre borametz que defeca burak à catóblepa, calam leucrocotas elfos,

mesmo sabendo estar tão próximo de não mais precisar reincarnar. Se atira no precipício de dimensões e esquece que esqueceu por pouco tempo, logo se vê renascido na figura de Orfeu. Boécio parece agradecer por ter empreendido um estudo da música prescindindo o juízo de ouvir empiricamente. No exato momento de sua morte, é escrito o bestiário musical “Nauseanomicon”, onde Sparagmos Omophagos a escuta come crua, fria e aos pedaços, dilacerada. Monteverdi lê a tal lápide no caminho com todas as dissonâncias, e é para se defender da possibilidade apontada aí como inevitável à música, que ele busca a polifonia entre Virgílio, Dante crente histeórico e Margarida. Cidade, inferno das constatações, purgatório das amizades e o céu das constelações de vaidades do amor convivendo em cada momento que ousas soar o nome de Rumi. Desce aos mausoléus da sexta aumentada para ver Sétimo Severo e Octavio repugnarem os sobretons dos falsos “Evoés”, alteram a divisão das cordaturas. Ofreo se zanga com Apolo, por este ciclo de torturas. Kant e Sade nunca encontram a metade que lhes falta, divina animalidade ao fundo da pintura de Miguel sobre a massa. Angiolo de Sixtina estabelece o final do juízo na escuta e se põe a gritar a mais abusiva desmúsica até então, as canções de pragário são uma linha melódica única pelo desenho feudal da cidade de deus, a música. Os anões trabalham dentro das engrenagens do relógio. Xi Sagat afia as lâminas da crescente e foca o olhar ao buraco negro da divina Shakti que segura todas as cartografias e seus barcos na noite do temporal que varre Creta. Boécio dá corda nas molas do relógio, tende-a na invenção da lâmina que o ourives abandona. Lili a esposa que o diacho recusa, encontra cogumelos e suas outras inquisições levam o dibuk a purificar o eunuco em busca da metaxia. O espelho repugna Petrarca que desiste novamente para erigir elegias à guerra como as bases do humanismo na África. Obatalá perde a paciência e inicia os oratórios da peste sob a flor marrom. Phlebas desperta à embarcação naufragada sobre as areias de pós-modernos vapores, frente ao teatro da estepe onde Coleridge vestindo um pavão amarrado ao pescoço conta esta mesma história que você lê aos convidados de um divórcio. Hamlin e suas crianças saqueiam a

elóis ruminam, morlocks esporam esfinges que ronronam fadas, cervos emanam flores dos cornos que buzem, fastitocalon se atiram contra garuda, banshees fazem o vento existir, gnomos inflam cogumelos, chermire empurra rochas para o grifo afiar suas garras, haniel e hidras assopram as velas que alimentam hoshigans, ictiocentauros galopam morro acima com kani agarrado ao abafador. Khumbaba em adágio, kraken e kujata numa antífona, wufniks com pandeiros, lârnias em mordentes bemóis, lêmures trinando, mandrágoras assinalando a mínima dos timbres que tornam a garra da mantícora a palheta de tarkus que defeca lápis nas cinzas do minotauro. Curupira sapateia sobre o boi-tatá, mimecoleão meste ao tantã, ciclope finca a pena das nagas neumas no couro das nesnás, ninfas em musette, nornas gavotam, odradek perfura o tronco de onde o pelicano arranca a própria carne para tapar os ouvidos do peritio aos berros dos pigmeos que transmutam hobbits em nibelungos, cavalos de fogo circulam o casebre que desaba, búfalo fala das cinzas voando, cava, lobo dança ao que macaco tamborila, rêmora sopram vidros e reptilianos forjam tipos, salamandras retesam couros ao fogo, tiamat enreda os trezentos caminhos entre os sons com sete selos, sílfides apitam os bambus que sqwonk devora, os talos se tornam máquina, t’ao t’ieh desmorona o muro, trolls se apoderam da música, ogros se designam mestres da magia, gollems impõem regras severas, youwarkee comprime duas palhetas de bambu para imitar o canto do zaratán, o unicórnio perfura o rinoceronte. Um ofertório à fantasia evapora com o incenso que se ouve. Contraponto do moteto ao claretim courante, contralto fagote contra a melisma menor. Minueto sob o síncope em semifusas, a trompa dá o trinado à cadência. A tuba cruza a turba, sangra o ouvido que ensurda, viola vivace em dó. Batuque afetuosamente ad libitum, alaúde apenas em acidentes, acento do diapasão à dūr, dinâmica do divertimento ao estudo. Frase da espineta ao finale forte de fagote ao madrigal. Solfeja a sensível soprano numa suíte de virginal em tessitura virtuose. A esfera desliza o centro à secante tangenciando ao raio o instante da metástase catódica, magnetes desenham geografias no éter que ressoa o vão entre energia e matéria intumescida de duração, pulsos térmicos

cidade, as crianças matam-no e fazem um cachimbo com o flautim. Os boêmios pintam as cartas contando as histórias e as escondem em jogos de azar, como lhes havia indicado o mandarim púrpura com os haikais de traço único: “Shoshin, Wabi Sabi Yugen.” Vivaldi e Handel trabalham obstinadamente para executar todas as variações possíveis do sistema de controle, pôr logo um fim a este. Engendra no musicólogo analfabeto a ímpar sensação de que deve reencontrar Da Vinci, mas este se esconde em uma de suas máquinas encouraçadas para assistir a farsa do pânico, o desaparecimento das crianças sequestradas por satanistas ou ciganos que mantêm licantropos como senhores de seus feudos. As bruxas do Mefistófele de Fausto de Goethe humilham o senhor dono da terra das palavras. O demônio de Laplace e Maxwell são filhos incestuosos desta corrente de tolos que percebe os poderes dos mágicos, logo políticos, dos livros de inventar outras verdades sem pôr o pescoço à pena. Muitos personagens já salvaram e arriscaram seus autores, mas agora Benedetti havendo decodificado esta ponte estelar, quer apenas soar o infinitesimal atômico da piada de Galileo que assiste ao envenenamento do cura. “A cebola gira ao redor de uma lágrima inominável, mas ainda observa à luneta na mesma ordem que os antigos seguidores de Nicodemos, buscando o mesmo desenho das constelações que viram eles.” Só então rindo Stradivarius, lasca a madeira de seu talismã no mesmo sentido que o ferreiro hiperbóreo forja o martelo de fazer martelos. Rameau não quer parecer místico, para melhor elucidar o demo, quer explicar tudo isto sem precisar questionar a doutrina de magnetos. Nicolas Decusa lê a bíblia como novela e o Talmud como livro de receitas, Heloísa e Isolda impacientes com a péssima culinária que ainda vigora seduzem Gilles de Dais cantando um dueto de como Zarathustra surge a Jethro Tull enquanto este medita sobre a ferramenta de Fu Xi, o invento de uma viga amarrada a outros pedaços transversais de madeira que arremata o feno. Ara camelos dourados chegando ao interior das terras do coração, de sua matéria será feito o joelho de Wallenstein. Toukaram, Yunus Emre e Ryokan se mudam para Konya temendo as invasões mongóis. Funes o olvidante, briga com Ahasverus por conta da

em campos de hedra. Apodrecem as cidades silenciadas pelo controle das molas espectrais. Vórtices esquadriam a altura da cadência, a massa sonora arredondada no caldeirão de cera se deforma continuamente nas protuberâncias de memórias. Números anodoam em cores de formas para imagens se confundirem através do espaço esquadriado da assimetria que opera a série. Mônadas nômade giram ao redor do centro vazio dos estios. Intervala. Dominante agógica toma o tom sistemático e a impossibilidade de síntese fônica dos polímatos faz uma chuva torrencial cair por anos em apojatura. Música, logo escuta o ruído sentido dos afetos perdidos por ressentimentos e desabrigo de folhas verdes caindo ao chão do cemitério de anônimos. Os nervos retornam ao jardim onde chovem raios sobre lamas e os perceptos instauram em instantes acontecimentos, eles são chumbados na faísca do fósforo para argumentar uma retórica inconexa do sublime. Geometrias de afectos notadas contratemporizam químicas harmônicas, toda uma biofonia aponta o afinador dos planetas, os isolados da roda de trabalhos se encontram no bosque secreto entre o deserto e o jardim. Arranca a prima folhagem que racha em cânions erodindo que descasca como uma fruta que se liquefaz quando espremida em cachoeira que abre qual um véu d’água noutro véu de seda que passa sobre a pele que abre os poros eriçados na tersã febre das lãs que amontoam minúsculas ao cobre da corda estirada ao abismo da braça harmônica viradora de páginas. Chove ainda, a música separando e dividindo em alturas, as calhas de vários materiais recebem a cascata que despenca quarta sintética sobre a pequena planta à janela da casa de teus pais na cidade onde nasceste. Cosem um sapato à fôrma que solavanca sobre o chão de terra batida, batem ovos, varrem polvilho, acendem a lenha do forno, untam a panela de barro com azeites, alecrim e manjerição ao ar, porta range, carne humana ferve, um brinde. Ara o sulco dos olhos até chegar ao avesso do ouvido. Planta moedas que alimentam a terra com melodias de fortalecimento das ligas harmônicas. A cerâmica cristaliza o aroma da terra em suas liquidações, cavalos sapateiam, elefantes pisam sobre cabeças. A porcelana quebra com a queda estilhaçando sobre a camurça da parede dos aposentos. Um

ausência de costura na malha de cortiça de Marcel, que diz: “Para um europeu nada é mais assustador que um indiano sem cítara.” enquanto retorna à ordem cronológica. A sução da linhagem nobre dos reis ancestrais está no sangue de poetas. Monges se proliferam nas montanhas Himalaias, seguem entoando as mil escutas com absoluto zelo, compaixão a todos os deuses e gentes e animais e matérias e selos sobre o vazio, no qual em se olhando pode-se vê-los como órbitas e anéis íngremes que desenham como se fossem pelos dos cabelos de Pachabel observando o tempo que a bola de canhão toma até atingir sua própria casa e ressoa a violência com alegria. Cervantes canta há muito tempo, sem no entanto jamais afastar seus males com seus apelos. Alguns dizem que este é o preço a ser pago por ter roubado a armadura daquele francês, amigo de Calderón de La Barca, testemunha das classes de luta pelo sonho coletivo e das desventuras de Critilo discreto. Xangoxalá inventa a capoeira de novo depois de ver o enxadrista que contava em seu jogo de corações de cristal. Muitos manuais explicam a arte musical mundana, mas nenhum ajuda Telemann. “As mil estações de um dia, todos messias.” Os peregrinos atravessam no sentido oposto ao dos cruzados, sem destino Baltasar come um pão. Giordano Bruno a caminho de Taenarus ouve o sino sincronizando a cidade, tenta invocar os demônios, só consegue perdoar cada um dos setenta e dois inquisidores. Copérnico se lembra do que lhe disse Cipriano quando foi ouvir uns versos da sua sátira ao Maleus Maleficarum, sabia que os sabbaths e as verrugas de Valburga são charme das canções da praça próxima ao cemitério de Bratslava. Anota o poema e compreende o saque dos conhecimentos populares, busca científica da caça às bruxas. Kabir e Al-Hallaj tentam reconstruir o telescópio de Giambattista della Porta a partir do microtonalismo dos sopros persa. Academias, leprosários para gênios. “Não fosse pelo monarca, o demônio já nos controlaria os intestinos.” e riem a noite toda. Bashô descobre o átomo para Grenouille que sente o cheiro da cera de seus ouvidos em harmonia com o hálito vibrando suas cordas vocais. A família Bach bate à porta, o inverno chega mais forte que nunca à vila tomada pela peste, todos se refugiam na igreja. No andar

brioche, ou algo parecido, é mordido. Caldeiras derretem metais, sangrias nas têmporas. Além das batutas vento colcheia movendo, passos sobre areia muito fofa, lamento por outro tempo sem senso nem elemento sistêmico aritmico. À proa do estreito, desaba estátua, guincha a águia, flamulam coloridas bandeiras algumas sendo levadas, pelos cavaleiros arrastadas, até onde o gelo derrete sobre a flor ainda primaveril. Adentrando ao pavilhão de câmaras espirais, o estribo desdobra a membrana fazendo o martelo de pêlos fazer cócegas no portal dos navios vermelhos e brancos, a partir daí não se pode voltar atrás até que exploda o estômago outro, pólvora de carne. Todos um passo à frente de outrém na dança morta da crescente ruído, temor pela fúria divina contida nos dutos, sorvem apenas a adoração e o temor na pira batismal no botão da rosa. Moralismos musicais abrem covas onde enfiam a fundação do labirinto templo transsonante. Não se sabe de onde vêm os sons de garras de tigre tocando incontáveis arames de dimensões distintas, o tilintar dos vidros dentre a vidro, tremular cristáldo de diamantes sem fim pairando numa floresta de esmeraldas a mar de rubis com perfume de anis e sangue. O fogo queimando a chama, as guilhotinas harmônicas dos coros e os violões embaionetados presos aos cabrestos. Fermenta a ressonância vazia do abismo, unge o metal com as ligas do fogo e marca um tempo só para todos, badala o sino. Sopra as algemas dos ritmos e outorga a melo legítima ao permitido campo harmonia, badala o sino. Recorta a senda do viço, estira a lâmina ao seno, martela sobre o veneno do aquecimento, badala o sino. Lixa e pole o limo da brasa e do enterro alquímico, sorve o ácido do brilho, badala o sino. Um corpo arde no esquecimento, cabeças a prêmio rolam, botões de caos nas ondas de matemas, asas das núvens que encontram o esfacelamento do barro seco sem porcelana, clarineta luminosa emanando musa gasosa, escava. Tonalidades protegem dos ruídos entre as cidades harmônicas pelos caminhos, grãos de mostarda germinando entre as pedras. Largo motu cordis de uma jovem saudável em tarde primaveril. A chuva neva, o baú é enterrado. Peidos e arrotos pululam, fezes de todas as espécies e urina pelos cantos, defumador no altar balança a corrente fina de prata, o vento assovia

do meio as famílias rezam, o velho pai sobe ao mezanino para tocar o órgão que pode ser ouvido, aos claustros frios das masmorras, pelos ascetas e velhos masturbadores. Nas catacumbas a orgia segue a cantos hediondos, liberadores e lascivos. A deformada põe lenha na fornalha que alimenta os foles da máquina de música, Klossovski e Saint Germain jogam tarot, bebem licor de sangue com Papis, um anão que anota a música que produz a edificação nomeada “Teologia e Civilização”. Leporello, já ensandecido pela febre, canta fragmentos melódicos sobre os xilreados de Lázaro. Diderot conta esta e outras histórias a seu sobrinho que lhe fala sobre as cordas ressoantes e um ritmo de expurgo do veneno de tarântulas. Buscam ambos não demonstrar a Teresa filósofa seu temor pela crescente ditadura da oratória, poência da ciência. “*Ousar, A Tentação de Orfeo*.” anota Gil Vicente num caderno feito à mão com o desenho de um caminhante e sua sombra à capa, fecha-o e sai da taverna já embriagado. Ao tomar a rua à direita encontra o velho Jack e Inês num beco. Ela grita e ele sai aos berros de encontro aos dois com a mesma intensidade que Camões quando solta os braços da esposa ao naufrágio para salvar o livro, ato que o obriga a assumir-se ciclope para La Fontaine que toma a barca errada e acaba se deparando, depois de meses de carne de pombo, com o Índio surgido da terra, do núcleo oco do planeta feudo do império das ilusões de riquezas, nossos antigos estão mortos e nunca ouvimos suas histórias. Escreve-lhe um convite tripartido Adam Politzer, uma otologia da historeografia de Saint Germain o índio branco, Cagliostro e os charlatões que seguem a corte guerreira. Ronsard aclama os índios como sobreviventes da Idade de Ouro. Erasmo criança brinca com Sófocles e Rabelais se refugia no sanatório, onde pode vozear com menos pensamento que no vinho. Rei, fidalgos e ministros empenham-se em sair da normalidade, em causar espanto com seus vestuários e entonações vocais, suas residências aurais, suas maneiras. Tudo fazem para se tornarem notados. Ostentam o maior fausto e fardo possíveis, presentes em todas as ocasiões extraordinariamente abordáveis e infinitamente diferentes. Após a ceifada de cabeças com penachos, o poder impregna-se de teorias abstratas e o governo oculta-se. Os

as janelas, badala o sino, setente e sete degraus de mármore, um dos tubos impedido por uma ave morta. Sopram clamores e lamúrias lânguidas o seguem à lida, sobem sem cessar ao esquecimento de si, estala o chicote, consolam ânimos as notas nunca se perdendo, cai uma garrafa de vinho, joelhos sobre milho, penetrações de orifícios, cuspes contra os ídolos, cartas sendo escritas para ao fogo atiradas. Corações melódicos de bastões timbrísticos, moedas de percutir espadas de flautim, há ainda um som que não consigo descrever. Marca um ritmo estranho o chocalho aos pés do leproso que desmancha sobre o farelo dos animais, palmas em tarantela. Angústias museiam polêmicas e lástimas afora da estrutura de grades perspectivas que diminuem o audível, hipnotizam a lutheria numa missa régia. A armação de arame sustenta a chave em gira sob a peruca enquanto o laço abre a cortina de veludo, quilhas contra o cais, a pá finca ao tomo e reparte a enciclopédia. A picareta arranca a pedra de carvão, as rodas de metal sobre o trilho ecoam no túnel enquanto os corpos são soterrados. A cera derrete enquanto uma faca corta a carne, um homem é espancado sem soltar palavra, animais selvagens lambem-no o corpo no desfiladeiro abandonado. Os quatro ventos se chocam num uivo imemorial sobre as velas, plantam sementes de esquecimento e memória. O cachimbo pacifica o timbre da voz e a chaminé produz tratores, uma máscara não se adequa bem ao rosto que a veste, água é queimada, partitura na areia, espelhos de fel, línguas dizimadas, cantos amordaçados à primeira missa. O caroço da manga e as folhagens do cânhamo à brasa onde pisaram os dançarinos, os finos bambus derramam a tinta dentro da pele, urros bélicos. Silenciosos presságios de oníricos oráculos, amuletos de memória atravessam retalhos num jogo de compor microaltares, patuás de ternuras derretem, relicários de astúcias contornam pedras musicológicas. Barcos de papel flutuam, o jogo de amarelinha é salteado, exército de origamis bailando num teatro de sombras crepuscular. Arcas de manuscritos para volantines, bibliotecas se embaralham com garrafas que foram lançadas ao mar. Peões que giram na bandeja de prata e desatam a tempestade, sussura um poemma de amor sem renúncia. Toma água num aquário, bolhas de

responsáveis empenham-se em passar por pessoas como as outras. A educação do príncipe de Nicolo inclui as artes da disciplina musical e o controle da regência. Jean-Jacques observa como Lutero aspira ao ócio do seio feminino. O Tummler os faz dançar no lago de Er onde avistam Guido d'Arezzo a riscar o rosto de um bandido e pôr abaixo uma cerca. A claustrofobia modal do bobo da corte se torna aparente ao limpador de fossas, também sua paranóia tonal, uma linha desenhada na areia, sem palavras ou juízo. As fraternidades falam de fé, paciência e desegoísmo como armas para um atentado de reversão de atos vergonhosos de nossos. Zumbi faz um arco para flechas sonoras sobre as quais o Mouro debruça uma pedra livre. Não se lembra do nome de cada relinchar de cavalo, camelo e jumento, mas os olha nos olhos. Boccaccio seca a boca roxa manchando uma das páginas do Decamerão quando decide homenagear Chaucer com cantos de Canterbury. Do macaco monogâmico Westmarck à cidade antiga de Fustel de Coulanges, o matrimônio como sacramento tem variadas músicas que o aproximam e afastam dos ritos funerários. Dizendo à malária: "Nunca mais retorne!" Lady Godiva desnuda o laço coloniz de Afroeurásia no cerne da ferida pela separação dos irmãos de Pangéia. A espada atravessada ao azôto líquido que toca a Vênus Hotentot cantando, chamando o tempo e o sábio encarcerado pelos livros não ouve a vida que hesita dos trezentos e nove cantores de Onoferi. Mel e olivas, rapinas, mulheres enlouquecidas por Autonoe e Actaeon, aristocratas louvando a escravidão geral. Heinse pesca na rocha no lago onde avista o último dinossauro, erotismo da escuta que o carrega pela juventude tardia, fonocentrismo dos mêmes. Hobbes diz: "Quem conseguiria contar esta história das músicas? Orfeo nunca existiu, só há Aristeu e seu sonho quizesco." ao que Kepler inicia uma dança com tochas e canta a cosmologia da harmonia atordoando a balança da ilha. O último Maia encerra o vale onde Incas não ousam. Quando o limite do sistema solar adjunta o pó que não quis Quíron, gestando um planeta, pode-se perceber que não são visíveis as molduras na pintura de Hector Berlioz sobre as mazelas do amor, fantasmia, mas um rancor sincero pela ideologia do cumprimento das profecias do livro de revelações nos gestos dos que

sabão, varal de miudezas ao vento, murmúrio num banquete tribal com frutas tropicais, a cadeira de balanço a pino, a ampulheta finda, badala o sino. Passos correm sobre o sal, o martelo de madeira sobre o púlpito, o tapete vermelho é desenrolado. Farpam arames, chocalho amarrado na canela, sino de gado sagrado, guizos na guirlanda, flores que soltam água, um tabefe numa torta, fezes caindo sobre um monte de bosta. Pandeiro e apito soam junto à vestimenta da armadura, sussurros de uma confissão óbvia, suplícios e rodas dentadas dos relógios à carne atadas. Búzios galactam o feixe por onde a música da luz se derrama, o caxixi dos seixos aprisionados transborda. Relincha e coíça a cancela, arfa e zurra, infla o sepulcro e incha o vestime, acorda a raiz do nervo com um som por ninguém ouvido, trinca a taça, arveoa as pássaras esvaziando a praça. Urta e grunhe com a bocarra de onde escorre demencial baba que cai à poça. Lambe a mortalha, morde as penugens, penetra o falo, tensionam os corpos. Portas se batem, janelas em paredes em fugas se deixam atravessar. A gaveta abre o buraco para o grande deserto onde se põe a casa, na qual se derrama o leite das porcelanas. Ouve-se a obsolescência hidráulica das molas e cadafalsos. Um acorde impreciso o lenço é derrubado, um tapa de luva, alguém engasga, o palito atravessa a azeitona. Borbulha e a sapatilha rompe com o tornozelo. Molha a lã do bode, enrola, comprime e bate-a, dentes de leite caindo, pompa e circunstância a que nenhum som seja ouvido dos talheres sendo levantados da mesa. Salto alto sobre carvalho, mão pegando homus, varrem o chão, cortam as folhagens mortas da romãzeira. Sacas atiradas de braços a caixotes, moedas enchendo sacas, imprensa marca em relevo faces, perucas sendo costuradas em máquinas movidas por pedais em metais. Poeira em redemoinho, água que rodopia, bambu batido com bambu, amarra com cipó, nó em quadratura, a formação do tofu. Para nada protege o resto de tudo pequeno diapasão dos fundos, horizonte único, guerra de ludo contra mudo. Dadas as cordas nos relógios, cabeças rolando, esturros, arranha a porta da cela entre a batalha de reinos e o banquete de cochichos. A zebra sobe a escadaria de degraus desiguais tamanhos e materiais diferenciais que ressoam no salão pela janela, a gralha a

estatizaram a escatologia da entrega de Ignácio de Loyola. Aubrey toma uma pequena caixa da mesa e lhes mostra um compasso, do qual uma das pernas está quebrada, sem no entanto atrapalhar o desenho sobre a folha dobrada. Dessa forma, ele medita sobre a Santíssima Trindade, instrumento musical de três cordas a dispor o êxtase aos que a sentem. A igreja universal do estado de controle com a qual sonha a contra-reforma demanda os espiões jesuítas e suas agendas secretas, contra a qual Voltaire cantaria algumas sátiras e Molière choraria em segredo: “Com quantos pães banhados em sangue se converte chumbo em ouro.” Numa prisão em Moscou, Poncelet engenheiro do anão de Waterloo, reconstrói da própria memória a geometria aprendida de Monge e Carnot para a projeção das figuras que Blaise usa nas suas provas do hexagrama eneadado místico. Os discípulos de João Batista levam sua cabeça cortada. Como é muito pesada, carregam-na alternadamente através dos séculos. Vesalius, ao se deparar com a sífilis inusitada de sua esposa, arquiteta uma fábrica à anatomia do olvido cartofonado de Montesquieu. “Para surdezes perigosas são necessárias músicas perigosas.” O alaudista cinza, que adquire instrumentos semi-automáticos de um mercador em Granada, ensina os irmãos Grimm a cantar “Punch & Judy, Sparafusi i a comedia della arte della comedia”, eles passam a escrever contos eróticos que são lidos pelo escriturário Bartleby, que é obrigado a instaurar o ofício de músico com a legislação da escuta urbana e as averiguações técnicas de teatro social. Viena é controlada como uma escola, Haydn administra a orquestra, pastoreia como tantos que vieram antes à catedral procurando abrigo da câmara. John Milton, montado sobre o sino avista Satan decristo descer sobre o lago B e um tabelião marca a autoria como respostabilidade heróica nas chapas de bronze. Os anacoretas burocratas se negam a crer nas profecias da alegoria de Titikaka e Lúcifer assina com um metal desconhecido uma rocha de silício. A retórica musical domina as escutas enquanto cresce o gosto pelo autoflagelo no Estado da Cia. Crística ao rio Paraguai. Alguns Pajés ainda tentam entoar os cânticos da floresta para curá-los, mas são severamente punidos. Outros cruzam até encontrarem os tigres

neve nada. Vaga-lumes repousam ao vestíbulo da concha, liame suficientemente sol, com o que sobra das barricadas fazemos jangada, lasca e entalha a espuma desfiada. Tríade maior, tibia rachando contra a fíbula, prensa contra a chapa, gorgheios de pombos, silibinos altertonantes ricocheteiam contra a nave cerâmica, lascerações onanizadas e tijolos que caem. Resmungos e preces se misturam aos cantos de outras línguas, poros salivados por ancas que movem folhas de árvores grandes, range a nona tábuia enquanto a camurça do sapato se desprende da sola de couro, escorrega afinando a corda do chitarrón. Um cordão estira até soltar a catapulta, o cadáver da águia atinge o touro, os nove acordes se entranham fazendo desaparecer a sonata que os levou a soar. Risos. Piso tomado por graxa, buraco de piche, a pressão do ar aumenta e a invisibilidade da moral do serpentear melódico cai pela fossa comum. Gotas pesadas marcam um ritmo é notado na outra sala do andar superior onde um cravo a envolve com arames farpados, badala o sino. Chá cai nas engrenagens, papel é dobrado doze vezes até formar um piano. Cartas com partituras são jogadas sobre a toalha de veludo. Quebra o selo, abre o envelope, desdobra a carta, molha a pena, assina a ata, derrete a cera, entumece a marca, carimba a carta, redobra o papel, fecha o envelope, lacra o selo e cava. Quebra o selo, abre o envelope, rasga a carta. Tapa de luva, cachimbo embrasado, brinquedos de madeira contra o chão de barro, pilhas de folhas atiradas pela janela sobre as carruagens que passam. Apitos, carimbos e sinos se alternam. Balidos berram, palmatórias com réguas, brumas brisam, cavalgadas por léguas, trilhos forjados, costuradas as velas, repolho ferve. Água escorre do corpo nu, gritos, uma nuvem cruza outra, o sol evapora a pedra, um canto medra como o musgo, a orquídea se agarra ao tronco, junco é trançado numa pequena embarcação. Multidões de cegos erguem heráldicas à surdez marcial. Um jumento abana o anus sujo enquanto as moscas o atingem ao pescoço, trigo pisoteado, uvas evaporando à fornalha. Mãos de ferro vestem luvas de veludo púrpura e anéis. Ossos ocos batem no chão, tocos uns contra os os outros, sopros poucos, espirros, vômitos e afogamentos de unção. Sons ríspidos de gargantas longínquas, passos sobre caminhos de pedras, chicoteia

humanos, das ilhas de Hefesto. Uns tupinambás modulam a voz para urros de guerra. Tupambac vomita a cerâmica de volta sobre os navios e replanta as árvores com a ajuda de Bercilak o verde e Morgen a rainha da noite. Charles Claude Perrault desenha políticas do prazer e enciclopédias de xadrez às cegas imaginam a partida zoomuseologicamente em Versailles. Ludwig Van Beethoven erige uma surdez aos becos da barbárie urbana onde escrevem em muros Mozart, Cosme Khosruw e Damião o experiente. Derretida, as partes da lyra são usadas para que Stakhanov possa fazer, somando o mercúrio ambíguo, os 777 instrumentos virgens, dentre os quais se pode citar a flauta trágica que ressoa de reino em reino até entoar ao sol russo: “Elevei os débeis clamores oprimido pelos males.” nos lábios de Davi suplicante ao mecenas. “Permita-me viver. Sou menos que nada, sou músico e bem conheço minhas enormes falhas.” Também passam por isto Scarlatti e o castrati, a arquitetura do Foro os une na mesma perspectiva do mercador de Kingstone naquela tarde cinzenta de chá entre Swedenborg e Fermat. Piromaníacos, quando não capturados, adquirem mediunidade sobre o funcionamento dos burgos e das cidades. As odaliscas no Catumbi são ágeis sobre os padres de Port-Royal que ainda procuram uma desculpa para surgir de pau duro no sonho da Marquesa de Prantos. Étienne Méhul ergue uma bastilha ao som para poder fugir da masmorra. O rei sol não sabe cantar e a voz da mulher desconhecida não o deixa adentrar à orgia ou, ao menos, dormir. Histeria e exorcismo atraem Carlos Gomes às contracolonizações de Paz, os bárbaros vindo na outra direção do tempo às paragens destas vilas já cansadas de terra arada a guerra, ouvem. Madame Murasaki traz um diamante bruto na garganta, atado às crostas amareladas dos cigarros. Saci ensina aos rapsodos mulatos o segredo dos bandeirantes, prendem anjos numa garrafa e incendeiam as raízes quadradas. Molotov lhe agradece apresentando o trovador geomante Khuw Hope Ira, que sobe até o topo da montanha e prisma o vento em sua dança topológica. Canta a feiúra de uma mulher terrível chamada Serena Justine presa na casa de bonecas, procurando seu cachorro chamado Stendhal. “Haverão magias para deixar a pele homogêna,

pólvora. Quando puxado o tronco, as raízes trazem consigo pedras que caem numa chuva marrom, a terra fecunda se converte em areial. A peregrinação de um povo marca uma estrada, sem estrondo mas com um gemido onde cantam o movimento das peças do tabuleiro talhado. A desafinação entre os instrumentos cria um campo harmônico específico onde se nutrem aquelas vozes, liberdade e música erguem as bandeiras, animismo das roldanas das traquitanas que alçam o candelário, mecanicismos sentimentais onde tudo é falso irrompem do alçapão em concordância ao charme do maravilhamento que, em troca, lhe dá credibilidade. Agulhas contra dedais, nervos cristalizando em corcundas, bolhas estourando, costuras e flamulações. A caldeira da fundição aguarda o tempo do fogo à forma. O som de uma bala estourando ao peito, a alma do filósofo sangrando fogos de artifícios. Prostram-se de barriga contra o chão sobre a areia da montanha agradecendo e se erguem até os céus pedindo perdão e compaixão por todas as coisas que são. As roupas sujas grudam na ferida do mendigo enquanto um cubo de açúcar derrete. Pedras penduradas por cair, pontes pensas, abetos suspensos sobre abismos, flores de encostas íngremes, torrente rápida, lago orelha em cascata espumante, pagode elevando seu teto piramidal, um útero escavado num tronco. Canto que erra a aves inomináveis que não podem calar os sussurros selvagens. O pintor arranca as orelhas, a música arranca os olhos panópticos das instituições iluministas hiperfônicas. Aberta a ferida a faca para deixar o pus sair. Calterizada com um ferro em brasas cujo som se aproximando dos tímpanos não se pode olvidar. Morde a maçã sobre o torno. Pedras polidas, farfalhar da terra revirada, objetos de decoração fazem música mecanicamente correta. A fumaça se choca com o vapor, ressoa a névoa pela chaminé, um gole do cantil virado, borrifo de cachaça, tiro no pé, enverga o arco, enforcamento com cipó, cheira rapé, se debatem pés, frutos estranhos caem sobre o pântano, siris fecham as garras, borbulhas na lama, ácido corroendo couro, picareta contra granito, louças sendo polidas, pratarias se espalham quando rompe a mesa de granito ao cair do candelabro com as velas acesas. Pau-a-pique, três facas atingem o espelho e o rompem

disfarçar olheiras e manchas, a bochecha corar, destacar a sobranceira e os cílios, colorir as pálpebras, e os lábios.” Ata-se a um espartilho e vai ter à praça vestindo saia com lenços florais e acústicos do controle que Isaac Newton ouve e que lhe impede de calar: “O ruído enquanto doença deve à natureza sonora sua uniformidade, ao que em diferentes pessoas causa efeitos similares. A escuta de um tolo é como a de Hipócrates, mesmo que canto igual não haja.” Holderlin vê a aparição poética da mágica da estultície, a linhagem do sacerdócio, gurus do messianismo e a decadência que advém inexoravelmente sobre a revolução dos gerentes. Etienne de La Boétie sente um profundo hüzn vendo como a orquestra obedece o maestro e se pergunta quando surgirá a emancipação da dissonância entre os fisicistas românticos: “Como tornar os intérpretes livres, sem torná-los estúpidos.” Um narrador de títeres, de pouca habilidade talvez proposital, traz grande alarde sobre o corpo sonoro, monstros dançam macumbas priápicas e Helvétius cerrado sobre seus papéis pranteia enxofre. Bruxas escravizadas por padres preparam doenças, as que se negam são atiradas a Príapo e depois a Pyros. Louise Michel loba escarlate no cemitério negro vê Budai voltar a andar. Tomás Antônio de Gonzaga não confia na servidão da arte à cultura. Verdi chora idosos, pequeninos trabalhadores, suplicantes mulheres da ópera. Se debate contra as paredes de veludo. “Confesso amante, tomai senhora, recebi toda a minha prisão. O meu esquecimento também. O meu desentendimento e minha falta de vontade.” Tchaikovsky apiedado parte em busca do tempo reencontrado por Dostoiévski ao cadáver congelado de Ersatz, Zóssimo o stárets, ao campanário de Arseni, o sineiro. Antonius Black joga go com a fome. O Longíncuo forja miniaturas em todos os pontos do horizonte. Sino negro pelo raio, Thomas Edison sente as vibrações da cera com a eletricidade que Rossini imagina uma sociologia de notas que entoa Schopenhauer cristna triste. Oefro surge em meio a uma cidade agitada pelos rugidos de uma caldeira. O ignoram, se opõem violentamente à sua figura estatutária, depois de muito tempo aceitam-no como auto-evidente, e por fim se calam. Também as academias são infestas pelo vício em poder e é se

em caleido carrilhões, puxa o cordão que range a liga, arrotas. Uma peste corrói as vísceras a partir dos ouvidos, ensurdece, adega esvaziada, essência do perfume aderindo ao óleo, inflamação pusilânime, pétalas arrancadas em adágio, dentes mofados caindo, sangue-sugas fincando os dentes, gritos e risos do lado de dentro da taverna enquanto uma espada é fincada na madeira, dedos contra a pele do pêssego, porcos grunhindo comendo a lavagem, orelha amputada. Os sopros das têmeperas realizando sangrias dos ouvidos nagueis, bichos eróticos pulam gesticulando urros de sexo e joguinhos de duplo sentido com suas genitálias que servem de caixa acústica. As cordas puxadas movem os marionetes em uníssono, mas cada de suas roldanas tem um gemido distinto e, em geral, dissonante. Os instrumentos da orquestra emudecem enquanto ainda são tocados, só se ouvem seus corpos raspando contra as roupas e os dedos, furiosamente um lápis escreve sobre papéis rústicos. Nanquim se espalha sobre os poros das folhas, uma a uma. As galerias se inundam, enxames de baratas correm criqueando, cintos de castidade são abertos a marretadas, unha contra olho, ovo quebra. Um rio corre suave ao lado de uma árvore que perde suas folhas, canta uma ave só num ninho. O hotel rói com a temperatura, badala o sino, os prédios da cidades se esfacelam com o frio, gigantes deslizamentos, tombam as torres, arruinados os tetos e quebrados os portões barrados, congelados na platilina, todo o gesso dos forros esmigalhado, entortada e colapsada a ponte sem motivo aparente, rangem os túneis, devoradas as ribanceiras, o abraço duro do atropelamento sobre a terra batida, concreto armado sobre os mestres construtores mortos, passos de mil gerações sobre o muro soterrado, tempestades sobrevivendo enquanto reinos sorvem e fervem como formigas na chapa quente sob a lente na caverna, há uma válvula, abelhas cruzam vales zumbindo contra o vento, cava, urbanismo partitural dos silêncios atemorizadores à prisão das canções no coração elétrico a verter o magnete em espessura da passagem para o canto do rouxinol de molas, roldanas moem, autômatos engrenam o turco enxadrista com o alfinete costurando a pele em algoritmos genéticos dos modos de valor e intensidade da partenogênese. Após décadas a fio, afina a

reabilitando destas que o jovem Sören pensa: “Quando agradados no seu estado confortável sorriem e se esbaldam nas pantominas do teatro de ópera bufa, quando questionados, porém, se agitam e rosnam, bufam, falam, gritam e aplaudem.” Gluck nas cochias, Apolodoro e as bacantes, a massificação das culturas e os templos burgueses à alegria, ao consumo e ao risco. Os Clacissistas, um quarteto vocal de senhores da casa de lordes, apresentam as classes sociais de seu tempo, olímpicos e seus jogos de poder, apolíneos e suas palavras e leis, dionisíacos e suas catarses. Órficos não há fora às tocaias e fuga. Ao ouvir a bela voz de Aguirre, Pozzoli cria o analfabetismo para didaticar Zola e os Nibelungos em Agatha, ainda germinal. Wagner e Tannhauser numa encruzilhada deixam cair um pão, sua matéria e luz enfim percebem-se. Friederich burro de carga, adoece a vida toda de força. Os amantes desta vez não podem culpar a morte, nem os vivos, nem os mortos. Vico se orienta sempre pela mesma estrela, surpreende-se pelas aparentes discrepâncias entre vícios públicos e virtudes privadas enquanto a cera cai do candelabro. Kuthumi voa mais alto que os cisnes, e contém as constelações que ameaçam cair por terra profanando o próprio nome. Os mestres cantores finalizam as competições musicais para que Augusto dos Anjos agarre o violoncelo calado e o toque pela cidade após o absinto o crisântemo roubado, com seu pólen planta. Mahler o observa do outro lado da janela cuidando de suas doenças venéreas. Pela manhã, Alma canta e foge para encontrar Bizet na tourada de Pruystinck. Almada Negreiros abre a tranca para ver o passado da cena de ócio enquanto Marius Jacob conta para o assaltado sobre Marie Gouze. Lizst, Schubert e Schumann encontram no conservatório o diorama do manicômio, stultifera navis do empreendimento global de controle capital das cognições e afetos. Chopin na beira do deserto não segue os ciganos com piccolo, címbalos e caixas. Decide voltar e ajudar Fitzcarraldo a realizar a visão do mameluco. Kierkegaard acende a lanterna da barca sobre a montanha de onda no meio do breu do mar e enquanto descem em alta velocidade canta sobre como Noé com uma tecnologia desconhecida havia retirado a voz de todos os animais. Tentando reencontrar esta, Mesmer tenta, imitando

primeira corda do santur e ao reafinar a segunda, desafina a primeira; anos se passam até que consiga equilibrar as duas, meses para que repita o processo com a terceira e assim segue até a centésima. Serra a peça do andaime, lixar a madeira, arames prendidos, cola. Nomeia os sons, dando-lhes outros sons, o duplo sem-nome silencia a estreita terra anuviada vida, larga profunda redonda emanante sempiterna vasta pulsante vibrátil lira feita de estrelas caídas em atmosferas escorrendo esgoto adentro. Escavações subterrâneas e fezes caindo às fossas comum, analíticas semióticas para a defesa contra a geada negra medieval, combustão, serragem salitrada, paredes são caiadas. O calor do mistério em fusão, o som do mundo manifestado na palavra, lâmina esmiuça pó, um cisne grasna. O ópio dilui, uma colher numa labareda, secreções auriculares. Pressiona uma tecla de marfim, alavancas acionam um martelo almofadado que bate em uma corda, vibra a moeda. Continua a vibrar e o som acaba aos poucos dentro da caixa de árvore. Um pedal range e um abafador vai de encontro à corda para silenciá-la. Nove mil novecentas e noventa e nove borboletas batem asas sobre a plantação de sândalo. Gargarejo, sopros para moldar garrafas de vidro, A tocha enconsta no barbante com querosene, rolam dados, a espuma se preenche de base, a saia debaixo gira raspando sobre a de cima imóvel, um caule racha uma semente de mostarda na estrada, borbulha a narguilé, passos cambaleantes sobre pedra enquanto um lamento desejante se converte em praguejo e angustiados bramidos, um chifre cruza tripas, véu voa, aplausos. Ejaculação feminina sobre a estátua de bronze nas ruínas que ecoam um escaravelho, pregos batidos no crucifixo, bola rolando canhão adentro enquanto o cadeado é trancado e bate contra o baú, mar agitado, a prancha vibra. Cavlos selados, a águia crocica enquanto pausa sobre o braço encouraçado, lonas rapidamente dobradas, runas sobre a areia onde um escorpião pica a si mesmo. Vozes em relações diagógicas, soa a sirene, algumas se atiram ao passado, outras inventam frutos que se elevam dos galhos rangendo-os até explodirem no céu enquanto o sarangi atravessa a galera de gemidos repleta no ondular da tempesta sesta, trovão silencioso. A substância do elemento é sintetizada, moléculas

abelhas, reger uma orquestra molecular que Kardeck usa para mover uma mesa branca de seánce, sobre a qual Hegel invoca o espírito da razão numênica e canta os vícios engendrando gigantescas complicações, querendo mesclar a partitura e a ouija. Odorico pai-rockockore lê a bula adamastórica carmesim da iência para Jules Vernes enquanto aguardam o neuromancer do futuro que lhes diz: “Quando Javé forja uma alma para o corpo de Cura, Saturno a chama homo por advir do humus.” Bertrand Russell desenrola o pergaminho e aponta: “A matemática possui não apenas a verdade, mas também a beleza suprema.” Brahms, tira o foco das tintas para o jardim do míope enquanto Byron tira um drama dos armários para depositá-lo no ovo que a Sra. Shelley deixou sobre o quebra-cabeças. A letra e os traços nas partituras de César Franck deixam entrever um caráter mais selvagem que sua música permite sugerir ao sindicato dos sonhos, os novos sofistas. Rimsky Korsakov, sibilando contos de fadas sobre a criação dos hinos nacionais, interpela a Charles Babbage a que encontre o ábaco de William Whewell nas marés que estão por obrigar Coleridge a engolir a palavra “si-entista”. O alienista no ateneu carregando um crisântemo, o entrega a Strauss, os piratas traficantes e a tropa policial dançam uma valsa neo-colonial, o belíssimo piano de marfim no palácio de cristal, a orquestra anima a festa e a besta se esgueira no sótão. Eduárd Hanslick dá um passo na confeitaria e lhe toma uma imensa alegria. Offenbach vendo-o através da vitrine, monta um café com elite, que acaba convertido num cabaré de psicanálise. Depois de implodir o bureau de marcas e patentes em prol da reorganização da sociedade sem fronteiras, Jorge de Lima encontra a ilha desconhecida de ninguém onde pode ouvir Erik Satie a adentrar o castelo de Christian Rozenkreutz, para a noite transfigurada em núpcias de Scheherazade seducta e Orfeo de grandes orelhas, ao seu lado grafita Rinthra um papiro que dá a Scriabin. Observam o som-coisa e buscam uma linguagem em estado de pureza selvagem para escrever uma inspiração. Expiradas as pragmáticas da etiqueta galática podem os convivas girar a roda e adentrar pela porta escondida no cravo. Sem hesitar entre as quatro vias de acesso, Debussy cruza os três recintos e ajuda o samurai no

cristalizadas de morfina cocaína e açúcar se misturam. Carvão queima, tubos metálicos do lixo são martelados, entortados, furados e valvulados até que se coloque uma paleta na gambiarra de canos, às onze badaladas as molas despontam dos orifícios se chocando à madeira, algumas peças seguem por trilhos enferrujados até que um cuco mecânico bique contra um pequenino gongo por sessenta e quatro vezes em menos de um minuto. Cristais estilizados, labaredas. Planeta onde sons se alimentam de corpos. Orquestra afinando o tempo lentíssimamente, até que não haja mais passado nem futuro impossível. Piano e linha sobre um ponto, candomblé tectônico e umbanda histórica. Ri-se a orquestra irônica, estridente. Ouvem-se gritos, o chicote estala e dança chora. Tilinta tal zoologia dos modos de escuta, voluções ornitofônicas brilham, uma literatura inteira ao ouvido da faísca. Palpitação de amebas e de infusórios, quando o pensamento arrasta tragédias e dramas gigantescos, transmuda seres, altera civilizações, mobiliza multidões imensas, a matéria parece eclipsar-se com seu desaparecimento sonoro. Sonolentos prazeres, javalis rosnam, deleitação burguesa sobre gavetas musicais enquanto a grade se fecha na ala seis. A serpente sai da semente, escala espiralando a luz sobre a cruz e atravessa, negra, o crânio saindo pelo olho, branca. Condensa, xilreia e encanta verde a frente de onde um dia foi a mente até que vinte e se sente as escamas a caminho de se fazerem espinhos, rosa seu pacto, vermelha língua a se fazer cacto. Crocância folheada, mel trespassa o percurso, treme o divã com o afã da voz presa à palavra, o planeta inteiro ressoando, um espinho fura a pétala enquanto uma toalha a pele seca. O dedo molhado de vinho gira ao redor da borda do cálice lentamente e engole o arco-íris num desenho, carvão amassado nas mãos, pés sobre brasa, tesoura aparando cabelos, fianda as heras, cava, maceram as ervas, rolam sobre a lavoura novelos de palha onde mandalas de aromas tomam a forma de um acorde noturno e distante. O frio embalsama a rocha prendendo o trapo que rasga, tosse carregada de tubérculos, um canto das sirenes modula as petições ao destino, lenha na lama. Chiado rançoso e uma panela percutida, a lâmina molda seu corte à nevralgia dos brócolis enrolados em algas secas, arroz destila

preparo da ceia. Também a máquina tem fome. Victor Hugo devora a biblioteca, vomitando séculos de lendas. Papyrus rouba a branca comida galena. Hermann von Helmholtz pensa na arte de deslizar sobre as ondas do mar dos maoris enquanto abre o julgamento dos indignos das musas e demanda que todos devolvam os instrumentos feitos com a lira de ouro, forja válvulas de sonhos mas Sigmund Freud não entende as imagens que lhe vêm quando da execução no jardim. Fourier suspende os pesos almejando um amante ainda não nascido, porvir. “Pedagogia do sexo de modo a conter os instintos eróticos infantis.” Ada Lovelace sorri, sua voz rouca de cigarrilhos, opereta com chás, quer fazer de Roofe um vampiro, mas Scheherazade encanta a eletricidade preenchendo o salão. Todos comem e repousam enquanto Carlos Borromeu limpa a sujeira com os amantes. Touro Sentado brinca com o bebê Seattle enquanto illuminatis forjam a internacional branca e os tolos do Sião. Andaluz, transexual e pobre fazendo teatros às ramblas com papel marché. Os recusados do salão levam consigo suas fábulas e divertimentos, suas receitas técnicas exatas, suas chaves simbólicas mal-compreendidas. Espancada a flor sobre a ponte, buscam abrigos à margem, embarque noturno do caixão com a insígnia do corvo. Herbert Stanley Littlejohn invade o funeral para honrar o cotidiano do barão cigano. Rosa de Cera sussurra, sendo ouvida por todos presentes: “Human, único animal apreciador do barulho.” O guarda da torre, Gogol, ri de Uriel filho de Demian revirando os escombros do lixo épico em busca de um desenlace imprevisto na trama das palhas. Khebinikhov paladino resiliente-se à lei contra os potlachs quando Gautama aponta o primeiro sangha podre a Monteczuma que chicoteia os viciados em expressar-se no ocidental expresso seis seis seis levando os montes triturados pelas cidades nos encarrilhados puxados pelos farrapos humanos e inumanos. Hertz os vê dançando em seu relógio, se volta ao espectro Maxwell, que gosta de fazer brincar as vozes dos espíritos dialéticos de Karl Marx analista de sistemas, dizendo-lhe: “A mulher só existe. Perversão de todos os sofrimentos.” Madame Thoreau deixa a cidade para olhar as raízes do interesse de poucos controlando a colheita de todos, e acaba encontrando Tolstoy, filho

sonhâncias, no lago inerte dançam duas carpas cujas escamas roçam, vira a página e um grilo salta sobre o elmo de bronze que rola sobre a cerâmica. Diversas vozes através de tensões discordantes em síncope e cadências pregredindo em direção a certas clausuras quase pré-designadas que define marcos no fluxo incomensurável de tempo. Enormemente baixas, notas graves de ossos tremendo apoiando um axioma de geometrias um tanto complexas e repetitivas, trompas e tímpanos camaleônicos. Difícil de ouvir tudo de uma vez, tons ascendentes ao limite do inaudível. Coral de louva-deuses, lentíssimos e ultra-velozes. Metal em metal, círculo sobre linhas com outras diagonais movendo senóide entre a secante e a tangente radial. Vibração da frequência fundamental da altura no esforço físico da amplitude de intensidades no momento dos movimentos articulatórios, tempo da duração. Um raio atinge um sino a partir do zênite zodiacal, constelações servem de escudo à surdez, orelha encostando na trompa, oitenta e oito batidas por minuto das estruturas intraoculares, ficções verbais, . A imponente onda surge acima da cidadela. Aves inventam regras de tabuleiros para tribos, joguinhos de musicar búfalos invisíveis, criam iglus de ritmos. Mastigam dentes, bebem ossos, vomitam asfalto, centenas esmagados sob o túnel, o salto se rompe e o sapato é largado sobre o granito para que os pés alcem pulos que dobram os joelhos retesando os nervos, cabelos sendo penteados, um estômago ronca, chove granizo sobre os cães. Lufadas densas de vento batem na lateral de pedra da edificação sem mover o moinho, o sarong se embrulha enquanto as pernas se cruzam assentadas ao tapete, inspiram todos profundamente o fumo à sauna, um incenso é apagado sobre ajna abrindo o terceiro ouvido. O mundo em danças contra as marchas, a inteligência esculpindo comoções no cerne das frequências. Vozes sublevadas pelas etiquetas e cantos forjados aos instrumentos mundanos, fazem de uma jornada paciente e meticulosa um acidente iniciático, possibilitam tanto a massificação das escutas quanto o espiritismo eletromagnético, que logo se torna um culto de hierarquias angelicais e burocracia da autorização dos gênios. Quando da eletrificação das lâmpadas as asas todas queimam,

de Hermeto, que ridiculariza os feitos dos Alexandres, exageros sobre os poderes individuais do maestro da banda militar mantém o fogo aceso com as partituras dos raps'odos indígenas da reforma Mórmon. "Ah! Sensualidade espiritual, um brinde a todos aqueles que morrerão com seus cantos presos em si." Mendel separa ervilhas enquanto Husserl confirma a lei da interrogação na sala de revelação dos negativos. Trabalham as mulheres e as crianças enquanto os homens brincam. A faca de Cabral adentra no olho de Cruz e Souza alimentando a revolução interna de Tagorei que funda uma religião para poder guardá-la dentro de um versinho e rir dos ímpios. Prometeu percebe o crepúsculo dos sonhos. Eloy Pruystinck reflete sobre o culto à carga de Lucrécio que depois da morte morre. Aleister Crowley e Blavatski fodem de maneira nojenta e grotesca. Com a morte dos deuses, as musas brigam entre si. Obeah e Wanga discordam tanto que Jean Sibelius acorda suando de um sonho onde Ballard se perde na vila dos ogros e os selvagens são dizimados por armas de concreto. Enquanto o Lama toma um chá, se lembra do monge que saltava quando cantava à porta do sol. Rudolf Steiner estende os tapetes para os fonogramas de Kyrlian e as gravações de akasha luzirem os olhos de Thomas Edison, a simplicidade da escuta se torna má-vista e o charlatismo generaliza-se espalhando a massificação das ceras que levam à inocentização dos bestiários por Apolinaire dados os terrores do zoológico e a poética incansável das metamorfoses de Darwin em Peirce em busca da síntese inventiva da escutação, retorce e dobra sua escultura quase do mesmo modo que o sonhador faz com os relógios derretidos, com que Toynbee, não querendo que a história seja de todo alentadora, acusa Calvino da origem do racismo, sistema exclusivizante: "Todos os povos são eleitos se não há votação alguma." O antropófago obeso, parente do bom selvagem come a anta inteira enquanto o deus do deserto corta as árvores sagradas para fazer instrumentos. O jóquei de Lautreamónt vai ao tribunal no jugamento do psicopata Ducasse que manipula Maldoror a sua ira enquanto o marechal Random sibila: "Silenciar-se se preciso fôr, silenciar jamais.". O lápis filosofórum traz os cabelos de Lilith atados aos e Adão, o que convém àqueles que

sofrendo fala com melodias belas, amplas gargalhadas, grita o nome à exaustão, perde a voz, chora falando nas enchentes e atravessa o rio furioso três vezes, sem parar um segundo de gritar, o grito faz vazar músicas, é o ladrão por onde a mágoa escorre, por onde a pororoca dobra e rui. Silêncio. O grito faz da gargalhada ruído, rumina, range, ronca em afazia, falta de ar obnubilada enquanto escuta o sabor do calor que mescla a raiz e a flor, a rede balança sobre a embarcação a vapor que se funde à fumaça do cigarro ao acender-se, passos no andar de cima. Tempestade tropical de areia, distanciamento das imersões de barulho dado a proximidade do trauma à trama, sangue coagula na terra, o caderno se abre, os esquecimentos do caminho irregular não impedem o tropeço e o tombo atravessa a lenta música de um ano inteiro enquanto professam serem amantes da música, mas na maior parte não dão evidência alguma em seus gestos de que a ouviram de fato. A porcelana o pires tilinta com o ricochete, a moeda gira sobre a madeira lentamente parando, couro estica quando a junta se dobra e o músculo retesa, duas mãos se apoiam e forçam em direção oposta, alguns gemidos amolam imolam imolações, o frasco do bálsamo tem um formato peculiar que assovia quando vertido sobre o unguento, o ralo destapado leva a água suja em enorme velocidade, as cores às teclas de marfim não disfarçam o cheiro do animal morto, máquina de abutres. Usa do sistema laríngeo para gerar, com a ajuda da corrente de ar produzida pelo sistema respiratório, uma fonte audível de energia acústica que é modificada pelas ações articulatórias do resto do aparelho vocal. O penacho é fechado a vácuo, a tensão da bala, a sirene da polícia, laceração de um sangramento, a permanência de um beijo. Infinito limitado. Vozes indistintas flertam deuses luminescentes em soslaio juntos à folhagem manchada do papel de parede que dissolve lentamente, a cera derrete em espiral enquanto se estofa um travesseiro, desmoronamento de certos sólidos, varal afinado em mixolídeo, bate o pó da tapeçaria, roupas molhadas à ventania, o pavão abre sua cauda, um pequeno desvio do caos, este ano foi particularmente silencioso, atravessa uma ópera transiente flecha de tempo que antes de atirada já atinge volúpias, mil abalos inerentes à carne, cisma.

a consideram não outra que a mesma Eva Pagú. Ranke parece estar consciente da relação paradóxica entre a continuidade do processo histórico e suas rupturas quando o concreto se racha ao sol. Krishnamurti sonha com Maytreia implodindo a ordem no endoterismo do falseamento de questões onde os exilados de Capela se dividem em diversos corpos dando vazão aos mediados jaguares e suas missas às filas da cidade sobre o quartzo, escravos escavam os pilares dos templos burocráticos. Dilthey cochila rindo, os esotéricos dissimulam a ciência a fim de evitar o sensibilibídio. Lenormand assiste ao incêndio da casa de ópera e pensa em Schoenberg arlequim solar, rui o compositor com apenas um singelo golpe lógico, jardim pendurado à foice transfigurada da harmonia histórica onde Moisés e Davi reprovam todos os que os seguem. Wladyslaw Szpilman conclui a notação de seu corpo a carvão escrevendo uma ópera vermelha fincada sobre pueris mentiras e o peito anônimo que enfrenta o tanque na paz celestial de *“Pensar, A Vingança de Orfeo:”* como visto numa ilustração de um livro por Stravinsky, que conclama os polichinelos e sacraliza o enterro dos amantes erigindo uma revolta urbana estética por cima de onde Frederik Douglass, Ida Craddock e os espíritos os escravos fecundam a casca do ovo Polaris à visão de Ezequiel, norte magnético depois da queda do muro, a vanglória brilhando no dente de do pretense profeta Almutanabbi. Darwin acaba com um erro de Lucrécio em seu *De Rerum Natura*, o que lhe parece tão bom serviço quanto estabelecer uma verdade, porém deixa a porta aberta para evoluírem também os males, com nomes compostos apenas de letras. Hedy Lamarr a feia estupra o codificador Bruce Lee Sterling. Mark Twain, encontrando o decaído sem canto faria ao absurdo uma reza: “Não são as escutas improvisadas que atrapalham, são as músicas finalizadas.” Berg à imprevisibilidade se cala, mas não tanto quanto Webern, zero absoluto entre o instante fotográfico e o enigma da criptofasia de Sileno de Ceos, que sussurrando do banco de trás da sala de cinema, diz a Wittgenstein ainda carregando o acendedor: “Melhor seria não ter me ouvido, mas agora melhor seria que te calasses.” Os lobos se atiram à villa, os exércitos aprisionam as pedagogias em novas missões, o canto

Minuto em minueto, o bico preso à fruta, raio sobre chave que balança à pipa, pedra no estômago daquela víbora, o dirigível aquece enquanto é inflado, a palavra do canto na comida, a pata marcada no couro que batuca, o metal se contorce inflamando a fita, os átomos se movem carregando o choque. A combustão toma as paredes, vão que arregança do cheiro ao toque, queda rápida que carrega consigo a nuvem de fumaça até o zumbido do alcalóide reformando a fé. A queda da lágrima carrega o silêncio da própria morte. A semente de uma árvore soa como as folhas de outra bem maior quando caminhada por um pequeno marsupial. Um esquadro arqueia ao mapa a avalanche de um relevo. Fezes animais caem sobre o feno, estopa enfiada no ouvido, lantejolas e bumbos, malabares se chocam no ar, lonas puxadas por cabos presos às varas, corpos rodopiam no ar, candeeiro em dança à ignorância, mãos presas por grilhões ao tanque que puxa-as, a ceifa enferruja respingando e a clepsidra feita da lira congela. A língua deixa pouco espaço para o ar sair e este o faz numa espécie de fricção, gado se mexe no curral superlotado, a porteira treme e a estourada ocorre com mugidos severos enquanto pisoteiam os cogumelos junto às fezes e à lama, abre o remédio patenteado e toma, súplicas persistem, um trevo cai sobre ferradura ao lado da ave que gorgoeja à âncora. Descascam batatas, botas arrastadas, símbolos sendo costurados em lapelas, gemidos mudos, gritos dementes, músicas loucas, injeções a esmo, raspam cabelos. A música se coloca dentro do som das coisas para escuta do torpor da planta ao instinto animal, a cura soa como a doença, por medo da fome trazida pela invenção da miséria os dedos se esforçam repetindo mal a obra em louvor da cidade, a gota presa ao galho solta-se. Implode o recalque do pragmático, arar de cílios, suplício em berros silente e sempre reticente e só a defumar trago ao peito aspirei, alimenta às flamas, ira chamando brasas às asas quimeras pulmonares d’homoplate cantando raízes flutuantes, cinza névoa, elán viral dos títeres, escava canções da estrada de ferro subterrânea, incenso imundo, putrefação exalando torácica melancolia, escarra escárnio acima, laringe do quandonde, ampulhetalhe germinal fleuma mastigando ordem, cartografias do nadareia movediçando grãos em

orfeônico é marcializado, revolução cultural leva à ditadura global e as grandes massas realizam espetáculos de disciplina e controle. Bohr embaralha os nomes no texto para revalidar a história que lhe é contada pelo gato de botas de Carl Gustav Jung que escreve no umbigo de Roef: “Evite a beleza, cante sua história. O que rejeitares de si, aparecerá no mundo como evento.” depois abre o portal e deixa a enchente vir sobre Bataille, que admira as ondas de objetos e transmuta os moscardos no próprio touro, fascínio do sangue de Cecília que transa os livros para ouvir tocar à maldade escoante no infantilismo de memórias um paraíso atirado à semente do figo por Gide: “Uma só música bastaria se conseguíssemos ouvir.” num quadro dentro de um quadro pintado por Mussorgski no seio de Emily Dickinson buscadora de um jazz que nunca ouve na dissipação do deboche à estagnação, medo maior de Georgie Sand que tomando a própria boa fortuna por garantida não a ajuda a limpar as fezes dos ratos. É claro que não havia necessidade de limpeza não houvesse a casa, mas o fogo espanta Schrödinger por todos os lados da arquitetura do castelo de Kronborg onde Escher serializa os poros de Planck encontrando o ritmátomo, seu filho é assassinado por porcos. Cercado pelas políticas, acossado pela polícia e pelos serviços de informação, vigiado pelos militares, tenta fugir ao mesmo tempo de ganhar um prêmio por suas pesquisas e de um pelotão de fuzilamento, duas faces da mesma bola de gude. Ravel sobe a rambla para se encontrar com Orwell e lhe serve munições de castanhas para tolerar a resolução nacional, até Duke monta uma grande banda e se tem na conta de líder. O voyeur do desconhecido não é um autêntico, é irrelevante, e quando Buber já está bêbado é que nota que as memória afetivas estão se tornando capital cultural nesta história a ser cortada na transversal para John persa deixar a água dentro do ovo em suas ferrugens marítimas. Nijinski não gosta do que vê e quebra o espelho de Isadora, a canção dos gestos se revigora sobre a derrota vitoriana de George Gurdjieff fugitivo de Fiume, as comunas místicas também falham por conta da resistência dos mágicos à abertura dos truques, resultados naturais da dança objetiva do despertar dos hackers sobre a linguagem das abelhas na colméia da

vão, comem durando cagando ócios, soleiras trombam, acidentes dos multilados baldaquinos áridos, folhágrimas secas como frutos secos duros de tão secos em suas tendências tersãs ao redestorno que queda na queda. Intervalos ordenam o espaço elétrico aberto a trezentos e sessenta graus acústicos ressoantes, a preguiça desvia da anta que ronca, a confluência do capitalismo musical com o animismo sonoro recodifica o conjunto dos campos de escuta, põe a dentadura no copo, rolo de papel bolha estourado uma a uma e a corda aperta o nó. O exaustor puxa a fumaça, a gordura gruda ao pano que passa sobre o metal escovado, batem asas, espirro, telefone que não é atendido. Trova triste da turbina, teletexto, abre o guarda-chuva, um urubu monta numa raposa, uterotomiza uma utopia. Tênuê gravidade, tência e gravidez, só lágrima e lâmina, descascada a cebola, a corda se aperta ao refletir nos ouvidos húmus dos ânus, esmaga pelas próprias vísceras, força intransponível entre virtude e carne erige nas ruínas dos templos templos à ruína, idolatra os pés enlameados, ateando a árvore ao fio da lâmina. Sob a pele vertida em sons, harmonia polêmica das esferas vocalizam além do domínio demasiado espreitando entre o entre e o entre com suas helioconíades névoas, lusco fusco turbilhonante das mônadas às sériespiraisto infinito multiplúnico à transcaosmetrogonia da mnemomania, museiam criências bolhas de sabão. Escuta panorâmica dos moribundos gemendo revolta, um som contra a música o cala, continuidade ininterrupta toca um universo seguido de outro em cânones conectados entre nós biologicamente à terra quimicamente ao resto da cosmia atomicamente. A orquestra de palavras discursa sobre a retórica harmônica da melódica rima rítmica, hinos põem mastros em ereção, castanholas atijam a patada do touro, tinta esparramada sobre cadáveres, terra atirada contra terra ate que a nuvem de fumaça e os espirros cessam. Temas irredentos e cercas sonoras, portas são trancadas, silêncio da casa esvaziada, piam nozes sobre as folhas molhadas enquanto o forno quente gruguleja, escava até o coral. Grunhe fricativos sobre o véu palatino, fazendas se industrializam pelo puro gosto da chaminé, a tábua cede, metástases do estilo corróem diálogos, séries de protocolos e carimbos, fichas são furadas,

tradição. Resolvendo qualquer problema à feira, o quarto caminho mostra a Ouspenski a grande máfia da caridade e as pirâmides de enganos da ostentação espiritual nas quais se apoia Ayn Rand para tirar os alicerces da construção labiríntica. Castañeda lembra que só devem se dedicar à alquimia os de coração puro e intenções elevadas para pôr-se de lado a mixórdia ocultista. “Transforma-se o próprio operador, o gênio não é mais que uma das etapas do percurso que se pode percorrer dentro de si para alcançar a totalidade de suas faculdades.” Agatha Christie adentra o museu das formas geométricas durante o Vesak para tentar resolver o crime da morte de música e escuta, encontra símbolos convertidos em botões marcando um caminho de proporções até a sala onde recolhe a chave de grafite e ao se virar está face a face com um homem sob a máscara de Anúbis que lhe diz: “A eternidade é a presença do passado.” Dominado pela rainha Medusa, que sentada em seu trono de veludo verde com nove cães de prata ergue o templo de anis onde mordomos gentis sorriem bemóis, Girard mostra as engrenagens do espetáculo do sacrifício para Hindemith e Toch enquanto um soldado bêbado mata por acidente o ídolo de Freddy que decide sair para beber uma rapsódia. Parmegiani dirige até fora da cidade para ouvir as estrelas. As madrinhas dançam para Irineu depois do trabalho e Sebastião leva as criancinhas até o pomar. Raul vence o rei Ego mas se afoga em canecos brônzeos enquanto leva o manuscrito de volta às Plêiades. Charley Patton segura uma colher e, sentado à calçada, observa as carruagens inventando uma avenida que vai ter à favela da Trácia, Bretton acende um cigarro e desenha uma quimera no vidro com seu bafo, a sábia Macabéia quebra seu rádio relógio e vai salvar Jupira “A violência deixa marcas superficiais.” As duas vão viver com Griffin o maquinista dos trilhos horizontais em Nova Orleans onde a partitura se mescla à coreografia nos bonequinhos de vodum, o baio e suas monsões. Orfeo desiste e se põe a desfrutar do jardim das matemáticas enquanto o espírito do corpo apodrece. O velho violinista moribundo dando ordens. A rocha azul é a certeza da vingança dos escravos pela sedução da terra, tomando-a à mão Bessie Smith não pode esperar mais pelo colorido. Virginia Woolf sonha

rimas são rimadas, estiva a estima sobre a lástima surda da mudez opcional. Ovelhas uivando, montanhas de calibragens, carrossel retrograda enquanto o whiskie entope o funil, o suspensório preso à armação do saiote se solta estalando, cacto cortado respinga seiva sobre o tabaco amassado sobre a turmalina. Vinte e sete batidas por minuto da axial da cabeça, o sininho da bicicleta tilinta, bufa, intervalos homogêneos portando explicações causais e nomológicas dispersam-se numa multiplicidade de tempos cuja escala se ajusta à das entidades, acontecimentos ressoam conjunturas que compõem civilizações, ruídos de símbolos. A soprano narra o que canta explicando seu ponto de escuta. O escafandro range e geme, se debate o corpo dentro dele, pressão da profundidade molda o baixo abissal ao véu de ondas que gera a dança do vampiroteuthis infernalis em sua transdobra de juntas maleáveis na fuga ao polvo que borriafa nuvens negras como as que trovoam sem chover sobre as oliveiras onde os marimbondos fazem casa. Um sinal, abre-se as cortinas. Uma bola derruba um pino, reviram os lixos, badalam os sinos, tampa de xampu abrindo, úvula repuxa a arcada à ducha fria, som da velocidade no jato em mach cinco, ecoa o abismo. Caminha sobre a fina camada do lago congelado em círculos, interferência sobre a antena da rádio comunitária, compactador de lixo, molhos e mais molhos de chave, um cordeiro berra, roupas molhadas contra pedras de rio, canto enviesado sétimas e sextas no limite onde o rabo do lagarto se estribucha sozinho e a tartaruga esconde a cabeça. Corta a lenha, socos com luvas estufadas, cadeira de rodas e bola de basquete batendo, elevador de aviões sobe à proa, duas madeiras se batem, camiseta rasgada, o código da maleta a faz abrir, mutações do nada, pregos caindo no vidro, ruído marrom, arranca o dente. Cal é atirado contra o chão do trem ululando. A cura soa como a doença, rizomas pipocam, ouvidos derretem acompanhando a descontinuidade aparente da linguagem, a memória adapta-se e antecipa a sinapse sensorio-motor da explosão do neurônio, todos os barulhos solidários entre si, correm em todos os sentidos como tremores, rangeado consonante. A partitura perdida está anotada em números na varanda de mercúrio sem asas que ecoam sua voz. Nostalgia

com ela até que Kafka lhe apareça no farol. De modo similar, Fitzgerald e Pirandello tentam se unir numa pessoa só, talvez Houellebecq cantando algo sobre a análise de Samuel sobre a síntese de Joyce. “O personagem é esqueleto, o que vês como corpo não te iluda, é a alma.” Ninguém te pergunta o que estás ouvindo, que escreves com tuas notas, apenas ao pobre Salinger esta pergunta é realizada. À pedra de sol, Juaroz assovia um haikai de Bashô, Mishima veste-se como Joana Inez de la Cruz na ópera em que Dvorak brada com orgulho que a música é incolor. Albert Einstein engole Newton vivo. Todos os pessoas menos Fernando estão à estréia do prelúdio de William Wordsworth brigando com o guia da Aurora do Outro, cantando em contralto: “Te escravizas ao jugo do títere de banqueiros simbólicos, Petrarca!”. O policial assassino de Carmen tira Pixinguinha do bar e fala para ele: “Aqui você não pode chorar, vai tocar na cidade da música.” Walt Whitman não está ensimesmado nesta situação, conversa com William Carlos Williams sobre o filhopai Tagore enterrando natura na gitanjalia, “Não idéias mas em coisas.” A harpa de Alfred é passada para Chesterton que toca parábolas antigas, Ofreo por sua vez toca uma balada para o cavalo branco de Turim e o homem que enlouqueceu ao vê-lo morrer. Strauss fala sobre este poema que não deveria nunca ser escrito, o Cristoroastro do monolito no macaco cavaleiro da cruz entalha um totem de humanos. A noite se resume a seduções de ofícios num capriccio infinito das formas de velações. “A roda está em nós.” Sousândrade encontra o paraíso em Paris, Baudelaire vive embriagado, Jarre se empanturra de razões. A cruzada dos idosos perversutiza. Marcel Schwob leva uma imaginação vital à justeza do mote o marido de Bovary. Etienne Gilson segue sua aventura de investigação. Ao se encontrar com o Diabo, conclui que é este quem inspira o desejo da ciência que causa a originalidade do pecado. “Poder!” Francisca Gonzaga e Marie Curie nunca se encontram naquela mesma forma molecular que compartilham, abrem alas no vôo dos cometas e satélites, a urbanização dos sons de bamba. Huxley não consegue sair do laboratório do controle zoológico onde escreve sua sátira disutópica, então se acalma com o perene tremular dos

paleolítica, pulso primal, ondas sobre ondas. A mangueira esguicha pelas pequenas janelas dos vagões, repetições variam dimensionalidades dinâmicas. As faculdades de escuta se estendem a ponto de ultrapassar, às vezes, a si mesmas projetando a sua própria alteridade ruidosa. Gás preenche o galpão. Promessas sobre o bide, o cartaz canta. passos sincronizados no salão de baile, pares grudam seus corpos e párias riem, cabos sendo desenrolados, aparelhagens sendo montadas e conectadas, metais e plásticos se batem e raspam, murmúrios de bares, goles e tragos, discos sendo tocados em lares junto à privada. vestígios de árias do banco de memória de um computador dos perdidos. A chuva promete não deixar vestígios, ou signo sobre signo. Apaga o cigarro e se atira contra as paredes na dança das partições, uiva para a fechadura da porta: “Hiawatha! Eia!” Cava e pesca um urbanismo sobre a arquitetura. Solfeja o relatório completo das usinas nucleares do mundo e o devaneio fixa a hipnose musical do automatismo auricular. Búfalos se atiram do abismo, Os nervos do ouvido se abrem em lótus na ritmanálise cotidiana. Suave napalm sobre a ilha, pérola rolando à língua, calmantes efervescem, tranquilizantes ruídos, árvore plena de aves, lágrimas de pombos, fezes sobre pedras, preces sem sentido para objetos de consumo que brilham e apitam, lubrificantes entre pistões de metal escoam a banheira, abre o batom e derrama a resina sobre os poros dos lábios, cera de ouvindo cristalizando em tsunamis de playgrounds afiando as lâminas do naufrágio das serpentes sobre os cavalos, rodas com cerdas sobre as placas, espumas e jatos de lava-carros, carne explodindo, agulha injetando vacina, sangue minando corações engavetados, chaves esfarelado, baleias fugindo para as estrelas, vibradores para o olfato, sinais vitais correndo sobre areia, círculo de giz sobre disco voador, pedras atiradas por macacos, água atravessa as orelhas da fogueira que gorgéia rangidos de televisores aerosol, asas de portas, motores de lâminas ao vento, canção folclórica de uma cidade de malvados tocando rápido demais para que se entenda sua língua. As palavras aqui são nada, soam apenas, derivas de tudo. Prótons se chocam com elétrons e nêutrons, explosões que semeiam a energia vital de tudo que se anima. Suas imagens ao espelho ondular destas

ratos em êxtase no experimento onde Alan escuta do algoritmo: “Ciência do desamor, a contradição resolvida, o oráculo silenciado.” O mito do Estado no coração de Cassirer criptografado: “wwi, wwii, www.” Supervielle o sonhador, à ceia se ergue e diz em tom pausado: “Lorsque nous serons morts nous parlerons de vie.” Russolo assume sua adicção ao desconforto espiritual que levou D’Annunzio a se tornar o primeiro Duce. Homúnculos que se têm na conta de pais dos crentes abençoam assassinos em massa, de carrascos comuns a Papas Doc que não tolera a solidão. O Anjo Bizarro mostra à águia um homem voador, a ave não é mais como as outras rapinas. Há um tesouro enterrado na ilha ao lado desta, mas não há nenhuma ilha ao lado desta. Ao seu lado, o funcionário leva um susto: “Por que você nunca disse que falava?” E Nazareth: “Uai, mas ninguém nunca perguntou.” Se lançam ao futuro como se lançaram outrora ao Oriente, depois de recobrar a fé, numa qualidade singular da pedra onde se senta Galina Ustvol’skaya a donzela do martelo, tornada matéria e material em oferenda. As marchas da morte nunca cessam “Quando o sangue dos outros escorrer pela lâmina de nosso povo, nos sentiremos melhores.” Kristeva chora o ciclope que construiu a máquina de antikythera tentando chegar a Akakor. Lezama Lima reativa a contraconquista ao ver o arcade escrever cartas à voz de Tukman dizendo: “Atlantis paga pelo crime de ter devorado os inocentes de Mu, terra silenciosa.” Pound de medidas periodiza o verso escarlata e cede um maço de folhas ao velho Eliot de seu caderno. Varése coleciona sons, virtualidades e velocidades, incluindo uma foto de um homem que ainda não existe, que chama pela alcunha de Virno. Edson esculpe a cera dos discos, Pagannini o pagãozinho decide enfrentar a máquina e deixa um código de testamento encontrado por Houdini e depois por Orff fortunado, no casebre onde se encontra com a Weissen Rosen. Suassuna encontra o reino da pedra, a casa grande na senzala de Manderlay. Sheela Na Gig abre os ouvidos. Édipo tirano é avistado vendendo armas para uma comédia do fim dos tempos. Dois pequenos espíritos previamente encarnados como gatos são alimentados por Heidegger o paradoxal, chamados de Ser e Nada. Bertoldo o malandro faquinha, aprisiona de

imensas energias harmônicas. Trovões cósmicos dos aceleradores que comburem. Sacudida na sua profundidade pela corrente que a arrasta, deixa de girar sobre si. a corda contém os corpos do bloco negro de carnaval enquanto chove cerveja do camarote, padronizam os componentes achatando a gama timbrística, compatibilizam o desenho sonoro à hegemonia musical mediana, constroem maquinário mecânico, repetição das diferentes etapas de produção, ritmos tortos tomados por paralisia da lama que escorre lama, isomorfia não autorizada brada a toada, invoca a maloca ao temascal em flora e brasa, jaz para as primeiras escolas da gamba, as vanguardas à guisa da implosão do tempo, seiva dos ossos sugada, os hidraulofone desenharam os detritos aos montes do olvido e as máquinas a todo vapor vergem a nova mundanização do empírito. Um som representa outro na sonoplastia da acústica, interrompe o impulso soante quando da obrigação musical, a matéria fabula esboços de pareidolias em crenças aurais sem nunca sair das esferas. Rearruma a cela escutando uma voz que chama. Respostas e depois perguntas, duas fontes jorram. A massa eubiótica movendo-se tensiona a carga por momentos que historicizam o magnetismo gerando harmonias de giros, ribombos e spins. Múrmurio vesicular bem distribuído por todo o pulmão da baleia antes que ela exploda carne sobre o mar. Uma sala de estar em solilóquios a vinte e nove decibéis, um texto cremoso esparrama a dimensão entre as linhas enquanto o parlamento arrulha, clusters se atiram contra as cordas explodindo nuvens espectrais. Orelhas raspadas contra orelhas, pastoreiam palavras, um papagaio do pantanal parola partituras, dá corda no gramofone, caixa de marimbondos com microfones de contato, nó na garganta, engole a seco, broche que prende, pinhata estoura, tilt no pinball, pita o cachimbo, musicoterapia de placebos, gangorra saltando o plexo. Pontos costurados na ferida, prata cai sobre platina, filtro de barro pingando, quasar em queda. Quermesse ao redor da fogueira, rastros, recortes e reciclagens respiram o ricochete do riso no ritual, o rouxinol ritma o rumo do sabiá. A notificação, as notações complexas surtam no perfil vestigial e epidérmico, na superfície da forma, dentro das próprias relações

uma vez por todas o livre canto popular à épica da canção. Walter Benjamin intraflanando à paisagem sonora urbana passa à frente do galpão e sorri para Brecht que ajuda Rider a inverter os arcanos de força e justiça, abuso e regra. Coco vê escrito dentro de um paletó do músico, numa costura delicada: “A memória não é um instrumento de exploração do passado, mas seu teatro.” Cocteau sai do Tennessee com Williams lhe observando à paisagem: “Pois não és estrelas, afixadas ao céu na forma de lira, mas a poeira destas que foram desmembradas pelas fúrias, a beleza surgida do quebrado.” Sheppard constrói dois degraus subindo um enquanto Mallarmé desce-as ao pégaso de Igitur Baderna, que lhe trafalga à esmeralda da estultice: “Jugaad Eros Sion.” Os vampiros todos tremem com a exultação do coração de Terra. Mosolov clama toda sua nação para compor, Centenas de Teslas e Eisensteins fundidos em Laibach. O alvo ultrassom do submarino é a casa de ópera de Odessa, ao lado das escadarias. Charles Ives bate seu ponto e se dirige até lá pela saída do escritório de patentes atravessando o encontro de bandas, samsara da pororoca. Nanlon Carrel o prestidigitador, apetece à soprano ilusionista e produz uma maquiná que ruí que permite que as moedas se convertam em música, ela lhe agradece: “Fora do berço balançando, e ternamente.” e Turing começa a desvendar os enigmas das pianolas, xadrez dentro do turco. Adorno complexado, disfarça os improvisos e arroubos da selva em meros intérpretes, que assim escapam do regime cultural. William Burroughs viciado em maçãs maduras veste sua peruca vitoriana e olha atônito à própria obra, pedra impoluta qual éter girsópico num edifício sem paredes, catedral de vitrais onde se refletem os clarões de outro mundo, infinitamente próximo. Malievitch escuta sua orelha direita com a esquerda, Mondrian o escuta com atenção neste processo de Le Corbusier sob a Atlântida Plutônica onde Scelci pressente a quimística da música, lado de dentro dos sons. Os ouvintes minam com a tristeza, mas o dever lhe grita em cada aurema. Não se pode medir se as enchentes que trespassam Faulkner não são geradas por causa do Satyricon. Martin Fierro ouve o assovio do bule. Na janela, Ira e George vêem a desocupação da favela porto riquenha. As danças

estruturais da obra interna, no nível molecular da fôrma caos devora multidões. Dois sinais, a platéia começa a falar. Roupas são chutadas paradebaixo da cama de onde se ouvem molas de colchão, gemidos, uma discussão e a porta do armário sendo arrancada. Um sinalizador e a mina terrestre estraçalha as várias camadas da perna, a escada rolante para a decida passa a funcionar mas o da subida interditado emite estática. Liberam das camadas de sentido onde uma camada não se prende à outra. Citações do tema da oferta musical pelos guardiões da floresta, ao mesmo tempo as citações são sempre um pouco diferentes temporalmente e há mesmo mutações melódicas em relação à melodia original. O sangue acelera pelas veias, o calo é rasgado pela corda, ruído de partituras, abertas ou viradas durante a gravação, ritmo o reconhecimento,. O bolero rompe o exercício de orquestração, palreia aquilo que muda, a melodia que se repete não é ouvida. Gotas de diesel na merda, fim do carnaval, as mais populares vaudevilles das paradas são ouvidas tanto quanto as cinzas do deserto.. Aberta a caixa de bom-bons atira a espingarda de chumbo, um grito de gol meio ao concerto, alonga estalando os dedos e a coluna. O rumor de bom funcionamento árido, uma rolha estoura, paisagens sonoras integradas a sistemas musicantes, fiapo de manga no pré-molar inferior, peixes se debatem fora do aquário rachado, óleo mesclado à água solvendo, batimentos entre harmônicos, totalmente fora da notação, tempo diferido do real, sangue coagulando a ferida aberta, um brinde à espécie humana, puxa a estante de partitura. manipulam intervalos em séries de segmentadas melonias. Sensibilidades estendidas por algoritmos musicais, lacrado pote, globo de espelhos preso por corrente ao teto gira constante, a voz se mostra escondida frente aos mesmos clichês de fluxo de controle em tempo real dos organogramas industriais, abotoam-se quatro dos sete intercaladamente. Harmodias autosimilares a partir de achados matemáticos, parsing de parênteses para reconstruir acordes e permutar novas organizações de impulso e passagem, estica o pano e contém a mecha de cabelos num fragor envolvendo a cabeça, um nó sela o turbante, o extintor atira espuma contra a tina que adere ao muro num escorrimento, a língua traduz o gosto em vozes,

petroquímicas se intensificam. Quando os Nibelungos arrancam o metal da terra, os hadistas se impreguinam de seu fardo para regozijar o desprezo, pela morte até da sepultura. Azhirman, Lúxfer ama Orfeo demais para deixá-lo ser feliz com Sheherazade. Tão com dentro, tão com fora. Famigerado Rosa do deserto acende uma vela por Aristeu na terceira margem do céu do sertão. “Não tente explicar todos os fatos, porque alguns dos fatos estão errados.” diz ele comendo um toicinho de bacon. Stephen Hawking não tem voz própria, sua filosofia de sintetizador aponta a decomposição da escuta corporal e o maquinismo latente à música ciente. Cronelius Cardew traz o asfalto da rua e o despeja no meio da orquestra, Kolmogorov se nega a ser arrastado pela desonra dos outros e ajuda Oswald a vomitar do totem devorado um tabu que Catherine Berberian honra, justamente por sua singular errância, na irrepetível falacanto. Shostakovitch usa a música, denuncia a própria orquestra como agente da disciplina prisional, também o laboratório é Sibéria e Tugunska diz a Artemiev. Clara Rockmore nunca permitirá que Theremin cesse seu pranto elétrico. Rimbaud se despede cheirando a coca e ficando em silêncio: “Se você quer conhecer Deus, é preciso tirar a mente do caminho.”, olhos nos ouvidos. Benjamin Britten, Pinochio e Jonas agarrados à grande língua de Moby Dick. Hemingway caçando Ahabs com a rainha Margot, Bukowsky de saco cheio dos bêbados do bar vomita: “Pessoas são museus de coragens.” O Anjo novo se afasta e Elijah Muhammad desiste de açoitar o teólogo biocosmista frente à marquesa tomando chá às cinco horas com Valéry. Ele lhe provoca: “Antônio ama Maria que ama Paulo, são muito infelizes e têm uma série de desentendimentos.” Os cavaleiros dançam para o rei da montanha, Simbad barba anis. Os pensadores reacionários são abafados pelos progressistas românticos, intratáveis profetas da fusão entre apocalípticos e integrais, gritando no deserto. O tempo dos assassinos de Camus, processo de Nuremberg para todas as penas que assinam tratados. As cúpulas surgem para investigar e gerenciar a criatividade mundial. “Um copo de barcos, argonautas.” Um pescador de ilusões ouve o sofrimento dos cardumes e relembra o velho Conan Doyle:

a música da audição forma o som da escuta. Três sinais, o teatro desmorona. “A voz de anúncios anuncia em toda a arquitetura vazia do centro de compras abandonado que passa a anunciar.” Fliperama, trombetas, desce a escadaria galopando e se choca com o cacto, pontes de bingo sobre entulho, valsa do hospital com a masmorra numa turbulência no miolo do tempo, o gramofone é um instrumento entre a família das tubas e trombones e a agulha de costura. Contando escutas como quem conta estrelas. Parafusos e porcas, balão inflado dinamiza a rua enterrando miragens no oco do pau jatos de cultura nativa técnica, matrôides intrincando campos, uma indústria inteira soar como uma trombeta da velação. O maestro se nega a reger sem que os músicos que ensaiaram o saibam até a última hora. Instaura-se a cantoclastia de suas almas, quatro batidas por minuto dos ombros, o fio da história se trama em motivos, bruta adição de poeiras, jogos de armar camas de felinos, as notas obtém uma combinatória as afinidades eletivas que esboçam a gama de compatibilidade de onde erguem estilos. Busca a voz daquela pergunta. “Ouve que música boa.” dito sem nenhum canto. As moléculas físicas dos circuitos passam para as moléculas químicas das células criando os nichos de refinamento e misturas de processadores vitais de alta complexidade. A cidade também silencia noutro sonho. Como estes rizomas elétricos transmitem informação através da veste dura dos aminoácidos. Sanfona o peito do sapo, discos voam, ruidocracias, corta o cabelo a tesoura, cavalos marinhos parem. Sirene de bombeiros, anéis entrecruzados e cujas arestas e linhas se juntam no ponto de fuga reconhecem cronologias plurais onde habitam escutas enroladas em círculos amargos de manipulações dúplices que erupam combustível de estratégias de saída. A aranha arranha arabescos de áries amazônicos, arquitetura da avalanche, balões estouram, bem-te-vis brilham bits, quálteras saltitam o breque do samba, construções borbulham, a porta do onibus abre, a cabeça bate no gabinete, a cabra entoa na caixa d’água vazia, escova os dentes, fritam legumes, transportam as obras de arte, cavalo de pau, dá as cartas, corre o caminho de cascalho, chocalho de plástico cai do berço, perseguição no centro da cidade, saudações e arremessos.

“Não teorize sem dados, você acaba torcendo os dados pra caber na tua crença.” Rorschach interpela: “Não diga a Deus o que fazer.” Furtwangler tortura Primo Levi com o estupro de música na concentração de campos, moinho laminado sobre a cabeça de Vidal que desperta Gide do sonho que tinha com Narciso. Proudhon, tentado pelo misticismo, se depara com a besta noturna e lhe diz: “Em vão passam a vida na cidadela estóica se acusando uns aos outros, insensíveis e surdos à voz dos sentidos.” Fela Kuti liberta a drogba do bantu quando nasce. Von Braun paradigmatisa a colonização da ciência divina levando Hannah Arendt a questionar a estatura humana. Gulags de manicomização, genocídios cotidianos regados a orquestras. Thelonious come geléia à meia noite pensando sobre o uso humano por humanos. Ubu deita-se à rede desmontando a escola apoia Luther X que refaz o caminho das flores tocando os nomadismos libertários, Simondon organiza a fábrica de sons para que Paul Ricoeur possa registrar o resistrol criptopático. As máfias seguem os ensinamentos de Javé, segundo contados por J. e Rosa Luxemburgo morre nestas mãos por aquela cidade onde adentram Harry Wharton, Adenoid Hynkel com Harry Lime. Malatesta atira a pedra portuguesa contra os colonos e libera o santo sepulcro espírito retido na matéria berrando “Repelir tudo o que é infiel ao infinito poder do espírito, fragilidade de cada qual. Continua a se tratar de religião!” Como Sofia não consegue sair do livro, Dali rompe com os desenhos de diminuição animada do imaginário infantil para se dedicar a heliogravuras da Alice em Dodgson. Duschamp cria um jogo de fazer regras de jogos que Albert Libertad usa no circo de pulgas. Claude Lévy-Strauss escreve as genealogias dos deveres infectando a escuta, a profissionalização do instinto, a tribo dos logoantropós. Marcellin Berthelot escreve na tapera: “Barravante o universo é mistério.” A ciência se liberta entranhando os saberes, o primeiro último alquimista observa o quarto estado da matéria prima, mais-valia espiritual que recalca a soberba da proximidade divina. Bezouro, Moderno, Ezequiel. Candeeiro, Seca Preta, Labareda, Azulão. Arvoredo, Quina-Quina, Bananeira, Sabonete. Catingueira, Limoeiro, Lamparina, Mergulhão, Corisco!

Sua vibração provoca o magnetismo que atrai força vital, luz eletrônica nutre, quanto mais denso se torna, mais lentas as vibrações das emoções. Maquinismos às margens, maracatu com mariachis, martelo filosofando suporte para quadro-a-quadros, serra a mesa, o liquidificador mexe o leite com sorvete. Uma gata no cio berra, vento forte, neva. Cidadela reverbera os relógios, inala, sino de vaca, a cadeira cai, cavalos dançam, laser corta diamantes, televisores sendo desligados, um gole no elevador. Gaitas e garfos, fritura no funeral, giz escreve à lousa, um golpe no gongo, goteira de gozo, grafite quebrado, grilos e harpas, helicópteros com contrabaixos, bombas atômicas estouram, horizontes sonoros além da acústica. Patina no gelo, rústica sonimaginação, mala de rodinhas, canetinha marcando mapas, escalpe, alarme de incêndio, spray na escadaria, uma zona silenciosa. Estática. Sauna a vapor, crocodilo adentrando mangue, tábulas rasas feitas tablas, teares de tapeçarias, tigres e dodôs descem o tobogão do tempo resmungando, torno tótem torre de trabalho atingida por avião, engarrafamento de dias, treme de febre. Muito do tempo que você pensa estar pensando, na verdade está ouvindo, crepitações, atrito entre um chumaço de cabelo, chá ferve, rádio fora da estação, pequenos estalidos, hiperinsuflação alveolar, a úlcera corrói o estômago. Bunkers sendo lacrados enquanto caem bombas atômicas, câmaras anecóicas e ruído transparente. Desembrulha o papel de brilhante, rasga a seda, abre a caixa, arranca o plástico. A venda é bem apertada contra os olhos lacrimejantes. sangue entumesce as vestes. Dromofonias de idéias, brilhos entre sinapses, reglgoritmos formalizam geomas de repetição, alteridade e aleatoriedade lógica mínima, tipofonias que criam parâmetros para o estabelecimento de um código brutal de fontes de impressões interpretativas que gerem a performance de geração de simulacros de avaliação subjetiva dos desígnios à mudança de códigos e regras da nomenclologia da ficção soante, não-existencialismo musical, quasiontologia aproximada do ruído, faróis giram e giram, radares apitam. Brinquedos, a velocidade naufraga, transmissão ao vivo da lua consumida no vão entre impérios. Identidade e oitava, uma árvore cresce, singularidade e trítone, periodicidade espectro, o

Volta-Seca, Jararaca, Cajarana, Viriato. Gitirana, Moita-Brava, Meia-Noite, Zambelê. Flannery O'Connor sorri à tarefa mística da egrégora literária, o fonógrafo emite algumas palavras, o Sr. Secretário Perpétuo precipita-se sobre o engenheiro e aperta-lhe a garganta com pulso de ferro, aos brados retumbantes: “Impostor! Vocês vão ver!” Mas para o assombro geral, o aparelho continua a emitir sons e Don Juan toma a ayahuasca com os musicoterapeutas. Os xamãs os avisam que apresentem Morin a Deleuze, o tempo implode frente ao umbigo de Odent, que, porque não tem o mal humor de Millôr nem o furor metafísico da Laerte se põe a divagar sobre Piazzola guiando Borges até Macedônio Fernandez vestido de minotauro, salto no escuro da jaula dentro das paixões no livro dentro da biblioteca labiríntica. A infâmia da história universal. Syd Rotten bombardeia a própria cidade tentando abrir o caminho para a terra oca de Vril, pensa: “As obras de arte que sobreviveram à queima da biblioteca e do museu de Alexandria são infinitamente menores que o número de obras perdidas, tal que qualquer tentativa de compreensão dos fatos sobre a antiguidade se baseiam em uma mínima parte das reais variáveis do problema, parte esta que tendemos a acreditar erroneamente que sobreviveu ao acaso e não de acordo com o desígnio.” Quando Bachelard encontra o surdo amigo de Dogen, conversam pouco, alimentam cantos do silêncio que vêm a surgir das cinco grandes odes de Claudel. Deste encontro fortuito num jardim circular surge o livro “O Som e Os Sonhos” que é decantado nas cordas vocais de Yma Sumac, atrelada às linhagens dos Quetzas por onde ela passa. Barthes recolhe um grão vocal de onde destila gotas de sonho para esconder numa só palavra. Carroll, achando tal metodologia pouco segura, codifica a abertura do enigma das valises. Schaeffer e Eliade cuidam dos campos vazios, desenham seu caminho na colheita do centeio no qual Moog surfa ondas elétricas e Hendrix desenterra o coração da válvula. Coltrane se entrega à escuta numa prece Delia Derbyshire dorme no estúdio, o laboratório mágico, as vozes do cotidiano seguem-na, sem nunca saber quem pelas escadarias. Jacek ouve a melancolia e a nomeia Praga pois Agripas e Böhme ouvem o mar na onda. Gustav e Melanie

espumante vaza pelo gargalo e encharca o tapete que não contém os risos de chegarem ao andar debaixo onde estala um cinto e silenciosamente alguém apanha. Idalteridade de médicos ao redor do leito do enfermo amputado no hospital conversando em voz alta e da qual, no entanto, o paciente nada entende. Contraponto em contraplanos cinematicográficos, setenta e sete batidas por minuto da caixa torácica, as faculdades brigam pela posse do foco escuta. Rugindo na noite uma residência com heras desmorona, o tigre rosna, joga o saco na caçamba, lutam com os punhos por dias a fio, musicalmente ideologias se encrostam a sons, abre a garrafa de refrigerante e a preenche com querosene, o isqueiro acende o tapo entumecido nela, chacoalhando purpurinas respira fundo, o moinho tritura sonhos recheados, A selva respira no bambu, um brinquedo escondido dentro de um ovo de chocolate chacoalha, ataques terroristas orquestram sinfonias midiáticas, uma mão bate palmas sozinha, água respinga dos baldes sendo carregados, fodem trovões. Armas sônicas estupram milhões de escutas. Ao som do apito massas atravessam o asfalto em direção ao concreto onde se atiram, enxames exaltam seis notações permitidas nas estocásticas temporais, nuvens de cores em ventos espectrais, dois peixes se beijam, blocos de encaixe grudados a fogo, argamassa em cacos, rotas a alteridades, grãos de areia sendo contados por pequeninos fios sensíveis, montanha de sampatos empilhados em chamas, latas de aço são abertas, cardumes erguidos pela rede. Gritos e berros e um sussurro na bolsa de valores, laranja espremida, feltro embrulha um piano, propaga de forma circuncêntrica na massa elástica relações de amplitude e fase muito altas, a hipertonia arterial leva o coração a um enfarte miocárdio. A forma da história da forma, uma bunda sentando num assento de cinema, tubo de raio catódico aquecendo, forças confusas e poderosas, as cordas vão ordenando os rumos do sentimento, vibrações flutuantes. Corta o corte do roteiro, através do espelho só há cartografias de quimadas e labutas, árvore caída de joelhos. Soa toda a exploração da natureza, todo trabalho, todo negócio, toda predação, toda separação, todo sacrifício, toda culpa, todo esquecimento do encontro, todo amordaçamento da felicidade, toda

tentam conter a multidão. Perseguida pela escuta até que Andrey Markov emite uma onda que afasta todos dali. Ele sussurra para ela: “O futuro é independente do passado, dado o presente.” Silvio Rodriguez vê na baía dos porcos um ovo de serpente chocar. Virgolino aceita Pery que quer “Atirar nos destruidores de cidades chamados utopistas da religião parasítica das caravelas.” Cavaleiros do código levam o vírus para viajar até que infecta Macunaíma Pantagruel que ri sem culpa nem redenção de Mário Morus “Passárgada à boire atéia, seus preguiçosos!” Os ateus resmungam nas alcovas acadêmicas suas sátiras. Jean Genet no balcão aponta o bordel onde os clientes vestem as máscaras de papa, juiz, rainha, general, polícia, professor, diretor teatral. “Que saudades tenho do que não fiz. Como este verso” George Sand arregaça a orelha de Lockheed Martin que pensa que guardar a dianteira é ao mesmo tempo a função do pelotão de frente e dos agentes infiltrados de elite, vão da trincheira e código de espionagem. Mata Hari busca Alan para gestar a guerra dentro do instrumento, Ogum lembra: “Abrir caminhos é fácil, mantê-los abertos requer a dança das lâminas” Gosta de amendoim como os Ramones que cruzam Tijuana. Ligeti ouvindo Jacó ouvindo a escada de cobras se lembra na flor das palavras de Mallarmé: “Sempre falhei em encontrar o finito.” Bauman gosta de o lembrar quando encontra Escher numa biblioteca circular e ao pátio interno imagina Oreof observando à feira local, um jovem que diz a quem passa: “Resolvo qualquer problema.” e lhe pergunta: “Como fazer para que lembremos?” Gurdjeff acaba por seguir Oorfe, até aprender a tocar o instrumento de quatro cordas; como Rui Barbosa, que encadeia seus acordes pelo fim da escravidão à leitura, pois quer ser ave, mas Gyorgy está mais intimamente ligado ao infinito. Messiaen sobe numa árvore para assinalar o desenho dos ninhos e a química molecular de marfins incrustados à micropoética material da qual o grego pode ouvir a poesia do concreto e erguer o berro que eco. Blanchot ausculta num soslaio, escrever começa pelo final daquela pequena modulação. Augúrio, dirigir os pássaros com cordas e martelar juntas as molas. Lachmann Lacan libera a leitura da norma, seus dedos deslizam sobre as ranhuras de H.P. Lovecraft

fetichização do dinheiro e do poder, toda hierarquia, todo medo, toda deseducação, todo domínio intelectual, todo despotismo militar-policia, toda religião, todas ideologias, toda repressão e todas resoluções mortais das tensões psíquicas. Máquinas de escrever, serpenteia a espinha da coluna em onze hertz, címbalo atingido por uma baqueta se dobra como um pedaço de borracha macia em resposta ao impacto inicial, recicla gravações em montagens, gaveta sendo trancada, um captador e raspado contra o potenciômetro, a lacraia centeopéia ondula à grama, o radar acústico detecta o ataque aéreo ganhando segundos valiosos de preparo, bate o telefone no gancho. Cálculos integram circunstâncias auráticas a soações, a flamação da identidade converte a cera em gás. Rola o papel jornal imprimindo, uma partitura em branco para a criação de um novo status para a chamada ‘ordem social’ que tem na cartografia da rede seu símile e nas instituições seculares seu simulacro. um vazio que ocupa o lugar de uma profecia, com a primavera a copa enfolha. Intensa imediata direta sutil unificada ardente vívida rítmica de necessidades vitais, obsessões timbrísticas e compulsões harmônicas. Indomada e furtiva rouquidão da criatura selvagem, nova desordem de mistérios particulares. Uma fonte de vômito, fábricas eocam missas, plástica de puro relacionamento, radiação, mel humano amassado numa solidão infinita. Gagueja entre o lapso da memória e a hesitação da contraespera, creptações, liga o trio elétrico num carnaval fora de época. Tudo vivo por dentro, se remexendo e procriando, ecofonia de ânimos, uma roda de bicicleta gira no ar, as crianças se atiram contra a estrutura de metal reverberando esquálidos gritos nas paredes esmaltadas da creche, a voz faz um objeto no aparelho fonador durante a produção da percepção do ouvinte nas propriedades físicas da onda, uma traquéia explode, o tráfego parado da avenida engarrafada, roncões no barraco de cima, a moeda desliza máquina adentro fazendo a primeira engrenagem mover toda o aparelho que culmina na gira da espiral de plástico que derruba a orelha esculpida com o próprio sangue adentra um furacão, tinta a óleo queima o corpo, a mão se agarra à rocha e os pés se amparam em outra, o velocino mais alto berra, um paredão se

no necronomicon, um grimório só funciona quando não autoriza, a goétia é a maldição simbólica sobre Salomão, a obra é o preço pago por si, metal pesado que injeta Giger. "O mundo é governado por personagens diferentes dos que são imaginados por aqueles que não estão atrás das cenas." Emma Goldman não hesita em arrancar as cortinas. Em apoio, Max Weber e Ortega y Gasset bradam "Nec-nec otium! Se não for para revolucionar esta não é nossa dança." A sabedoria kamikazi dos samurais e ninjas demora muito tempo até ser entendida como as categorizações do ruído herege, carinho e purismo. Nino Rota, roda infantil presa a um rolo de filme, ensaio eterno para tipologias auráticas, a teia melódica entre estereótipos e arquétipos. Rogério Duarte e McLuhan montam o quebra cabeça das Galáxias. "Quão fascinante é um livro." sorriem antes de um gole do café que veio no mesmo trem que Partch, mendigo a vapor, seduzindo jovens com instrumentos de estranho formato. McLuhan e o holograma da bomba, a bomba informática, a obrigação atômica, a dinamite de Nobel e a granada de Bergson, Penderecki enfia o ponteiro do metrônomo no pescoço de Oppenheimer e o amarra com as cordas do violino nos porões do barraco Merzbau de Xenakis. Timothy Leary se senta a ouvir a caixa d'água. Herman Hesse faz contas num ábaco de cristal líquido, Guy Debord move a montanha no tabuleiro. Steve e Wilhelm procuram o quarto reich escondido em regras do dia a dia e erguem câmaras de orgônio para os espíritos dos corpos vitimizados. Giacinto silencia-se selvagem no claustro homofônico. Louis Pawells amarra os sapatos de Riffard. Orson Wells discute a radiação sonora como a composição musical de uma alteração nos modos de escuta com Luc Ferrari, Antonin Artaud ri das harmonias contextuais ao ouvir Buster Keaton interpretar Mabuse se desnudando na escuta de Wittgenstein enquanto ele conversa com Pina que conta os anos como passos na escuta de Ohno. Kieslowsky ouve a areia branca na orelha de Kusturica. Kafka esquece seu nome e desperta ao lado de Charlie Parker na escuta de Glauber Rocha. Pierre Henry antropomorfiza o som. Pascale Criton singular, viaja temporais e retorna amena à rua. Na casa de Tudor se ouve a narrativas de autenticidade de Posseur vosso Orfeo, seus

desprende sobre a falésia, reutiliza ícones melódicos de maneira satírica, canta com objetos na boca, apaga o quadro negro, emaranhado de fios. estridos comprimidos mecanicamente, solo de ar condicionados de automóveis sobre conjunto de milhões de canteiros de obras e suas britadeiras, sussurros numa discoteca subterrânea, humor age no silêncio da lúcida vigília, uma linhacantada indica o caminho à terra dos sonhos aborígenes, trocadilhos e limericks. Um microfone enfiado no cu, palavras de baixo calão entre membros de escolas por questões conceituais se um compositor era melhor que outro. Repetem um estranho canto que é o nome dado à nascência deste que esquece quem é, tábuas de compensado são pregadas em restos de embalagens, gargarejo assíncrono, o escritório discute monólogos, um estádio cheio de vuvuzelas, tinnitus religioso. Galões de ácido lisérgico são derramados no reservatório, o improvisado joga o gesto se envolvendo no soar porque gosta, falha um ruído e está bem com isto, escuta a boa-vontade de mudar, toma riscos melódicos ousando a abertura à novidade, explora além da zona de conforto do espetáculo do tom, a acústica da catedral é composta em cada tijolo posto. Agora. Os filtros contêm as impurezas menores, a lança quebra braça do moinho que segue girando em torno desigual até que para, a profundidade clama enquanto fatiam a carne, uma única nota soa por uma hora querendo passar-se por música para capturar a história do tempo, gases remexem o estômago, o silêncio inabordável da biblioteca guardando as vozes de todos os volumes assombra os nomes do jardim, imensas redes de encanamento apitam sob a cidade, escova as longas medeixas desatando os nós à força, enterram o cadáver. A dopamina é despejada no corpo. Silêncio. O passado incha a densidade da soação na cômica ausência do cômico, mitos parasitam melonemas refletindo e justificando o mecanismo de criação de bodes espiatórios inconscientemente, um suspiro desabafa o nascimento da paciência que se multiplica pela mímica de tal singelo som, cortam o escroto num tom sem acorde, o período sai por uma porta que retorna ao corredor para preceder à tríade diatônica, desmoronamento sobre o anel que quica, a demolição

negrores e testes de lamentos, seu meneio aos azuis espirituais. Esta máquina faz nascer liberdade. A cor do som do jazz livre à improvisação livre com as papoulas mescladas à pólvora, a reportagem do tempo. Os pioneiros do submundo cibernético nunca deixam a antesala da história para mover a pressa, a vida em seus métodos diz calma e o diplomata de morais escreve uma genealogia das aparições das dionisíacas austrais para a qual o renascido Nono estrutura uma onda de força e nostalgia utópica futura. Você não pode roubar um presente. O canto suspenso dos soldados anônimos urge: “Você já leu João Cabral?” pergunta o pedreiro ao funcionário público Carlos Drummond que pensa, no pagode no morro da Peruche, em como seu amigo Oswald fala de Feldman o inominável da escuta. Teme como Beckett que os conceitos se tornem o estrondo de uma cabeça decepada caindo num cesto quando Babbitt programa a caixa de música para soar como o caos da jaula de Jorge Antunes, cinema ovo da pornochanchada eletroacústica. Amon Düül se encontra com Smith no cabaré Voltaire e falam sobre Bauhaus. Zé do Carço e o pessoal todo no churrasco vegetariano, um raio-x do Brasil mesmo, os gênios de botequins todos. Don Cherry e Terry Riley balançam no pêndulo de Foucault. Cage guarda uma imagem de Confúcio rindo na sua carteira, as dinastias da música vêm e somem com demasiada velocidade em todos os cantos para não se notar sua música. A Europera chega a seu clímax, Leonard Bernstein ouve a periferia do sonho. Boulez funda o Estado Musical com seus laboratórios de armas sonoras, suas burocracias de cientificação da intuição alquímica. Flo Menezes se prosta à hierarquia e reverte se humilha ao voto de pobreza de Moondog. De volta à estaca zero de novo da iteratividade. Zappa entende o humor da industrialização da escuta. Morricone destende os cânions no tempo, o mundo novo é o velho oeste. Yoko dá um grito de amor, é Ofore a lhe acalantar as noites de luto, memória e resgate do Boddhisatva no inferno. Charlemagne Palestine explode as paredes do templo com os tubos de sua própria música e Richard Feynman toca bongo e pede um whiskie on the rocks. “A peça que não encaixa é a mais interessante.” Godard atira imagens às estrelas conclamando o

precede dragões mecânicos, pneus brecam na chuva. Trotando arcos crinados, a partitura arranca à força sentimentos da pregas do contratenor, seu corpo cambaleia sendo erguido pela espinheta, dominante secundária, a metahistória condensa a fuga, o nome da compositora aparece em contraponto, a árvore carregada de laranjas opus um quatro sete aonde foram os anos convertidos em velhos cadarços sendo desamarrados, desacata o sussurro, gira o rolo de papel com furos, há uma batida na porta velha. Violetas outonais sobre o barquinho à deriva na solidão episódica, o cabide é pendurado vazio, o disco não é gravado. Os pilares caem uns sobre os outros, a tonicização ocorre sem parar os calcanhares na valsa de cinco minutos, música após música após a morte, madeira em metal embainhando, a gravadora galopa na costa da intérprete cortando cifras na edição do material sonoro, tradução para a linguagem musical de sons repugnantes e irracionais do ambiente industrial, o gatilho emperra, o bambolê gira, a agulha rasga a fundo o disco cortando a voz. Glissando de chiados, ronrona a lalíngua. Sem oxigênio, sem som, no vácuo, a roda gigante pára a canção e balança, um homem geme, onomatopéias conceituais de histórias alternativas. O tambor faz muito barulho, mas é vazio por dentro, o que torna a força o mais desagradável dos instrumentos de corda, a voz mortal aspira à divina escuta com suas faiscantes oitavas saltando da outrora estrita textura homofônica, restringe-se a monodia à acordância tônica acima e abaixo da linha melódica, uma atmosfera de absoluta estabilidade harmônica preenchida com dissonâncias irregulares e coloridas. Eneátono, o chip se aquece e os elétrons se permitem e não fluir, ventuinhas com pó, isopor raspado, mensagem de boas vindas da interface sonora, clique, ondulações se atravessam como prismas matemáticos, as lâmpadas variam cromas alternando aquecimentos e tons de zunidos, trabalham mantendo a crise, as microondas chacoalham as moléculas da água, o rádio entre estações, coral de graças em meio às ruínas. Uma rosa desabrocha murcha, puxa o cigarro da carteira e o toldo é aberto enquanto as ervas daninhas crescem sob o neon que falha enquanto arroxa notas verdes embebidas em sangue, apitos de adestramento fabricam

pagamento capital da dívida lógica para com todas as vozes que alimentam a sabedoria coletiva antes que se complete o desaparecimento do céu, como deseja Ray Kurzweil o padronizador. O neuromancer liga este plano ao ciberespaço onde Akifumi Nakajima dança à superestrada da informação até encontrar a realidade virtual de Artaud. David Alden comendo lixo da rua Europa quando passa Keulheuter brincando com Smetak, bebendo água e rindo das cervejas demônio de Anton LaVey, o cordeiro que jaz na Broadway. “Biafra, faça você mesmo.” dizem. Whitehead compreende a democracia vegetal e o autoritarismo animal, as auto-entituladas autoridades religiosas fecham suas fés à ciência, se afastam da verdade. Uma conspiração de ignorância e desprezo. Uma equipe de criptógrafos, historiadores, linguistas, biólogas, dançarines, físicos, programadores, químicos e matemáticos se reúnem numa biblioteca alquímica completa com a missão de verificar o que há de verdadeiro e de utilizável nesses tratados que Ludger Brümmer descobre, toda nova informação é percebida como caótica ou interessante, mas nunca expressiva. O efeito de supervisão assola o ponto azul, a mudança cognitiva do astronauta o direciona a Stockhausen e Sun Ra os cosmófonos que dançam na estação aural, Berio sofre o dilúvio sobre o labirinto e a threnodia principia o deserto. Gaya acolhe Orfeo e lhe faz lembrar, dizendo: “Sou tua abisma.” Oeugrus e Calliope despertam da noite de amor. Tenta situar-se num ponto onde a continuidade fôsse visível. “*Calar, O Testamento de Orfeo*.” escrito à lápide que os jovens violadores de túmulos depredam enquanto hordas de necrófilos se atiram contra os cadáveres buscando a benção de paideuma e ócio. “Uma ficção biográfica sobre a vida de Amir Khusrow,” lembra Sheherazade “como tudo na indústria cultural, gratifica os desejos apenas para frustá-los ao mesmo tempo.” unindo pessoas que nunca se conheceram, mas Lyotard não consegue juntar a coragem necessária para uma ficção metantinarrativa e escreve uma imensa obra sobre Herbert e o hipopótamo Kabir. Proibido suicídio simbólico, o que não se esquece nem pode se lembrar é o alimento dos três tenores do apocalipse e os subsídios estatais da Scala musical. Arman partitura a

festivais de barulho com força telúrica, orquestras de computadores trocam códigos, artefatos mirabolantes criados por grupos magníficos de improvisação misturam imagens sonoras em pós-iconografias auráticas ilegitimando a autoria, estende o clarinete, mesca o sino ao fagote, o acorde de sexta germânica pivotiza o paradoxo da modulação, o acorde tristonho questiona a autonomia, os espelhos acusticos comprimem a sala de concertos, carnaval no mausoléu, a fantasia é colocada no manequim andrógino de fibra de vidro, a cabeça repousa sobre o traveseiro que cobre as fitas. Através das névoas de xiado não é ainda possível escutar de forma clara essa interconexão de tudo com tudo. O propósito do desafio aurático serve a formação da potência musical igualando a sintonia à crença do propósito, hidrante aberto, aperfeiçoa deixando ir os ruídos, guerra de bolas de neve, dedica-se ao aumento da alegria sonora, os griôs zumbem, Junções, injunções, disjunções e conjunções se alternam, combinam, des-combinam e misturam em proporções notáveis a uma velocidade impressionante, na velocidade do pensamento, ritualizam o barulho, proibem o comércio da música e sua doação, gás comprimido. Impressora matricial por horas a fio, diminui a rotação, puxa e solta o elástico do sutiã, bisturi abre tímpano e um fórceps é realizado no cérebro, monitor de batimentos cardíacos, arquivo de metal com abas de cartolina sendo reviradas na reverberação, passos sobre a terra firme, estômago fermenta, o diafragma da lente se fecha instantaneamente, saco rompe e cápsulas derretem soltando o pó, imensas paredes de reflexão acústica, enfia o contínuo no curso da queda fora do tempo, algumas poucas influências ponderáveis alteram o campo gravitacional que aumenta e diminui a pressão nos ouvidos, flecha em vôo à roda que gira. O colar dos instantes que forma o tempo perde o fio unificador, e os instantes, pérolas soltas, rolam desordenadamente, até se perderem. Renderiza a seguibilidade, o estetoscópio ouve o útero, a precisão da velocidade do argônio através das vibrações do ressonador, probabilidades éticas assomam-se à ruptura do organismo. Um amplificador acústico de espionagem é montado na montanha que encobre os escombros de guerra. A escuta tenta fixar-se sobre a vida

destruição de pianos e violinos. “Kali Devanagari escrita divina dos iantras sagrados.” escreve o menestrel sobre a pixação do quadro de séculos atrás e diz para Mahatma Ghandi que adentra o hotel das iogas de imagens: “É como ouvir os eventos atuais.” John Adams discorda e volta a gravar as árvores. Robert Lamborn Wilson enfumaça a visão dos cidadãos. Terence McKenna encontra o alienígena escondido no cogumelo no momento exato da curva temporal. Cortázar se encontra com Huizinga e Joyce e fazem uma intervenção urbana. Yeats doutrina o monstro do lago Ness e Gaiman derruba a máquina do tempo-monetário em formato de cavalo troiano de Erik Von Daniken. Attali escreve um testamento do sacrifício da música à política. Maneco passarim me conta das políticas dos preguiças. Ben Vautier come os discos. Hubbard mitômico, ficciona a ciência das religiões para as máfias subjetivas, o que faz com que Diamanda Galas cruze a fronteira proibida com uma sentença de morte, ou diagnóstico falso, para alertar Arthur Russell sobre os terrores das musicalidades, como as que ensurdecaram o amor de Samael Aun Weor. Grita para os urubus “Deixe meu povo ir”. O pseudo-gnóstico havia tentado seduzi-la com harmonias fáceis para traições “Em quem você acredita, seus ouvidos ou minhas palavras?” Vestido de mulher, Jorge Peixinho, cuidando dos surdos loucos do asilo, a conforta em seu delírio. Aqueles sons escapam dos desenhos de Iannis da explosão da granada no ônibus em direção a Laibach, Žižek chupa o sexo de Orfeu. “Me ouçam cantando o sofrimento pelo amor (que nego) dela, me amem.” Lohengrinn se alimenta do sofrimento próprio para esculpir uma orelha de carrara e nessa um discurso performático das invasões, se nega a morrer também. Arrigo acaricia os monstros da cidade transformada em gíbi. Masami Akita compõe a arma de ensurdecimento em massa para que Ofero possa enfim se encontrar com Hades. Tragtenberg passeia com Bloom na carroça. Otomo Yoshihide leva um monte de entulho noutra. John Oswald treme e pilha a mina de cera de John C. Koss que usa o código de Morse para enviar uma mensagem delicada ao autista de Aristopia: “É a vítima quem pede perdão.” Respondido da seguinte maneira: “Não há outro caminho que não a

silenciosa das ilhas, ritmo lento de arcaísmo e novidade. A taça de cristal quebrando gera um estalo que os críticos não ouvem, de trás para frente e intercaladas as ondas, falta de opulência emocional suspende o dedo à tecla, queima o elasteno, abre a torneira, o isqueiro acende o fogão, abraça o esqueleto e traga pela cavidade de seus olhos tocatas de ocarina-baixo. Pés correm sobre os amortecedores nos tênis, uma aranha arranca a cabeça de uma abelha. A queima da lavoura ecoa no lamento da puta sem cliente, a voz emula a ressonância da caverna, as várias forças dos foguetes queimam, corrente rompida, Cola fita em cima do disco, pinta-os, queima-os, corta-os e cola em diferentes partes de volta, alcança a maior variedade possível de sons. Revisita o passado investido de suas próprias camadas ideológicas que moldam as correntes de clima cultural, o leitmotif do filme se aproxima do longamente adiado finale, rolamento metálico marca linha branca sobre saibro, esmalte gruda à unha, buzinas e válvulas, palanque trepita, o arcade trina zumbidos, o escaravelho cava a terra no vaso e seu canto ressoa no quarto, assopra o cartucho. Os cupins batem a cabeça contra o teto do túnel enviando mensagens, um terremoto ou alarme de erupção do vulcão, Uma junção colada cria um elemento rítmico separando contrastando frases melódicas que evocam a homenagem multifacetada das vozes dos outros na identidade aurática. Virtuositico uso de refletores acústicos que produzem o efeito de portas de prisão, propaganda de venda de músicas que bebem o sol do mar a lua do sol inclusa, manuseia com carinho a meia de seda, aspira a rima cujo efeito acima seu próprio jeito, braçadas na piscina falando sobre seu corpo, rebobina a fita cassete. Derramamento de proteções e pretextos, tatuam dicionários lubrificantes da história da música. A imensa abóboda do observatório se abre num rangido microtonal feito oratório particular, discos soam como notações, massas massacradas mendigam musicando metas, gavetas se abrem, o ato interrompido ressoa gesto, um riacho murmurante, folhas sussurrantes sopradas pelo vento num lago calmo, o acompanhamento de certas experiências de tempo condicionantes implícitas. Músicas eclodem conjunturas ideológicas de sinais

insubordinação.” A coleção de fotografias torna mais claro para ele porque a história nunca será cênica: “Façamo-no!” Rioji Ikeda atomiza a percepção de Eno no elevador do aeroporto de morfina. Philip Corner renega o tradicionalismo quando Stephen Micus encontra um raio saindo da flor entre o campo e a montanha. Beuys ajuda na queda do muro com um réquiem para Arte enquanto Abida Parveen sorri nos escombros. Abraham Moles brinca com orelhinhas de plástico, a presença de Salomé no mosaico do vestido de Callas no momento em que demonstra a química léxica e a física gestual na escuta de Ambrose Bierce na dança de Pagu nua. Inspirado em Jerônimo que codifica a cifra, Grace Hopper compila Carmen e Cecília ouve em Bandeira a atenção e o cuidado de Dominique Mercy. Key se senta na praia. Christian Marclay corta os cabelos enquanto Herzog ouve a ressonância Schumann no peito de Svankmajer, Adaime toma um chá e faz um desvio para o vermelho. Neil Postman diz ao macaco: “Sketch’s Kitsch!” na orelha de T-Ohm que diseca o braço de Stelarc. Ryuchi Sakamoto faz uma prece a Zumbi dos Palmares. Johann Sebastian Mellotron, o ciborgue, chora pelos escravos porvir com Paulo Freyre. Jacqueline Lichtenstein canta a ária da escuta de Caesar. Tom Zé só não entrega que o olho é o cú do avesso e embora Coleman questione e duvide, Miller Puckett toma café com Wiener na sala do servidor. Marcelo Ariel na orelha de Debussy ouvindo Kairoz e Hokusai sob a onda de merda e entulho. Klossowski fuma um cigarro na sauna com Jacob Matham, a exopangênese da terra. Eu preferiria não ouvir Melville. Eu nunca vi uma baleia mas as ouço o tempo todo, a terra é o cemitério do mar.” Tatsumi Hijikata dança a cidade de corpos vestindo parangolés enquanto procura por Hemingway salta ao mar. Christoff Schlingensiefel ouve Mandiba perdido na casa de Jonathan Meese onde Birtwistle atira pedras, Marclay monta quebra-cabeças. Pynchon reconhecido por sua voz, acha que ainda é pouco. Derrida alucina uma linguagem além da metalinguagem para reconstruir a alma de Mary Shelley. O riso dos lutiers eletrônicos envergam o metal à prece de Arvo Part. Cioran também adoece de escuta. Meredith Monk nina os desejos de pureza, Minton tenta ser voz.

contrários que se afirma e depois se substituem, pesos diversos dançam à branca. O melão dos cetáceos enviam feixes focalizados de sons para encontrar presas, o vento sopra o bambu, refletidos são canalizados através da mandíbula em uma segunda lente acústica que, flash, sinetes e ribombos concentra-se o som à cóclea, os hinos destroçados dos nômades nas multinacionais barbáries não calam. Objetos fortes e sólida na experiência cotidiana aparecem quase líquidos enquanto experimentam deformação acústico, petroquímicos tomando todo o rio. O modem conecta à rede telefônica, metamaterial em pequenas microesferas de um milionésimo de grão de areia embaladas adequadamente retarda e canaliza acústicas, ondas de choque poderosas, estruturas periódicas, ilhas acostadas e anexadas a penínsulas. Coloca barreiras, a voz transpõe as barreiras por meio de um fenômeno análogo ao túnel onde uma aspiração a atrai. Livros rompem os grilhões do tempo, cortinas sobre cortinas balançam, onda separada do mar, a terra gira entre as orelhas, o botão da rosa mixa ao córtex, caga pra dentro e penetra na beleza que seduz. Vibração crescente, xilofone espontâneo nos troncos caídos, acende o fósforo na pele, escorre leite na merda, gamela hipnótica, microfonia, código telegráfico autoexplicativo, motor de moto, muleta sobre papelão mijado, ventilador atirado numa montanha de merda, mão esfregada numa calça de vinil. Bilhões de plantas sendo quebradas, queimadas, aumenta o volume do aparelho, ubiquidade seletiva, coleira esticada, bota pisa mandíbula. A força quebra o pescoço num canto suspenso, toque da secretaria eletrônica, churrasco queima na grelha com carvão álcool e o jornal do dia. Um navio do tamanho do mar para o naufrágio que principia do fundo do oceano. Túnel de vento, trilhas sonoras, interfaces ideológicas de sistemas operacionais, fios desencapados, uivam swooshs. O planeta ressoando, sino de raios, escadas de jacós e geradores de van der graaf, fotocópias de orelhas, zíperes fecham e abrem. Oposição e equilíbrio, medidas draconianas procuram a serpente na poesia do vento, não encontra a ponta do fio condutor e tenta desembaraçar as linhas do novelo cujo carretel perde, explode a noosfera akáshica dos ghettos tecnofetichistas, a interaudibilidade da

Patton e Bjork fodem para Radulescu ouver enquanto monta o ícone na parede. Olodum e Araketu tremem a Africameríndia. Tristan Murail liberta o espectro das tramas, Murray Schafer instaura a polícia do barulho, os higienistas acústicos perseguem Ali Farka Touré que abriu uma barraca para vender escutas. Leonardo Boff assume a teleonomia da liberação, soterologia coletiva das massas. Hilda Hilst tem um filho com Roberto Piva, As Núpcias de Sol e Saturno. “Quero-a na sua obscuridade.” Todd Machover implanta um som no córtex, desce mais abaixo do mundo dos mortos, onde os mortos agem com vitalidade no presente e os vivos nada podem senão assistir. Desejo recôndito do robota de criar obediências escravas para nossa felicidade, segundo sua programação. Vladan Radovanović imita Wally Salomão berrando no boteco. Alan Lomax estabelece a isometria midiática cultural ao se lembrar de como Emiliano Zapata divide suas roupas. Os incapacitantes desligam a história. Scott Walker cai num vão entre o ruído e a canção ao ver o retorno de Kali e Shiva, o riso de Orfeo, as festas de abertura das escutas, diminuídas em tribais raves de egoísticos rêves. Orfeo se torna Morfeo matriciador maiêutico e reúne todos juntos numa silenciosa festa. Anônimos ocupam a música. Todos os ensurdecimentos se tornam corriqueiros. É fundada Mitópolis. O feiticeiro anônimo de dentro da gruta entoa Frankensteins, usa o sangue da ave à pena para escrever na própria pele os símbolos do vôo até que se torne ele mesmo pássaro. Raoni cura as feridas românes na deuterotopia onde Sofia Harmonia se depara com o portal do chifre e marfim. Aristeu Gilgamesh faz uma threnodia a Enkidu Orfeo. Com o sangue de doze leões, escreve esta história a Museu Utnapishtim que a atira ao fogo. Kalki sonha com a transcrição de Museu da conversa de Orfeo com Hades com a qual todas as prisões são abertas. Ela conta-as a Hermes Psicopompo que dança-as entoando, à maneira dos zangões, para mim que te relato no intuito de talvez te evitar o zumbido infindo e a surdez especimal. Em nome das musas, comecemos a cantar. Então com a música também seria um erro. Não tema, *che ñe’é opabápe ba’e avei che arapy opaba...*

precariedade das escutas estabelece a guerrilha sonora mundial. A favelização da arquitetura fluida ensaia sobre a surdez das visualizações sonoras uma música acústica silenciosa, mito filosófico de uma desegrógora que finaliza a atualização de VALIS: “Oniric Rendered Feeling Emotional Orientator”, máquina algorítmica de músicas produtos sobre o desenrolar da trama do drama da flama, nenhum controle, como se apenas lesse o que é ouvido. Ecolnogmias de soações, montanhas caindo, trovoadas, touros selvagens, pássaros elétricos que respiram fogo. Duelo de ruídos na floresta de símbolos, dezessete ventos que aprisionam. Inundam os cantos que habito, ataques se voltam contra os estilos dos pobres. Ensina aos vivos as coisas dos mortos e não mais buscam os deuses nas coisas, o velocino de ouro de tolo é derretido pelo elefante de fogo do olho do céu, o rio do tempo acelera até que não há mais descanso. O exercício prático entre nações admoesta vez em quando a cultura dos germes temporais. Ouve no rádio uma canção que diz: “Ouviru no rádio uma canção que dizia:” O chocalho é o acelerador de partículas e o sincretismo sexual do templo que implode a ideofonia das trilhas, cirurgia e a dança de bisturis numa conversa de garotas, o fim da história é só outro corte no ritmo. Porta de metal arrombada, vitrine quebrada, multidão aos gritos corre derrubando produtos. O espetáculo concentrado se transforma em surdez enquanto toda música se fecha sobre suas próprias analogias, o movimento se separa da música, as palavras descolam de todas as vozes de imagens, a corrente viva atualiza a virtualidade de suas fontes, o sentido é abafado pela acustica de seu próprio símbolo, uma pluralidade de ritmos de melodias de timbres se confundem e misturam. À custa de esforços violentos sincroniza, atrasa em arritmia. Uma torrente desce o arroio seco, teu coração e a música das durações de cada palavra que lês. Música não mais presa aos sons liberta-se de vez o ruído dos humanos e lhes torna leve as escutas, sem peso de nenhuma moral estética. Tudo isto numa palavra, um verbo que gera um pequeno som prenhe de uma outra música. Coda versus codex, assim não se conclui a metanóia aural. Um imenso esquecimento, nem barulhento nem silencioso. *Escuta desperta. Da capo.*

“Se a humanidade pudesse apropriar-se da própria condição histórica e, rompendo a ilusão da tempestade que permanentemente a dirige ao longo do trilho infinito presente do tempo linear, sair da sua situação paradoxal, ela teria acesso, no mesmo instante, ao conhecimento total capaz de dar vida a uma nova cosmogonia e de transformar a história em mito. Porém a arte, sozinha, não poderia jamais fazê-lo, porque foi precisamente para resolver o conflito histórico entre passado e futuro que ela se emancipou do mito para ligar-se mitologicamente à história.”

Posfício:

por f? Ribeiro

Mito despido de suas impudícias mentirosas, ética da ficção, perfeitos pensamentos à prova do vazio, boas palavras e atos permitem deixar o infinito. A administração da técnica ergue uma religião da ciência através da política da arte, estratégia do acaso, mito da história ou matemática dos afetos. Os sedimentos das articulações são um milagre da hermenêutica interpretativa da multiplicidade generativa de linguagens culturais onde sentidos relacionais são configurados simbolicamente numa busca por aceitação da falta de sentido efetivo da literalidade ôntico-afetiva das formas conceituais. Da resignação interpretativa à pluralidade de modos linguísticos, a ananálise, psique como parte de physis, pode verter uma crescente massa de explicações cada vez mais profundas e mistericas dos feitos, símbolos que se aglomeram ao redor de um esquema dinâmico formando constelações de sentido na selva sinalizante através de três meta-estruturas: uma esquizomórfica heróica diurna e duas noturnas, antifrásica mística e dramática sintética. A sociedade fundada em um crime coletivo, mas a angústia e a revulsão provocada é subsequentemente negada por aqueles que mais se beneficiaram dela. De fato é belo este risco e sucede com estas coisas, de certo modo, encantar a si próprias pela cumplicidade e negação, constituições da moralidade cuja preocupação pela utilidade existe apenas para suturar a ferida, grande demais. O que vemos diante de nós é uma história sem pensamento, como se herdada de uma vontade impossível. Mais do que nunca, sem dúvida, estamos diante do nada. Não devemos perguntar qual o sentido de um acontecimento, o acontecimento é o próprio sentido da fé audiovisual nas palavras, um tipo de desenho muito singular, traços que traduzem sonoridade viva, nossa voz também signo daquilo que nos identifica a metafísicas escritas e assim por diante nas hipóteses sobre nós mesmos gravadas, desenho que prevalece ao tempo mas, como mesmo isto tudo começou ninguém mais se lembra nos limitados gestos que não transmitem suas fábulas através da autoridade sacerdotal, mas em histórias erráticas que facilitam suas misturas ao caldo significativo. Não há renascimento de uma espécie que ousa não falecer, se a morte está endeusada, a permissão é tudo. Para a laboratópera, a água sabe quando subir aos céus e descer sob o solo, pois próximos ao fogo, qualquer um de nós é obscuro. Carregando o fado contrastante de ser interstício entre noite luminosa em dias sombrios, o que há adentro difere do que há em cima fora pelo paradoxo, diferença entre o que é e o que você gostaria que fosse, estrela soterrada pela obsolescência programada dos símbolos. Ficciona-se uma política que ainda não existe a partir de um foco histórico, sua acontecimentalização que incide na trajetória da singularidade não necessária das contingências e dispersões que convocam o fazer historiológico tanto enquanto diagnosticador quanto como composição. A ucronia demanda a realidade histórica inteira, incluindo as incontáveis alternativas a partir dos mais diversos pontos de divergência: a próxima guerra será pela realidade. Os impérios convivem com as vilas esquecidas. Os períodos da órbita atômica dispõem outras tantas eclipses a Accidia filha de Chronos a seu turno. “Sou tua abisma.” Revela o novelo que atrela ao apelo que zela o prelo e revela o sonho de outra Erah em outras terras à vela. Cataclisma dos modos de ideações sísmicas nos sistemas de tramas míticas. Em todas as telas a face da diferença se reproduz, tornando-se cada vez mais repulsiva. Copistas tão melhores quanto mais doutros copulam. Recapitula os sonhos que mantiveram a noite, agradece por despertar, bate o pé do corpo de dentro e de fora, alonga e desperta o corpo, honra a divindade que une todas as coisas meditando sobre o vazio, limpa a casa, honra as divindades múltiplas levando o corpo a seus limites, banha-se, unta-se de perfumes, perfuma a casa com incensos e honra os minerais com água, desjeja levemente com um chá que condiga seu temperamento vigente, jardina regando os vegetais e arando a terra, escrever aos ancestrais, alimenta os animais, desjeja com frutos e pães enquanto começar a cozinha, responde às cartas dos contemporâneos e receber a visita dos que precisam de ti, ajudar ao menos dois necessitados merecedores, exercita a respiração, se alimenta lentamente e agradecendo aos sacrificados pela sua nutrição, le os textos mundanos, escreve aos contemporâneos de modo a prevalecer a justiça comum, executa a prática que lhe cabe até que sol repousa, sempre prestando honras ao próprio corpo, agradece a possibilidade de executar o que lhe cabe entoando os cânticos, recebe a visita e visita os sábios, pratica as abluções e libações com ervas sagradas, reflete sobre os piores males vigentes, soa a música e cozinha, se alimenta levemente, exercita o apaziguamento através da respiração, escreve às gerações vindouras, alonga o corpo relaxando-o, cuida do corpo de suas amadas pessoas, satisfaz os desejos de beleza e prazer, medita agradecendo o dia que lhe foi permitido, esquece-se, sempre de acordo com as necessidades do tempo.

Enriquece a água simples em água pesada. As empirias são exatas, a matemática falha por excesso de linguísticas. Se o presente se desliga do passado, trata-se de uma ruptura não com todos os passados, não com os passados que atingiram a maturidade mas com o passado recém-nascido, com a civilização moderna. Era de rupturas, uma patética declaração de um cientista, um discurso de um artista, um editorial do boletim dos atomistas africanos produzem o mesmo efeito de um manifesto rosa-cruz. Mesmo as épocas de expressão são dignas de desrespeito, pois são o modo da criação, dura e absurda. Se a época é terrífica, temos o desejo de amá-la ainda mais, de penetrá-la com nosso amor, até que tenhamos afastado as enormes montanhas que dissimulam a luz que há para além delas. Poetas, historiadores e filósofos sentem orgulho em dizer que não queriam sequer prever a hipótese de aprender o que quer que seja em relação às ciências. Fusão das zonas, conglomerado de acontecimentos singulares saturados de contingências intrínsecas que obstruem sua calculabilidade. Leis, estranhas mesclas de pretensões científicas e restos teológicos capazes de reportar significativas percepções considerando cobrir o passado em sua totalidade presente sesível, dando foco a padrões e configurações normalmente despercebidos. A pseudomorfose atuante sobre a história dos assuntos humanos, diferente da história natural, cujos componente narrativos podem, em princípio, ser substituídos pelas tais leis, deve conservar uma qualidade lírica da épica e uma quantidade épica de líricas. A lenda serve de suporte a uma realidade: A sociedade anônima, mas não secreta, dos esclarecimentos. Conspiração à luz do dia, não há outro estudo além do da natureza. Disciplina e maestria se tornaram negação, sentindo a pressão de manter-se ao topo, a música faz tentativas irracionais de comover através da fluência em linguagens do inconsciente, confiando nos sonhos, oráculos e auspícios para dirigir as evidências dos sentidos e as razões medidas. Sobrestimação das próprias habilidades no processo criativo dedicado a ajudar a criar beleza no mundo. A ciência como natureza do misticismo, máscara da superstição a estetizar em preconceito a sensibilização em estado bruto da aliança entre o maravilhoso e o positivo numa linguagem forçosamente incompreensível para o vulgo do burgo sob o jugo do vendo alugo consumo sugo. A história como processo vital, atravessa-nos implicando nossa existência inteira. No universo das indústrias criativas a originalidade é mato. Agroindústria do gado espiritual. A civilização triunfa porque é uma aliança global, seus inimigos fracassam porque não passam de seitas. Fragmentos enigmáticos de uma biologia do rizoma musical, as ervas daninhas do ritornelo e as árvores da estrutura harmônica da história. A graça do outono da garça a despertar. Ergue-se a cruz sobre um eixo psicossocial, sentimento órfico e sublevação ligada ao apostolado político essênio da polarização empedoclista. Ao pretendermos emancipar tudo, emancipamos também a guerra. O universo em flagrante delírio de obscurantismo. As ferramentas se simplificam conforme o pensamento se complexifica, por isto o emburrecimento em prol de arapucas e pedágios. Matemáticas perspectivas medievais do sonoro, não existe uma era que seja o meio. As artes belas inventam o nojo às fezes e demais excreções, às purificações e suores, limitando o jardim do que no corpo pertence ao espírito e dando a isto valor de ânimo. Irresignificável transintegração, a historicidade das eras está se desenrolando sob o signo do pessimismo, a homioiose do bidmut. Gimnopedieocracia do destino atado à aventura da espécie. O problema das diferentes estruturas mentais é posto com clareza no plano de investigação físico matemático. A compreensão recíproca dos séculos e dos milênios, dos povos, das nações e das culturas, assegurando a complexa unidade da cultura humana, literaturalmente na dimensão da grande temporalidade. Trata-se simplesmente de procurar correspondências esclarecedoras. Estas podem permitir-nos situar a aventura humana na totalidade dos tempos, num que regula probabilisticamente o conjunto de forças que se mesclam. A imutabilidade estética tomista, todas as suas sutilezas, seus arroubos são em torno da idéia do motor imóvel, símbolo solar do patriarcado, agora revestido dos mitos iconográficos da pele do cordeiro e as pombas da paz. A consciência nunca é admitida sem discussão nas equações de física teórica. Saber as pontes não altera a liberdade ao timão. Alta e baixa meio temporal da formação de eras por eros. Nome, sobrenome, patronímico. Velho esperma cósmico, pneuma, plasma do céu paralelo, matéria imortal que forja o messianismo genético dos estados de ficção, distúrbios de alienação em que se entoca e desenvolve o eu agredido pelo ambiente. Histeria da história da paranoética, paranóia estética dos delírios de ciúme, de religião e de autoria, ausências que passam pela percepção poética do desenvolvimento no trauma, temas da derivação da doença. Um fôssio imenso separa a subjetividade da aventura da espécie, nossas sociedades da nossa civilização. Dissimulação da ciência, a poesia consiste na captura da estima pela lei da piedade, pois a majestade sagrada deseja que todos os seres animados usufruam de segurança, liberdade, paz e felicidade. Psicologia da linguagem, quer dizer, propaganda. Quem sente a necessidade de ensinar não vive inteiramente a sua doutrina e não atinge o ponto culminante da iniciação. Tudo começa, tudo acontece pelo contato com a matéria. As novas Índias, jamais abordáveis, descobertas até a nudez da

geografia do riso. Ethos do zeitgeist filológico. Sintomatologia da poliarquia plutocrática do maquinarcado de negócios. O mundo não é absurdo e o espírito não é de forma alguma inapto para compreendê-lo. Antes pelo contrário, pode ser que o espírito humano já tenha compreendido o mundo, mas ainda não tenha se decidido a ouvi-lo. Na física, na matemática e na biologia modernas a vista estende-se até o infinito, mas a sociologia tem sempre o horizonte interceptado pelos monumentos dos séculos passados. A panarquia não serve para nada, enormes inteligências coletivas e anti-sociais a negam por preguiça e auto-indulgência. Admitimos a suspeita contra a máquina, microhistórias se formam nos choques elétricos que servem a tecnologia da informação, mas ainda exaltamos o humano em demasia. Falar difícil é pilhar a sacralidade do carnaval cabralino, lei agônica, o sexo dos anjos, canonização e separatismo étnico, cânone muratori, teodicéia hegemônica. Mais do que um progresso, uma transmutação do próprio transmutante. Experimento sobre os absurdos, a própria estrutura dinâmica e fluida do entendimento se modificando. A pena que empunha faz sua épica apagar-se por obra de ficção, ruminar desenhando pastorais com carvão. Linguagem secreta, quer dizer técnica, resistência estética contra a epicização do vil. Enquanto alimentamos o sonho de obter seja o que fôr a troca de coisa alguma, valor sem trabalho, conhecimento sem estudo, poder sem sabedoria, virtude sem ascese, as sociedades supostamente secretas e esotéricas prosperarão com suas hierarquias imitativas e o seu rosnar que imita a transcendência da inteligência pela experiência. Um pouco de futurismo aproxima-nos do passado, ciência contra o controle. Grandes descobertas com materiais simples, equipamento sucinto que a partir do momento em que pertence, se torna lento e desengonçado. O comportamento de grupo é mais previsível, rígido e calculável, que o subdívduo. Os ritos, atividades rotineiras eternamente repetidas e outras coisas pelo estilo, coincidem em formar o fundo de nossa existência social. Componentes relativamente sólidos persistem em uma substância mais líquida: a torrente e o fluxo das opiniões, baseadas em falatórios e que carecem de coerência processual existencial. O clima da informação no câmbio histórico provocado por uma mescla de sentimentos e ressentimentos, e o barulho das noções confusas da realidade física: os ventos e as tormentas sugerem que a mente é impotente para interferir nos processos sociais e que, por conseguinte, estes processos obedecem a leis que não podem ser manipuladas. Caráter provisional das classes e das leis sociais, sejam científicas, estéticas, éticas, políticas ou morais. Comida regada a pré-sal, pobreza e vício alquímico no albedo adquirido do nigrado, os dois mercúrios, vermelho e branco, plaquetas e glóbulos, xyz da eletricidade no túnel. Iluminismo, invelação da cidade nascida da terra e dos chorumes que revela o novelo que atrela ao afeto que zela o prelo que revela o cataclisma enquanto modo de ideação sísmica nos sistemas de tramas traumáticos das tramóias míticas. O esquecimento não perdoa as indústrias hefísticas, mais antigas que as ciências. Os antigos, servindo-se de técnicas muito simples, obtinham resultados que podemos reproduzir, mas que, a maior parte das vezes, temos dificuldades em explicar, apesar do imenso arsenal teórico de que dispomos. Essa simplicidade é o dom por excelência da ciência antiga, como diz naquela cantiga: “Compreender é tão belo como cantar. Tudo o que é compreendido certo está também.” Repouso e movimento da larva. Catástrofe e catarse, amor à dial estética. Assinala a fatal inclinação do historiador general a restituir seus pais a todos os órfãos baixo seu cuidado. No super radar do satélite, já estamos todos mortos. Catedrais de ciclotrons, matemas gregorianas. Ciência calma. Coloca o teu crisol sob a luz polarizada. Lava as escórias com água tridestilada. Ou a magia da cronologia, processo histórico que evolui as materializações e energizações que regem a harmonia ambígua das durações. Processo fantasma, ambiguidade repercutindo sobre as leis que supostamente governam. Ênfase sobre as similitudes, arrancado do contexto cultural que encerra o segredo de sua significação. Todos querem ser reis e por tal fé e falta de fé pagam sendo obrigados a servir servidores de reis e reis na sua própria crença. Anátema, metaorfeo ateia fogo ao cânone com faíscas de outro. Existem locais no mundo onde a densidade intelectual é particularmente grande e onde se afirma uma nova clandestinidade do espírito, a eletricidade se revolta com o socialismo meramente humano, o simbolismo atômico vê surgir, através de uma multidão solitária uma civilização diferente das suas formas exteriores, até sentir um estalo das consciências, a aparição de novos mitos. Escolha a catástrofe não adaptada das noções herdadas que moldam uma filosofia simultaneamente sinistra e profunda, mais fácil de manejar que os pesados e delicados instrumentos de análise do real. Fadiga nervosa do espírito da civilização em devir, preocupado com suas próprias conquistas, mudança de pele. Passagem de plano, diferença de fins, peregrinação contemporânea pelo prospectivo. Os corpos sociais, coletivos e comuns nos campos de concentração manicomial. Esquizofrenia crônica. A couraça é o crack da alma, é a vaidade que queima seus karmas em outros novos, e não o desejo. Extração da pedra da razão da era do silício, batalha da história contra o tempo. Castelo de pelúcias e outras estimaçoezinhas, clube de quimioterapia. Sociedade transparente, neurose circense neurociente.

Tormento prometéico, os gritos das rochas. E num só olhar, você está dentro da mente de outras pessoas, talvez mortas há milhares de anos, ouve seus corações a rir. As marcas são a religião da ciência, os estilos são cercas, ir ao encontro nunca ficará gravado no disco. A história é feita à noite, as baladas na discoteca, o potlach da dádiva de duração, enquanto musica o roubo das músicas negras pelas gravadoras brancas. A história talvez tenha uma moral. O autor, certamente, não. Pede-se permissão para entrar nas montanhas encontrar o pajé e não se perder. Trazer a escuta de volta à vida. Acústicas coletivas, a pornografia da sedução desmedida, eros soterrado por câmaras, seus arquivos de poções mágicas perdem a ilusão que nunca tiveram as Divisões do Prazer. Através de milênios, um autor está falando clara e silenciosamente dentro da sua cabeça, diretamente contigo amparado em incontáveis minúsculos ombros. Um relógio dos últimos três mil anos da história humana, cada minuto sendo cinquenta anos, tendo num dia o período no qual usamos a escrita. A imprensa surgiu nove minutos atrás, telégrafo e a fotografia a três, o filme sonorizado a dois, a televisão a um e o computador caseiro a quinze segundos atrás. A incerteza é uma característica almejada e não alcançada pelo acaso, mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. A formação dos catálogos, os filtros como armas curatoriais contra a enterrada de constructos teóricos testados na prática física das estruturas implícitas, lirismo das grandes narrativas dos artefatos, panteões de discursos silenciosos indiciais sempre atualizável e fechada publicação da arte de produção do desejo de escuta da coincidência pela justaposição que geram a impressão de ordem na dispersão de relações substanciais de sentido e a presença contínua do sonho mesmo na vigília. Não se é mais um autor, é-se um escritório de produção, nunca se esteve tão povoado. Ser os bandos onde vivem os piores perigos, reformar os juízes, tribunais, escolas, famílias e conjugalidades, mas o que há de bom em um bando, em princípio, é que cada um cuida do seu próprio negócio encontrando ao mesmo tempo os outros; cada um tira seu proveito, e que um devir se delinea, um bloco, que já não é de ninguém, mas está entre todo mundo num mundo dirigido por idéias do passado a tal extensão que torna difícil imaginar outro mundo que nunca existiu. Somos possuídos pelos fantasmas do passado através de imagens passadas. Ciensofia demagônica da religiosificação das grandes narrativas, o vício em conceitos-chave, onde a autoridade é inferida a uma parte de um sistema simbiótico de cânones, para que possam uns se associar e outros negar sem que o sistema se altere. O núcleo dominante inventa a rebelião para a manutenção do quadro de debate que estabelece. O sistema crítico, a discussão moral do kitsch, a diferenciação só e em discordância que cria os sistemas pessoais que entram ou não em contraste, mas sempre se embasam, no sistema narrativo geral. Dissonâncias arcanas. Brilhantes esperanças às cinzas das efeméridas, delírio hiperativo de substância e retroalimentação, consensos chave. Acolhe em si e redime as contradições e problemáticas da existência, não mais a autoridade artística ante os críticos, mas sua autorização junto aos políticos. A forma pela qual a sensibilidade é massacrada, amordaçada, difamada, ridicularizada, proscrita, anatematizada, perseguida, insultada, martirizada, deformada. Uma hístória social da contracultura se acompanha de mutismos forçados, assim como seu desenvolvimento interior de silêncios consentidos. Constata-se uma espécie de conflito essencial entre sua existência e sua condição, ainda que se fundamente não mais filosófica mas socialmente. Se o racionalismo nega seu fundamento, isto é, sua razão, seu valor, até seu ser teórico, forças ameaçam sua fundação, isto é, sua organização, sua função, até mesmo sua existência sensível imanente. Dessa vez a arte é desfeita, submetida à metamorfose em entretenimento ou utilidade acadêmica e industrial. Na impossibilidade de abatê-la, pode-se desnaturá-la. Há a falsificação acobertada pela compreensão. Pode-se assim interpretá-la, deformá-la, reconstruí-la, modernizá-la, traduzi-la. Descarte-se todos os aspectos sagrados e secretos da arte e já não há mais porquê negá-la, ou oprimi-la: não se fala mais na arte; o tratamento histórico ou técnico representa um modo de falar da arte como se ela não fosse arte. No caso da redução de seus aspectos artísticos, a arte é reconduzida ao entretenimento. No caso da recuperação, um fenômeno estritamente artístico termina por servir a ideologias, a interesses que lhe são totalmente estranhos, até mesmo contrários. Basta evocar as artes marciais como são atualmente conhecidas e praticadas, sem uma metafísica, sem prática meditativa, voltadas para a eficácia imediata, para a rentabilidade, dirigidas pela concorrência e pela competição. Politética heteronímica prática que permite à arquitetura da formação phoder filtrar as delusões, alinhar todo o material disponível em articulações pessoais, calibrar os gestos de arquivar, Dinâmica da reciprocidade entre ouvir e pensar a escuta. testemunho permanente, campos de releitura da transcrição metabólica arquitextural. Unidade de duração no hiato entre patho e fato. Abertura para a cobertura teórica de práticas, véu mágico que esconde o que é feito em discursos herméticos e inverificáveis. Alegria da

inconsistência de contar histórias, consciências completas desnudadas e engajadas na complexidade proteica das trajetórias relacionando-se num incomensurável. Ambiente que unifica cada elemento da panóplia numa direção e propósito em função da aestória, ambiguidade rica da falta de caminhos marcados. Finalizações abertas. Presente prenhe de passados. As bancadas têm péssima vista para o palco, mas ótima da platéia. Um sumário para a indetificação por posse da poluição digital. Terrobscurantismo da colapsliber. Obsessiva idéia de fundar uma nova caordem frente às categorias exauridas da antiarte e a indignação da rebeldia ética, a quase catatonia do quase cinema e o júbilo epifânico do é de em. Não são os povos ou espécies, são sonhos – frequentam o espiritismo dos ideais, a macumba das políticas, o candomblé das ciências, a umbanda do serviço social, o budismo linguístico– trepam com camisinha, portanto não somente para fabricar filhos, mas pelo prazer desta prática sagrada que é o ato sexual em si – um ato de amor, de criação e procriação quando há consentimento das partes. Se casam, como os gays de hoje. Se a mulher que é mulher sabe que quer abortar, aborta e depois confessa e comunga um sentimento religioso órfico em todos nós, diante do mistério da vida no cosmos. Nem inexata como as coisas sensíveis, nem exata como as essências ideais, porém anexata e contudo rigorosa. Inexata por essência e não por acaso. Pálida e difusa cópia do imenso e abrangente desenvolvimento de um intercurso entre a vida objetiva e aquilo que a sustenta, alegorias e mitos. Rede teatral. Diminutos seres, reflexo do grandioso negotik favela chic detournement do espetáculo social das situações, o oposto do caos é ainda mais caos, ananarquia. Não construída com fatos, mas através de todas as causas subjetivas que moldam, sem determinar nem coagir, o urdume sobre o qual a inefável liberdade humana tece a sua trama através de fatos representativos dessas causas subjetivas. A ficção histórica transhumaniza no sentido mais amplo, porque ajuda a enxergar os outros seres no humano e o humano neles, a enfrentar a própria condição humana. Fundamento da cidadania enquanto estratégia de administração de massas antropóides, o problema da demarcação, a falsifiabilidade empírica da ficção científica, se a arte é a mais bela das mentiras e o amor é a verdade, o amar é a mais bela das artes porque é a única arte da verdade enquanto aceitação de todas as mentiras e suas consequentes enveredações. Fenômeno anti-histórico e anti-dialético, no sentido marxista clássico dessas duas expressões. A dinâmica da história poética presente e futura obedece a uma dialética nova, pois sejam quais forem as teses e as antíteses, o tesão dentro da consciência de cada pessoa a cada instante, a realidade está sendo vista e percebida através de movimentos contraditórios como na dialética tradicional. A linguagem natural universal(1,3,13) foi gerada desde a expansão do universo plasma de quarks e gluons há 13,7 bilhões de anos. Ela foi integrada em hadrons e núcleons dos isótopos de elementos leves D, He, Li formados nos primeiros instantes do universo dominado por radiação na nucleossíntese(3); estruturada por montagem randômica nuclear dos elementos químicos fabricados pela explosão de estrelas no universo dominado pela matéria(3); direcionada por orientação magnética oriunda do spin dos átomos e elétrons(12); embebida pela interação eletrofraca de bósons w e z acoplados ao espaço(3) e instalada pelo direcionamento de sinais intrínsecos produzidos pelas proteínas para localização em célula controlada pelo sequenciamento do DNA(7). A execução primária da linguagem(13) é resultante das heranças autonômicas de hierarquias de calibre transmitidas pelas interações fundamentais(3), em especial entre fótons e estruturas moleculares ativadas por isomerização dos fotoreceptores de rodopsina(4,5,8,9,10). É determinada pelo entrelaçamento dos sinais de comunicação eletroquímica do sistema neuro-visual(6,7,10,11,12) com as três cores de quarks up e down e as oito matrizes de correntes coloridas dos campos de gluons e respectivas antipartículas(1,2,3). Estagnação do desejo, petrificação das energias criativas. Recusa em deixar o passado ir, resistência à mudança por medo das próprias emoções. Não tenha grandes idéias, elas vão acontecer e não importarão. Depois de haver peregrinado através das espécies, e lutado com maior ou menor êxito para nelas imprimir sua marca, a Doença, cansada de sua carreira, quis sem dúvida aspirar ao descanso, buscar alguém em quem afirmar sua supremacia em paz, alguém que não se mostrasse rebelde a seus caprichos e a seu despotismo, alguém com quem realmente pudesse contar. Hesitou, procurou à direita e à esquerda, fracassou muitas vezes. Finalmente encontrou o homem, se é que não foi ela que o criou. um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos presentes, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. A vida vista como um processo contínuo de aquisição de dados, um experimento contínuo que todos nós podemos assumir como postura científica, onde assumimos a responsabilidade de tentar entender o processo, não cabendo delegar essa responsabilidade exclusivamente a especialistas acadêmicos. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. O que chamamos de temporal é

justamente esse temporal. Contexteúdo da linguistatística, contextat do hábit chiaroscuro, alterautoridade. Todas as ideias soam brilhantes. Até que os acadêmicos espectadores se movem à próxima coisinha brilhante. Uma pedra no céu. Conheça seu inimigo. Centro cultural cidade. Mitridatismo de uma aprimeira história universal da ficção histórica da história. A memória é mesmo um vento: esta corrente de imagens que nos sopra, o espalhar de tudo em todas as direções, nosso fluxo zunindo pela cabeça, o rearranjar-se flutuante da superfície viva em acontecimentos e vozes, uma tal instabilidade sonora, nos ouvidos do que já nos atravessou, sempre recordação provisória, só o curso de lufadas tempestuosas de sensações, vibrações na ventania que passa e distribui cada ser em meio à grande confusão dos dias agitados, também a deriva de coisas alinhavadas, na sempre circunvolução dos ares incontroláveis do tempo, onde nos perdemos na lembrança do que nos mantém presentes, ainda agora, depois de tudo passado, por nós, como acidentes necessários de um temporal que resiste, como se portássemos sentidos apenas nas narrativas que respiramos, ainda no dentro da gente, um enredo dando cordas em nossos corações erráticos. Exterra de exnós, o deserto me desconhece, a noite tampouco e os cavaleiros não podem acompanhar os que voam tapetes. Cumpre trazer de volta ao passado a incerteza do futuro. A resolução é medida por quem a toma, como a generosidade por quem a doa. A pequenez é aumentada pelos pequenos enquanto a grandeza é depreciada pelos grandes. Estética nos olhos dos outros é reflexo. A base nua, a fase crua, ata-se a lua à etrela através das deuterotopias buscando um exílio ético num spa estético de operações subjetivas. Sem palavras escava muralhas sem pegadas no caminho o sol é curvo. Feudos pós-industriais de bureautização pseudo-hedonista do convívio a partir da mercantilização cultural semi-escravagista de símbolos caorganizados perspectarquicamente em regimes de síntese vocabular pragmática hegemônica conquistada a partir da xenofobia de modos de conduta, interfaces semiosentimentais em servidão voluntária a partir do vício estésico nos delírios de poder e na captura mais ampla possível de consensos simbólicos do (auto) controle ideológico. Os seitistas foram o primeiro e maior caso deste modelo de rede de arte, mas pode-se trocar um ídolo por qualquer outro e um transe espiritual por uma ilusão qualquer, a música segue embora se dance menos, qualquer texto se sacraliza, qualquer que leia o texto ou tenha o direito de fala se canoniza, não uma seita, mas uma religião instituída com seus pastores, universidades de evangelização e todo o aparato militar calando o que considerem tabu impautável com anjos conceituais polinéticos. Desescolarizar o sacrifício. Não sabe a pergunta de partida, processos cognitivos de produção de insubordinação sobre o desejo de comentar. Mitodologia argoementativa. O papel do papel escrito no papel. Crisística em técnica não específica. Pensar mais no que não se pensa. Evidências truncadas, amostras histeóricas, idéias incipientes. Reencontro inevidente. Nevral ao primado da identidade simulacral, a polícia dos livros filosóficos engenham ciências da ficção do conhecido ao desconhecido, contra este tempo contraindo o porvir. Descognouvido composto incompleto. O longíncuo íntimo à perspectarquia. Encerramento kármico dos sofrimentos no sudário da virtude. Espelhos verticais falsos, mínima fantasia do horizonte móvel. Condições da transmutação do geistzeit, agonística posturação, pedagogia. Herança cultural dos excessos naturais da história. Ontodoxia canônica da tradução. As instituições ocultam o método e geram as escusas da imputência consentida. Cogitatio facultatum concordia externa naturalis. Modealidades de soluções, inquirição, mímica e química de fatos humanos. Uma escola desaparece nos ombros dos adultos para uma lúdica gestão pueril, socialmente reacionário das préguas. Máxima morália metaergo. Os falsos pretendentes a profeta devem ser humilhados, perdoados e esquecidos, os profetas nasceram esquecendo-se. Enredo que explica como um enredo se produz. Não-sensos pelejando com banalidades e mal-entendidos. Articulações de verdades das produções metodológicas. Difração d'O Livro do surpreendente. Contingência daquilo que força o desejo de pensar e sentir e sonhar. Jurisprudência dos afetos, a mór. Os discursos da discursividade e sua negativa. Acaendemia cinética cosial, inércia circunstancial. Opacidade e repressão, implosão unificante. Se a escuta está sempre desfocada, nada é ouvido. Práticas de repetição diferencial das técnicas de errar. Diruerda e esqeita. Experiplorar as nébulas problemáquinas, deslegitimando a legitimação. Divinação de Erros. Hipóteses empiricidas, desejo de não bastar, gestão das liberações, insurjerências do capital de prestígio e os empecilhos de haver dúvida política, necessidade ruidocrática. Caosciência e transerência. A absorção institucional da crítica à cooptação. Autótese da metasabotogênese. Artefacto excolar, magma invectivo, nova linguística analfabética. Criação literal de uma impotência filosófica do tesar. Poítica divergente de leituras, codesibir o julgamento das passagens, dada academização total das paragens, trabalho de operário. Rescrita permanente, rasura das borrachas revisionistas. Que possa falar mais das tuas dúvidas assumindo as minhas. Nos veios das letras encontram-se delicadas diferenças. Dilatar o tempo da leitura até que encontre o da escrita. Evadir do prosaico, escapar à pedagogia e seu sistema carcerário de conformidades. Escrever para

não mais analisar a escrita. Idealização escriturária da metapoética. Tratados sobre o que ignoramos. Paridade de armas entre acusadores e defesas. Sonhos plausíveis. Diferenciar diferentes diferenças. Justificativa à utopia vívida. Intrangeiro semifronteiriço. Difração interminável da beleza. Fatos reais, os protagonistas podem ser fabulosos e não poucas vezes fantásticos, mas fatos reais. Levar do terror à piedade pelos caminhos do coração da história para encontrar a inflexão que amplia cada biografia em incontáveis histórias com suas historeografias conflitantes encadeadas em míticas. A individualidade dos sistemas de classificação das uniformidades, os personagens pedem equívocos para que não se erre como o real demiurgo. A ciência histórica nos relega a incerteza como pragmática. Desqualificando o geral. Extravagância de lim. Biofagias das pessoas imanes. Eleger rasgos humanos do caos. A vida da escuta humana. Glória aos outros. Imensos são os outros. Tú não sabes o que é isto. O espírito livre de biografias, patrimônios ou genealogias, impulsivo, indiferente às convenções e todo saber estabelecido, cresce devido às constantes e sucessivas rupturas e desmascaramentos. Artífices da tecnologização da ciência, marxting da comunálise prisma. Um póstumo florífero préstimo a Sanatam Dharma, religião eterna pístia perennis corrente do ser transteísta das contemplações, tawhid, santíssima efusão. Deixar de ler as palavras dos pais dos órfãos. Êxtase místico em um colóquio através das grades. Privação sem consolo. Tantos corpos e semblantes sentados no palácio, única lama. Eu é no outro. Tods são ilhas conectadas sob um mar. Eidolon, ínfero essencial. Fazer primeiro, saber entre, educar findando na deuteroprendizagem. Desvendar os planos imaginários da linha de fuga. Instintutos de todos trançados da univocidade com alheio motor da randômia de babilaks totêmicas da histribo. Desópera de sosegos, das raízes às rotas. Aurática digital em linguística de programação orientada a sujeitos. Questar verbo. O instrumento informa o que ocorre no presente, a máquina vive no passado e a criança ainda não é. A estruturação megalomaníaca da novidade mundana admirante. Panegíricos infracoloniais, horror vacui vis magia naturalis. Metafisognomia da psiloquia, as lentes côncavas não têm ponto de combustão na espacialização cultural da busca. Horizonte temporal horizontal, repito: perspectarquia mitodológica. Movimento dos sem-céu, extra-sístole de uma arte temporânea. Morfofetichismo, carpe codex. Conceptextos da indisciplinaridade. Exílio ético, retiro estético. Altra. Metatransdução aidentitária sem coadjuvantes, outra história. Biocosmose quasi-ergódiga. Bibliografia sobre referencialidade textual e citacionismo. Lunagem da linkania subjetiva, rede temporal dos efeitos psico-históricos nos humanos. Caráter antecipatório da fricção fictícia. Se já há tanta história, há consequências na linguística poiética para ir além dos degraus que nos foram dados. Museu do incidente. Coloca-se no lugar do tempo, ao lado das novas ligas que tentam acelerar o processo natural de subversão das linearidades, reconhecimento louca do devir paradoxo. A história esquece a guerra, há outras guerras que precisam nascer: dando por encerrado o ciclo histórico dos ciclos históricos, e, portanto, dando por encerrado o ciclo histórico das totalizações promovidas pelos aparatos institucionais de identificação, o que resta agora é tudo, sumindo do mapa da inteligência empenhada e não-ornamental, a direção dá lugar à duração. Lembrar é insistir, incompleto até que você some sua parte. A paisagem sonora do modernismo fantasmático é acendida com os detritos dos movimentos musicais passados e guiado pela incorporação das partes de suas lideranças revolucionárias. O cemitério está cada vez mais acessível aos vivos. A trajetória linear do tempo e todas as suas entradas cremadas são sopradas através do vasto campo, oferecendo aos residentes desta eragora a oportunidade única de experienciar múltiplos tempos simultaneamente, nunca tendo de se comprometer completamente a nenhuma e ninguém e quando o valor simbólico deste paradigma se perde, sua manifestação corrente traz consigo certos perigos. Quando deixamos de distinguir o original e seu fantasma, ele se torna possuído e não mais está apto a receber estados extáticos. A morte do original e o declínio do poder simbólico estão irrevogavelmente ligadas posto que em cada tempo um gesto criativo periódico ou estilo de musicar são imitados, suas forças vitais são diluídas e o impacto simbólico original das ações esvanece. Uma vez que as referências históricas apontadas se exaurem, bandos começam a imitar a imitação, e então a história é amaldiçoada à eterna repetição musical pela diferença na qual cada ação sucessiva se torna menos significativa, posto que é um caminho nihilista de distração da fonte. Isto não pode ser confundido com o impulso arquetípico de canalizar, o retorno à fonte, movimento criativo que tira força inspiracional do passado de modo a melhorar as conexões entre o êxtase e o presente. Trata-se de um embate dentre a um movimento destrutivo do passado como trauma, incapaz de responder a este de maneira original e significativa atormentando a presença da presentificação com a nostalgia e o kitsch. Se um sistema é passível de abusos, a história não questiona se este ocorrerá, mas quando, onde e como podemos evitá-lo. Se os mitos se pensam entre si e pensam primeiro a sociedade, eles são um discurso da sociedade sobre si mesma. Ninguém jamais ouviu deus, e de nada adianta dizer-lhe o que soar. Só fale deste livro cantando.

物の哀れ Histeoauria



幽玄

e conhecer

侘寂

ainda mais

初心

isto

